Salesianidade
e Acompanhamento Espiritual

Sumário

ESCUTA DOS JOVENS 05
Escuta como CONDIÇÃO 07
Escuta como OLHAR 08
Escuta como SILÊNCIO 09
Escuta como CONFIANÇA e ESPERA 10
Escuta como ACOMPANHAMENTO 11

O DISCERNIMENTO E A DECISÃO NO PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO 14
Abordagem da questão no contexto da Estreia 15
Ensina-nos a acompanhar a vida dos jovens! 17
De que acompanhamento estamos a falar? 19
A relação pastoral 21
Ensina-nos a discernir tua presença na vida dos jovens! Senhor, que os jovens saibam discernir tua presença e amizade! 24
Regra fundamental e básica (observar e centrar o 'coração') 27
Sinais de discernimento espiritual. Capacidade de enfrentar a vida 31
Dinâmica espiritual do chamado vocacional 32
O discernimento requer mediações e ferramentas práticas 33
Conclusão 36

A ARTE SALESIANA DO ENCONTRO, DO ACOMPANHAMENTO E DO DISCERNIMENTO 37
Pedagogia narrativa do acompanhamento no discernimento dos jovens 38
Dom Bosco acompanhante porque discípulo 44
Conclusão: Educar e planejar hoje com o estilo do acompanhamento 47

JORNADAS DE ESPIRITUALIDADE DA FAMÍLIA SALESIANA 51
Uma Família Salesiana contemplativa e com os olhos bem abertos 52
Uma Família Salesiana peregrina nos lugares e nos corações 53
Discípula do Senhor e Mediadora da sua Palavra e do seu convite 53
E, finalmente', uma Família Salesiana do "já" e do "imediatamente" 53

ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES 55
A formação dos formadores 56
Preparar formadores e não só professores 56
O modelo de formação 57
Considerações concretas sobre a formação dos formadores 60

O DOCUMENTO PREPARATÓRIO DA XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS E A PASTORAL JUVENIL SALESIANA - SEUS ENLACES CONVERGENTES 65
Conclusão 69

CRISE DE IDENTIDADE OU O MAL-ESTAR DA FÉ NA VIDA CONSAGRADA 71
Uma reflexão 72
Os sintomas 73
Um diagnóstico 73
Uma terapia 77
Pistas para a reflexão 81

TRÊS OPÇÕES ESTRATÉGICAS PARA FAVORECER A FORMAÇÃO PERMANENTE 82
A comunidade inspetorial 83
A comunidade local 84
O diretor, animador da identidade carismática e da missão apostólica 85

ILUMINAÇÕES SOBRE O ACOMPANHAMENTO PASTORAL SALESIANO 88
O acompanhamento no magistério de Francisco 89
O acompanhamento na Pastoral Juvenil Salesiana 90
A identidade e o carisma do Acompanhante Salesiano 94
Perfil do Acompanhante Salesiano de Jovens 94

ACOMPANHAR VOCAÇÕES, UM DESAFIO 96
O (a) animador (a) vocacional e o processo vocacional 98
Ser convicto (a) da própria vocação, para acompanhar 98
Implicações eclesiais no acompanhamento vocacional 100
Capacidade de acompanhar 100
Convicção e disponibilidade para acompanhar processos 100
Sabedoria Espiritual 101
Concluindo 101

▶ Escuta dos jovens

> **"***O primeiro serviço devido ao próximo é escutá-lo. Como o amor de Deus começa com a escuta da sua Palavra, assim também o início do amor pelo irmão está em aprender a escutá-lo. É por amor que Deus não só nos oferece a sua Palavra, mas nos apresenta também o seu ouvido. Do mesmo modo, é obra de Deus se somos capazes de escutar o irmão. Os cristãos, especialmente os pregadores, acreditam com frequência que sempre devem 'oferecer' alguma coisa ao outro, quando estão com ele; e têm-no como sua única tarefa. Esquecem-se que escutar pode ser um serviço bem maior do que falar. Muitos homens buscam um ouvido pronto a escutá-los, mas não o encontram entre os cristãos porque estes falam mesmo quando deveriam escutar... Quem não sabe escutar longamente e com paciência falará sem tocar realmente o outro e, enfim, nem sequer o perceberá mais. Quem crê que o seu tempo é muito precioso para ser perdido na escuta do próximo, jamais terá realmente tempo para Deus e para o irmão, mas sempre e somente para si mesmo, para suas próprias palavras e seus projetos" (Dietrich Bonhoeffer, 1938).*

Creio que o Senhor me tenha pedido para aderir ao serviço da ESCUTA quando, há alguns anos, vivi a minha primeira mudança de casa e fui viver "numa comunidade de formação": o postulado. A experiência de 4 anos obrigou-me a dar espaço e tempo ao outro. Não é que antes não usasse o meu tempo para escutar; já me acontecera recolher muitas vezes a vivência dos jovens que encontrava, mas entendia que essa nova obediência estava pedindo de mim outro nível, um salto de qualidade; devia escutar não o "que", mas o como, não "as coisas a fazer", mas os movimentos interiores, os silêncios sem nome e os desejos não expressos das jovens que encontrava e que me pediam um espaço específico.

Essa grande dimensão abrira-se então, e foi para mim um apelo, ao qual não sei se respondi adequadamente, mas hoje percebo que é parte de mim e que o Senhor me pede para cultivá-la sempre mais. A consciência de que a escuta não é apenas uma atitude, mas uma condição necessária, ajuda-me a escolhê-la como prioritária, entre as muitas urgências, atividades, processos, programas, ocorrências que hoje enchem o dia e as agendas!

Tentei perguntar-me como poderia sintetizar numa palavra ou numa imagem a experiência da escuta e escolhi o ícone da Mulher do Silêncio: Maria. Esse ícone retoma uma pintura mural datada entre os séculos XII e XIII encontrado numa gruta da região de Faras (Egito); pertence aos ícones coptas, caracterizados estilisticamente com olhos abertos e muito grandes. A divindade escuta com os olhos, compreende o outro e o mundo com o olhar.

Trata-se de uma imagem que me é muito cara; mais que uma imagem é um espaço no qual Deus se manifesta. A característica dos ícones é serem não simplesmente uma reprodução da divindade, mas, graças ao mistério da encarnação de Cristo, o ícone é um sacramental, isto é, um lugar no qual Deus está presente e pode ser encontrado.

> *"Aquilo que o Evangelho diz com a palavra" afirma-se no Concílio de Niceia II "o ícone, imagem densa de uma Presença, anuncia-o com as cores tornando-o presente".*

Permanecendo diante desse ícone, sempre posso encontrar um companheiro precioso de viagem, que entendeu tudo da escuta e fez disso a sua condição constante. Ele é todo projetado para o Alto, para o Filho e também para mim... quando o olho, ele tem o poder de olhar-me e colocar-me na posição adequada, e me diz: És relativa, não és importante; Deus é o importante: a nossa verdadeira realidade é a Sua escuta.

As duas experiências são os pontos de partida: viver com as postulantes obrigou-me a "estar

firme" também fisicamente e contemplar Maria que me pediu e me pede para "descentrar-me" a fim de ser toda escuta, à escuta de Deus.

1. Escuta como **CONDIÇÃO**

Há dois anos uma jovem que frequentava a terceira série da escola média e vivia uma situação muito difícil e sobre o que, às vezes, "se conversava", escreveu-me esta mensagem: "Ir. Paula, preciso de um favor. Podes escutar-me mesmo quando não te digo ou não posso dizer-te?" e eu respondi: "Certamente!" Enquanto lhe respondia entendia a essência da pergunta: ela me pedia para sempre a escutar, além das palavras, além dos nossos espaços de encontro, de vigiá-la e de lembrar-me dela ao longo do tempo.

Isso foi e é certamente difícil porque as pessoas que encontramos não são livros a organizar numa estante, mas vidas a assumir. A escuta como condição ajudou-me a alargar o coração: escutar os jovens quer dizer dar-lhes dignidade de pessoas, pessoas que não têm apenas necessidades, mas o poder de mudar a minha vida. Quando Dom Bosco dizia que os "jovens nos salvam", creio que entendesse dizer antes de tudo isto: deixar-se modificar na existência, mudar a prioridade interior.

> *«Escutar é realmente difícil. Fazê-lo produz realmente certo pânico ou vertigem. Significa arriscar encontrar-nos com outra pessoa diferente. "Viver escutando" significa colocar-se em jogo para a comunhão, deixar-se surpreender, apaixonar-se pela proximidade. "Viver escutando" significa apostar na fidelidade ao ensinamento da realidade»*
>
> (J. C. Bermejo, L'ascolto che sana)

Viver a escuta como condição permite desmantelar, ao menos em nível simbólico, o tempo e, portanto, não fazer com que o outro se sinta como uma parte de muitas, mas como a única coisa que nos interessa realmente.

> *"...acolhimento aos jovens. Este é o terceiro aspeto um tanto difícil. Os jovens são cansativos, porque têm sempre alguma ideia, são rumorosos, fazem isto e aquilo... E depois vêm: «Quero falar contigo...» «Sim, vem». E as mesmas perguntas, os mesmos problemas: «Eu disse-te...». Cansam. Se quisermos vocações: porta aberta, oração e estar grudados à cadeira para ouvir os jovens. «Mas são fantasiosos!...». Bendito seja o Senhor! A ti compete fazê-los «aterrar». Ouvi-los: o apostolado de escuta. «Querem confessar-se, mas confessam sempre as mesmas coisas» – «Também tu, quando eras jovem, te esqueceste?». A paciência: ouvir, que se sintam em casa, acolhidos; que se sintam amados. E mais que uma vez fazem garotices: graças a Deus, porque não são velhos. É importante «perder tempo» com os jovens. Algumas vezes entediam, porque – como dizia – vêm sempre com as mesmas coisas; mas o tempo é para eles. Mais do que falar com eles, é preciso ouvi-los, e dizer só uma «gotinha», uma palavrinha, e pronto, podem ir. E isto será uma semente que trabalhará dentro. Mas poderá dizer: «Sim, estive com o pároco, com o sacerdote, com a religiosa, com o presidente da Ação Católica, e ouviram-me como se não tivessem nada para fazer». Os jovens compreendem bem isto" (Discurso do Papa Francisco aos participantes do Congresso Italiano da Pastoral das Vocações, 5 de janeiro de 2017).*

Creio que um conhecimento importante que nos ajuda a viver a escuta como condição seja o saber-se já habitados, o espaço que o outro ocupa dentro de mim já me foi dado, é um dom... o encontro real permitirá dar um nome e alargar sempre mais o coração conforme a sua consistência física (história, caráter, desejos, etc.). Estes dois elementos são dependentes entre si: não poderíamos escutar se em nosso interior já não houvesse um espaço doado, e não poderíamos escutar se não conhecêssemos o outro através de narrações reais e experiências compartilhadas.

2. Escuta como **OLHAR**

A escuta passa através dos nossos olhos, do que vemos e de como vemos. Bem sabemos que a linguagem não verbal é muito mais forte, mais espontânea, mais eloquente do que as palavras que dizemos e ouvimos. Deus escuta com os olhos, o seu olhar entra na profundidade do nosso coração e lê ali dentro, mas não é um olhar investigativo que procura a falha ou o ponto fraco; é um olhar que ama e se compraz em reconhecer o nosso coração como sua casa.

Uma das experiências mais belas, mais fortes e mais convincentes que faço nesta zona de Turim é rezar o rosário pelas ruas: Porta Palazzo, zona da avenida Príncipe Oddone, o Balon. Esta terra ficou, como nos tempos de Dom Bosco, uma terra de imigração, pobreza e degrado. Escutar a carência, a desconfiança, o medo, mas também a superficialidade, a estranheza dos jovens ajuda-me a não ficar em paz, a não estar tranquila, a ir dormir perguntando-me: "o teu povo grita, sofre, Senhor, e o que eu faço?". Percebo que ter conhecimento não bastaria para pôr-me em discussão: preciso ver, cruzar os olhares dos jovens para senti-los como parte de mim.

Escutar com os olhos significa não perder nenhum dos teus aspectos: o teu rosto, as tuas expressões, como te movimentas, como te vestes, como olhas... etc. e tentar ler através dos sinais do teu rosto o que tu és. O rosto traz os sinais da nossa existência na sua beleza e complexidade, cada rosto deve ser contemplado!

> *"O amor ao próximo tem a atenção como substância. É um olhar atento no qual a alma se esvazia de todo conteúdo próprio para receber em si mesma o ser que contempla, assim como é, em toda a sua verdade"* (Simone Weil).

O rosto é a forma do Amado, é a meta da busca, é o encontro que se realiza: "Deus disse ao meu coração: «Buscai o seu rosto»; o teu rosto, Senhor, eu busco. Não me escondas o teu rosto". Em cada rosto há a Verdade que buscamos.

Também para Dom Bosco, o olhar é um poderoso meio educativo, porque ele próprio cresceu sob um olhar bom: de mamãe Margarida, do Padre Calosso, do Padre Cafasso. Ele mesmo comenta o encontro com o P. Calosso usando estas palavras:

> *"(...) causou grande impressão naquele santo sacerdote, que enquanto eu falava não tirou os olhos de mim" (MO, 42).*

"Padre Calosso não tirou os olhos de João". Trata-se de um detalhe muito intenso; a realidade do olhar, de fato, é uma das experiências fenomenológicas mais importantes e decisivas numa relação, porque fala da intencionalidade da liberdade, do interesse daquele que olha o objeto-sujeito que suscita admiração, estupor. (...) Muitas vezes, nas MO, mas não só, Dom Bosco confia no poder do olhar, na comunicação da importância de um encontro, de um evento, de uma missão. Bem sabemos que as primeiras gerações de alunos do Oratório testemunharam o fascínio quase sobrenatural do olhar, dos olhos de Dom Bosco.

> *"Certo dia 'continuou Roda' durante o recreio, escapou-me uma palavra feia; bati com a mão na boca, mas escapara. Os colegas tinham-na ouvido. Domingos aproximou-se e disse-me: "Esqueceste dos nossos propósitos de não termos conversas más? Corre até Dom Bosco, conta-lhe sobre a desgraça que te aconteceu. Ele é muito bom; verás que arrumará tudo. Eu, contudo, vou rezar por ti". Não amuei e fui rapidamente. Mas onde encontrar Dom Bosco? Estava no parlatório rodeado de alguns senhores. Mal educadamente meti-me no meio deles. Dom Bosco, surpreso, disse-me: "Vê, estou muito ocupado, não poderias esperar um momentinho?". Aquelas pessoas acreditaram que houvesse algum serviço urgente e puseram-se de lado. Levantei-me, então, na ponta dos pés e disse ao ouvido do bom pai: "Savio mandou-me até o senhor: eu disse uma blasfêmia". Tremia como uma folha. Dom Bosco não gritou comigo, mas vi desenhar-se no seu rosto um pesar muito profundo! Entendi a gravidade da minha culpa. «Aqueles olhos perfuravam o coração. "Não o faças mais, caro*

filho, nunca mais o faças. É uma ofensa a Deus, sabes! O Senhor não nos abençoaria. Vai à igreja e reza muitas vezes o Pai-nosso"».

«Corri ao pé do altar, rezei os Pai-nosso e fui embora correndo, leve como se me tivessem tirado um peso do estômago. Esqueci quantos Pai-nosso; o olhar de Dom Bosco, nunca».

Todo jovem sentia-se olhado e amado profundamente, e não estará aqui, talvez, a raiz de toda vocação? Ser reconhecido, visto, amado, desejado, promovido no bem que o próprio coração conserva secretamente?" (Tu non hai più padre, Stefano Mazzer, in Sapientiam dedit illi)

«Com o seu olhar comedido, calmo, sereno, apossava-se do pensamento alheio com atração irresistível com a mesma força; quando o queria, era ele mesmo compreendido. Muitas vezes uma frase, um sorriso, acompanhado de um olhar fixo, valia uma pergunta, uma resposta, um convite, um discurso inteiro... Muitas vezes Dom Bosco olhar para um jovem de modo tão especial, que os seus olhos diziam o que seus lábios naquele momento não exprimiam e fazia com que compreendesse o que desejava dele. E o bom jovem, respondendo-lhe com os lábios, admirava-se de ter compreendido perfeitamente o raciocínio intelectual de Dom Bosco. Às vezes, tratava-se de coisas que não tinham qualquer relação com o que dissera antes, ou se tinha visto ou realizado naquele momento; era pessoalmente um questionamento que pessoalmente não se referia ao questionado: uma ordem, um aviso, um conselho para a escola, para o recreio ou outra coisa. E entendia-se muito bem. Com frequência seguia com o olhar algum jovem que fosse a qualquer lugar do pátio e dos pórticos, enquanto ele conversava tranquilamente com os demais. De repente, porém, o olhar do jovem encontrava-se com o de Dom Bosco e, lendo naqueles olhos tão límpidos o desejo de lhe falar, vinha perguntar o que desejava dele. E Dom Bosco lhe falava ao ouvido. Não raramente, enquanto tinha muitos alunos diante de si, fixava um ou dois deles, fazendo com as mãos como que uma viseira sobre os olhos, como quem está contraluz e quer ver melhor e parecia penetrar no íntimo do coração deles. Eles ficavam confusos, a palavra morria em seus lábios e sentiam que ele conhecia algum de seus segredos. E, de fato, lia no seu rosto alguma escuridão de culpa ou remorso. O leve mover-se de cabeça bastava: não havia necessidade de outro convite; restava apenas estabelecer o momento da confissão...» (MB VI, 420-421).

A profundidade do olhar de Dom Bosco deriva da sua unidade interior, fruto da Graça e da natureza olhando ao seu redor, olhando adiante, olhando para o alto. Ele conhecia individualmente os seus jovens e os conhecia tão bem, lendo-lhes a alma, que sabia dar a cada um o conselho, a advertência, o conforto necessário. O conhecimento que se comunicava num olhar atento e paterno fazia aproximar-se os jovens que se colocavam à escuta e abriam totalmente o coração.

Através da "palavrinha ao ouvido, Dom Bosco curvava-se sobre o filho e falava-lhe em segredo encobrindo a boca com a mão para que ninguém pudesse ouvir (MB Vol. VI). A escuta torna-se encontro e palavra: pontual e pessoal, e abria o coração dos jovens à confidência."

3. Escuta como **SILÊNCIO**

O silêncio é necessário para a escuta, a verdadeira comunicação exige silêncio, só quem se esquece de si mesmo pode abrir-se ao outro. Silêncio, portanto, não como ausência, como vazio, como não participação, mas como pobreza de si e espaço de Deus.

O silêncio, portanto, prevê uma descentralização; descentrar-se significa dar lugar aos outros reconhecendo-os como dons, sem preconceitos, esquecendo a si mesmos e a própria vontade de protagonismo, o próprio egocentrismo e narcisismo. Há uma morte a si mesmo, necessária para a acolhida digna, há um expropriar-se de si para deixar que o outro seja acolhido e compreendido,

como em sua casa, podendo perceber concretamente que é amado por Deus.

Cristo "despojou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens (Fl 2,7), esvaziou-se para assumir a humanidade, o homem, na sua totalidade de beleza e de pecado.

> *"Só se escuta com eficácia quando se faz silêncio dentro de si, interessando-se realmente pelo outro, tentando compreender o significado das palavras. Quando colocamos entre parêntesis as comunicações intrapsíquicas que pedem direito de cidadania dentro de nós mesmos. Quando transcuramos a nossa tendência de responder a tudo, querendo oferecer soluções" (J. C. Bermejo, L'ascolto che sana)*
>
> *"Para compreender o outro é necessário entrar no seu universo, saber olhar com os seus olhos, sentir com os seus sentimentos, ser ele por compenetração e simpatia. É preciso abandonar momentaneamente os próprios preconceitos, as próprias inclinações pessoais, as próprias ideias a priori, a própria paisagem familiar. Isso tudo torna, de fato, seletiva a nossa atenção filtrando o que nos vem do outro e recompondo de modo definitivo a imagem que temos dele. Deixar de lado qualquer preocupação de afirmar-se, de curiosidade e de crítica" (Citado em Un certosino, il cammino della vera felicità. Le beatitudini fondamento della pace interiore, Paoline, Milano 2005).*

Viver o silêncio de mim para ficar atento é a prova que a minha escuta não está em função de mim mesmo (tomar para mim, satisfazer a minha curiosidade, receber confirmações...), mas pelo bem exclusivo do outro: sou eu que decido amar o outro, oferecer-me a ele esquecendo de mim mesmo para que ele se sinta renascer em mim e, desde o meu modo de acolher, ele possa perceber ao menos minimamente o quanto também está no coração de Deus.

4. Escuta como **CONFIANÇA e ESPERA**

Aconteceu-me muitas vezes, durante ou ao final da escuta de alguns jovens ter que dizer "não sei" e viver esse não saber não como um problema, mas como um recurso; dizer "estou sobrecarregada e cansada" e viver essa condição como consequência de um grande investimento e não como um sentimento moralmente errado.

O fato de não saber permitiu-me ser livre e tentar abrir-me ao Espírito Santo que, na busca autêntica se doa com força e abundância, e estar sobrecarregada como entrega da minha pobreza e da consciência de ser instrumento, útil ou inútil, fica à discrição da vontade de Deus.

Creio que o resultado da escuta autêntica é a confiança e a espera, o desejo de caminhar com o outro e considerar-se, ambos, o espaço no qual Deus pode exprimir a sua Vontade. Falar disso com liberdade e aprender a chamar as coisas pelo nome, permite à vida ser lida com maior consciência. É preciso tempo, paciência, interesse verdadeiro, bem profundo, acolhida real de quem está diante de mim.

A pressa de chegar ao portanto, de resolver os problemas, de expressar palavras iluminadoras, que às vezes nos toma e não nos permite concentrar-nos no outro por aquilo que é, torna-se uma atitude estéril que faz crescer o nosso ego, mas não nos torna dóceis nas mãos do Pai.

"Tu me interessas, interessa-me o que pensas e o que tens a dizer", é a atitude do Papa Francisco diante de todo jovem, sem exclusão de nenhum deles, é o desejo de uma Igreja Viva! O sínodo dos jovens coloca-nos nesse estilo, que não é simplesmente um instrumento para obter alguns resultados, mas um modo de viver. A sinodalidade que o Papa Francisco nos pede pressupõe interesse, atenção, escuta, humildade. Todos têm algo de importante a dizer e todos temos o dever de escutar e aprender, também o Papa.

Antes de tudo, escuta.“Uma Igreja sinodal” recordou o Papa “é uma Igreja da escuta, na consciência de que escutar, é mais que ouvir”. É uma escuta recíproca em que cada um tem algo a aprender. Vêm à mente as «atitudes de irmãos no Senhor» indicados por Francisco aos padres sinodais no início do Sínodo de 2014: «Falar com parrésia e escutar com humildade». Abrir-se à escuta é uma opção de método e de campo. A escuta, com efeito, é fonte de relações verdadeiras, sempre novas e diversas. Nessas relações, que se tornam encontro com os outros realiza-se um diálogo autêntico, leve, livre, não carregado de palavras que falam apenas do próprio ego. Escutar é disponibilidade, enriquecimento recíproco, relação... E isso vale especialmente em nível eclesial. Escuta humilde, então, com o desejo de ir além, de escavar dentro de si, para pôr em comunicação o momento com a Eternidade, o fragmento com o Conjunto, o provisório com o Definitivo (Papa Francisco).

5. Escuta como **ACOMPANHAMENTO**

Todas as dimensões que procurei evidenciar: partilha, olhar, silêncio, confiança e espera confluem na dinâmica do acompanhamento. Enquanto penso na escuta, a minha mente vai continuamente às diversas experiências de encontro com os jovens, especialmente aqueles que encontro de modo pessoal, sentados no meu escritório ou passeando pelos pátios de Valdocco...

Os jovens pedem-nos explicitamente para sermos pontos de referência, espaços de escuta e presença no acompanhamento:

“Gostaria de entender o que fazer para amar realmente”.

“Qual ordem e prioridade dar à minha vida?”

“Gostaria de crer, mas os meus altos e baixos desestabilizam-me”.

“Gostaria de cumprir meus deveres com consciência e coragem sem deixar-me esmagar pelo cansaço”.

“Gostaria de tentar viver seriamente como cristã, isto é, segundo Cristo, na vida de todos os dias”.

“Gostaria de viver o serviço, não porque me preenche, mas para que possa ser útil e fazer o Bem”.

“Gostaria de viver as amizades e as relações com responsabilidade e liberdade”.

“Gostaria de deixar-me amar, mas isso me custa muito”.

“Gostaria de entender qual é o meu lugar”.

“Gostaria de responder ao que Deus quer de mim”.

“Entendo que existem partes de mim que não funcionam, mas preciso de alguém que me ajude a lê-las e me diga a verdade”.

“Gostaria...”

São essas as questões e os desejos profundos que gostaria de exprimir, as questões que marcam os pontos de viragem da escuta da realidade à escuta do coração. Estas são as questões às quais devo responder continuamente com a vida, todos os dias e não para ser crível, mas para ser feliz, para caminhar sempre mais no Significado da existência.

É preciso tempo e muita paciência para chegar lá, tempo para falar da realidade e paciência para viver o conhecimento do outro que é o conjunto de tudo: família, educação, escola, namoro, trabalho, fé, encontros, manias, feridas, paixões, relações, cansaços, experiências, desejos. A paciência e a beleza de buscar a Deus nisso tudo e de responder à Sua vontade.

Escutar é a condição necessária para caminhar com os jovens, mas para isso é preciso seguir

duas passagens fundamentais: a decisão e a ação. A escuta que escava na verdade leva à questão essencial da vida: a questão do sentido! E a decisão é induzida e sustentada pela promessa presente nos olhos de quem escuta. Promessa de uma possibilidade provável e autêntica; se os jovens que encontramos descobrem nos nossos olhos a Beleza de uma Vida entregue, então viverão a coragem e o entusiasmo da decisão, estou certa disso!

A vida de Maria de Nazaré é marcada por estas três passagens, paradigmas para a vida e o itinerário de cada um de nós:

1. Escuta. Donde nasce o gesto de Maria de ir à parenta Isabel? De uma palavra do Anjo de Deus: «Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice» (Lc 1,36). Maria sabe escutar Deus. Atenção: não é um simples "ouvir", um ouvir superficial, mas é "escuta" feita de atenção, de acolhida, de disponibilidade a Deus. Não é o modo distraído com que, às vezes nos colocamos diante do Senhor ou dos outros: ouvimos as palavras, mas na verdade não escutamos. Maria está atenta a Deus, escuta Deus.

Contudo, Maria também escuta os fatos, isto é, lê os acontecimentos da sua vida, está atenta à realidade concreta e não se detém na superfície, mas vai ao profundo, para colher o seu significado. A parenta Isabel, que já é idosa, espera um filho: esse é o fato. Entretanto, Maria está atenta ao significado, sabe percebê-lo: «Nada é impossível a Deus» (Lc 1,37). Isso também vale para a nossa vida: escuta de Deus que nos fala, e escuta também da realidade cotidiana, atenção às pessoas, aos fatos porque o Senhor está à porta da nossa vida e bate de muitas maneiras, põe sinais no nosso caminho; na vida.

2. A segunda palavra: **decisão.** Maria não viveu "às pressas", ansiosa, mas, como evidencia São Lucas, «meditava todas essas coisas no seu coração» (cf. Lc 2,19.51). E mesmo no momento decisivo da Anunciação do Anjo, Ela pergunta: «Como acontecerá isso?» (Lc 1,34). Ela, porém, não se detém nem mesmo no momento da reflexão; dá um passo a mais: decide. Não vive com pressa, mas quando é necessário "vai às pressas". Maria não se deixa arrastar pelos eventos, não evita o esforço da decisão. E isso acontece tanto na opção fundamental que mudará a sua vida: «Eis aqui a Serva do Senhor» (cf. Lc 1,38), como nas opções mais cotidianas, embora ricas de significado. Vem-me à mente o episódio das bodas de Caná (cf. Jo 2,1-11): ali também se vê o realismo, a humanidade, a concretude de Maria que está atenta aos fatos, aos problemas; vê e compreende a dificuldade dos dois jovens esposos aos quais falta o vinho da festa, reflete e sabe que Jesus pode fazer alguma coisa, e decide dirigir-se ao Filho para que intervenha: «Não têm mais vinho» (cf. v. 3).

Na vida é difícil tomar decisões; muitas vezes tendemos a deixar para depois, a deixar que outros decidam em nosso lugar, ou preferimos deixar-nos arrastar pelos eventos, seguir a moda do momento; às vezes, sabemos o que devemos fazer, mas não temos a coragem de fazê-lo ou nos parece muito difícil por significar ir contracorrente. Maria, na Anunciação, na Visitação, nas bodas de Caná vai contracorrente. Maria vai contracorrente: coloca-se à escuta de Deus, reflete e procura compreender a realidade, e decide entregar-se plenamente a Deus, decide visitar, embora grávida, a parenta idosa, decide entregar-se ao Filho com insistência para salvar a alegria do casamento.

3. A terceira palavra: **ação.** Maria põe-se em viagem e «foi às pressas» (cf. Lc 1,39). Domingo passado, eu evidenciava esse modo de fazer de Maria: apesar das dificuldades, das críticas que terá recebido pela sua decisão de partir, não se detém diante de nada. E aqui vai "às pressas". Na oração, diante de Deus que fala, na reflexão e meditação dos fatos da sua vida, Maria não tem pressa, não se deixar tomar pelo momento, não se deixa arrastar pelos eventos. Mas quando tem claro o que Deus lhe pede, o que deve fazer, não demora, não atrasa, mas vai "às pressas". Santo Ambrósio comenta: "a graça do Espírito Santo não comporta lentidões" (Expos. Evang. sec. Lucam, II, 19: PL 15,1560). O agir de Maria é consequência da sua obediência às palavras do Anjo, mas unida à caridade: vai até Isabel para ser útil; e nesse sair de casa, de si mesma, por amor, leva o que tem de mais precioso: Jesus; leva o Filho.

Às vezes, também nós nos detemos na escuta, na reflexão sobre o que deveríamos fazer, talvez também tenhamos clara a decisão que devemos tomar, mas não passamos à ação. E, sobretudo, não

nos pomos em jogo movendo-nos “às pressas” para os outros a fim de lhes levar a nossa ajuda, a nossa compreensão, a nossa caridade; para levar também a nós, como Maria, o que temos de mais precioso e que recebemos, Jesus e o seu Evangelho, com a palavra e, sobretudo, com o testemunho concreto do nosso agir.

Maria, a mulher da escuta, da decisão, da ação (Papa Francisco, em São Pedro, maio de 2013).

O Papa Francisco recorda-nos a importância de arriscar-se; o acompanhamento requer viver disponíveis para assumir o outro, isto é, estar dispostos a “deixar-se tocar” pela sua experiência de vida. Um acompanhamento neutro, no qual se mantém à distância, não tem razão de ser. A vida do outro só pode ser redimida se assumida, como Cristo fez com cada um de nós; Ele, o cordeiro imolado para a nossa salvação. Também nós somos chamados a isso!

Maria, mulher da escuta, abre os nossos ouvidos; faze que saibamos escutar a Palavra do teu Filho Jesus entre milhares de palavras deste mundo; faze que saibamos escutar a realidade em que vivemos, em cada pessoa que encontramos, especialmente a que é pobre, necessitada, em dificuldade.

Maria, mulher de decisão, ilumina a nossa mente e o nosso coração, para que saibamos obedecer à Palavra do teu Filho Jesus, sem hesitações; dá-nos a coragem da decisão, de não nos deixarmos arrastar para que outros orientem a nossa vida.

Maria, mulher da ação, faze que as nossas mãos e os nossos pés se movam “às pressas” para os outros, para levar a caridade e o amor do teu Filho Jesus; para, como Tu, levar ao mundo a luz do Evangelho. Amém (Oração a Maria, Mulher da escuta. Papa Francisco, em São Pedro, maio de 2013).

O discernimento e a decisão no processo de acompanhamento

Juan Crespo, sdb

Dias de Espiritualidade da Família Salesiana

18-21 de janeiro de 2018

Estrutura da conferência:

1. Abordagem da questão no contexto da Estreia
2. Ensina-nos a acompanhar a vida dos jovens!
3. De que acompanhamento estamos a falar?
4. A relação pastoral
5. Ensina-nos a discernir a tua presença na vida dos jovens!
6. A regra fundamental e básica (observar e centrar o 'coração')
7. Sinais de discernimento espiritual. Capacidade de enfrentar a vida
8. A dinâmica espiritual do chamado vocacional
9. O discernimento requer mediações e ferramentas práticas
10. À maneira de conclusão

Agradeço o convite para participar da reflexão destes Dias de Espiritualidade da Família Salesiana. Estamos a refletir sobre um tema de transcendência carismática. Nosso chamado à santidade e fidelidade a Deus compromete-nos a trilhar com os jovens um caminho de crescimento crente e vocacional.

Foi-me pedido para oferecer uma contribuição sobre *"o discernimento e a decisão no processo de acompanhamento"*, e trazer pistas de reflexão à Estreia do Reitor-Mor para este ano de 2018, e no quadro do próximo Sínodo dos Bispos "Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional".

Esta apresentação sobre o tema proposto é fruto de reflexão pessoal e experiência de equipe, formando agentes de pastoral juvenil no acompanhamento de jovens.

A apresentação seguirá a ordem indicada na "Estrutura da conferência". A perspectiva é pastoral e formativa, embora não possamos prescindir de certa reflexão em vista da fundamentação deste ministério para a Pastoral Juvenil. O material apresentado, com as notas de pé de página, é amplo, mas a apresentação será mais reduzida.

1. Abordagem da questão no contexto da Estreia

O relato evangélico é adequado à escuta e ao discernimento: **"Cultivemos a arte de escutar e acompanhar"**, com a súplica: **"Senhor, dá-me desta água"** (Jo 4,15).

Jesus apresenta-se como mestre na arte da escuta e do discernimento acompanhado. Seus olhos e ouvidos chegavam à profundeza da pessoa. Jesus possui a faculdade de ver o que nós não vemos, de ouvir o que nós não ouvimos e discernir com clareza o que não atingimos: "Ainda não compreendeis? Tendes o coração endurecido? Tendo olhos, não vedes? E tendo ouvidos, não ouvis?" (Mc 8,17-18).

No Antigo Testamento, os profetas Jeremias e Ezequiel atribuem essa cegueira e surdez a insensibilidade, obstinação e rebeldia do povo para com Deus (cf. Jr 5,21; Ez 12,2).

Quando falamos de discernimento espiritual, reconhecemos que:

- não estamos à altura desta proposta: escutar, acompanhar e discernir. Nossos ouvidos, olhos e

sensibilidade precisam ser transformados;

- contudo o Senhor nos convida a tirarmos as sandálias diante do seu Mistério e diante do mistério que se esconde em toda pessoa que abre seu coração.

A missão de acompanhar é 'terra santa' (cf. Ex 3,5) de proximidade que, ao mesmo tempo, cura, liberta e incentiva o amadurecimento da vida cristã dos jovens (cf. EG 169).

Para enfrentar o tema, devemos partir de algumas afirmações e perguntas, que não podemos fundamentar, e que pode ser objeto de uma maior precisão:

1º. O exercido e a relação de acompanhamento são aprendidos na ação e na oração (Palavra), mas requerem ciência, habilidade, arte e sabedoria. Este ministério eclesial envolve o acompanhante e o acompanhado, numa unidade diferenciada.

2º. O acompanhamento espiritual torna-se hoje necessário e conveniente na pastoral de processos e no novo paradigma da iniciação cristã dos jovens, nos discernimentos vocacionais e na formação aos diversos estados de vida.

3º. Aspectos básicos do acompanhamento ("Direção espiritual"),

a. a pessoa do acompanhante ("mediação com autoridade"),

b. a pessoa acompanhada (liberdade disposta),

c. conhecimento de ambos sobre a presença e a ação da Graça de Deus,

d. relação de jogo limpo e honesto,

e. finalidade: discernir o crescimento da vida de Deus na pessoa, as decisões e opções ordinárias ou fundamentais da vida.

f. O acompanhamento converte-nos numa relação correta com Deus, consigo mesmo e com os outros.

4º. Em meados do século XX a "direção espiritual" passou por uma profunda crise, perdendo prestígio e valor na consciência dos crentes. Causas internas e externas à Igreja contribuíram para isso. No passado, tinha importância a autoridade do 'diretor espiritual'; hoje, opta-se pelo respeito à pessoa como ser relacional e aberto à transcendência.

5º. A recuperação e atualização da "direção espiritual", como sabedoria da Igreja, é consequência de vários fatores, entre outros: a contribuição das ciências humanas no processo da fé, a nova visão unitária do Vaticano II sobre a pessoa, a renovação da teologia e da exegese bíblica e as exigências da cultura juvenil.

6º. A mudança cultura pede para integrar a fé como dom e as exigências do antropocentrismo cultural. A pessoa com sua liberdade e autonomia responsável, com consciência pessoal (subjetividade) e com sentido ético-moral tende a Deus. Contudo, o dinamismo humano não tem a capacidade de chegar ao dom que Deus faz de si mesmo à humanidade e a cada pessoa em Jesus Cristo.

7º. A missão carismática consiste em educar e introduzir os jovens na vida de Deus no estilo de Jesus Cristo, bom pastor. Nossos fundadores foram capazes de fazer uma proposta de 'direção espiritual' com a prática do Sistema Preventivo e com a vida comunitária e educativa, num contexto relacional que promovia o caminho da santidade. A atenção pessoal realizava-se no contexto de 'amorevolezza' [obs. do tradutor: carinho, bondade, amabilidade].

8º. O carisma salesiano incorpora o acompanhamento pastoral ao dinamismo criativo e pedagógico do Sistema Preventivo, a serviço da educação e do crescimento da vocação cristã do jovem, com

recursos e atitudes concretas: presença educadora, solicitude pelo bem do jovem e atenção à sua pessoa, cuidado da vida de Deus (cf. Sb 11,24ss), ambiente juvenil de família, relações de confiança, processos educativos, criatividade na tomada de decisões, pedagogia rica em mediações da Graça, etc.

9º. Portanto, a escuta e o discernimento remetem-nos ao espírito do Sistema Preventivo e do Oratório: proteger o coração dos jovens, prepará-los para a acolhida de Deus e oferecer-lhes os meios para que a Graça arraigue em suas vidas cheias de esperança, com a finalidade de fazerem as opções e tomarem as decisões mais adequadas em suas vidas.

2. Ensina-nos a acompanhar a vida dos jovens!

Com a Samaritana, peçamos: Senhor, dá-nos a beber da água que jorra para a vida eterna; ensina-nos a acompanhar, a ser companheiros e companheiras compassivos (cum-pan-ire).

O acompanhamento remete-nos a imagens bíblicas e eclesiais com fortes ressonâncias carismáticas: Deus é o pastor de Israel e Jesus, o novo pastor do Reino. Na Igreja, surgem testemunhas, acompanhantes e introdutores no mistério de Deus (mistagogos).

Este ministério foi praticado e transmitido por mestres espirituais (S. Inácio, S. Teresa, S. João da Cruz, S. Francisco de Sales...).[1] Desde sua experiência pessoal, atualizaram, para o seu tempo, o que mestres dos séculos anteriores puseram em prática.[2] Assim, pois, a 'direção espiritual' pertence à melhor tradição da Igreja, conservada através da história; e foi, com a oração, a mediação mais usada em vista da perfeição cristã e da busca da vontade de Deus.

Neste sentido, podemos constatar que há na história um "antes" e um "depois", a partir do Concílio de Trento e das correntes espirituais do século XVI, em relação ao discernimento e à direção espiritual.

Este ministério eclesial tem esses dois blocos no tempo; e possivelmente estamos criando um terceiro bloco histórico,[3] atualizando-o no presente.

No Sonho dos nove anos, Joãozinho Bosco escuta: "Eis o teu campo, eis onde deves trabalhar; torna-te humilde, forte e robusto; e o que vês acontecer agora com estes animais, deverás fazê-lo com meus filhos".

Nossos Fundadores cresceram nesse húmus espiritual de fé abrigados por pessoas que respeitaram a obra de Deus em suas vidas. Dessa forma, aprenderam a ser dóceis a Deus e às mediações eclesiais. Sendo assim acompanhados aprenderam o afeto filial e fraterno, e como acompanhantes exerceram a paternidade e a maternidade espiritual.

Até o Concílio Vaticano II, a direção espiritual era um ministério pastoral, exclusivo dos sacerdotes, sob a expressão "cura de almas" e de "padre espiritual", unida na maioria das vezes ao sacramento da reconciliação.

Na tradição salesiana, o acompanhamento foi um elemento privilegiado; esteve presente como

---

1 Cf. F. Peraza Leal, *Acompañamiento y paternidad espiritual en san Juan Bosco*, CCS, Madrid 2011, 18-31.

2 Na corrente espiritual da *Devotio Moderna* da baixa idade média, John Gerson (1363-1429) e Tomás de Kempis (1380-1471) falam de *discretio spirituum* e *probatio spirituum*; Cf. W. Love Anderson, *The Discernment of Spirits. Assessing Visions and Visionaries in de Middle Ages*, Mohr Siebeck, Tübingen 2011, 49-50. As regras de discernimento dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio foram inspiradas na *Imitação de Cristo* e em outros escritos da época. O discernimento que Santa Teresa faz no *Castelo interior*, tem referências no "terceiro abecedário" de Francisco de Osuna e em outros livros espirituais do tempo.

3 Cf. André Louf, *Generati dallo Spirito. L'accompagnamento spirituale oggi,* Edizioni Qiqajon, Magnano 1992. O autor analisa a nova situação religiosa dos jovens e do acompanhamento espiritual a partir do Concílio Vaticano II, como um momento do Espírito na comunidade cristã.

característica genuína da pedagogia e espiritualidade de Dom Bosco e de Madre Mazzarello; e foi introduzido na pastoral juvenil com diversos nomes: rápidos encontros no ambiente, colóquio educativo, acompanhamento no grupo juvenil, direção espiritual, encontro sacramental...[4]

A raiz é rio de 'água viva', que vem até nós com a fragrância da fé eclesial. Podemos afirmar que estamos num momento novo de ressignificação do acompanhamento e do discernimento espiritual em nossa cultura e momento histórico.

Este ministério chega até nós, como Família Salesiana, depois de um longo percurso.

Onde estamos? Qual foi o percurso dos últimos anos?

Pode-se dizer que ao longo do século XX, a direção espiritual esteve presente no imaginário pastoral, mas não foi uma prática cuidada e renovada. A pastoral do ambiente, educativa, cultural e sacramental, centrou-se na tarefa pastoral; em alguns lugares, os itinerários da fé estiveram presentes de modo brilhante.

Contudo, o acompanhamento pessoal foi sendo descuidado, chegando a ser considerado alheio ao carisma salesiano.[5] Entretanto, sempre existiu um reduto de boa-prática deste ministério eclesial no interior da Família Salesiana, ligado a pessoas e ambientes concretos.[6]

Segundo nosso modo de ver a "10ª Semana de espiritualidade da Família Salesiana" (23-29 de janeiro de 1983) foi o primeiro projeto sério e explícito deste tema depois da renovação do Vaticano II e do CG20 dos SDB. As reflexões publicadas respondiam à Estreia do Reitor-Mor: "Promovamos o amadurecimento cristão das pessoas e da comunidade renovando e intensificando, com estilo salesiano, a experiência formativa da Direção Espiritual". As contribuições ressaltavam a intervenção pastoral da direção espiritual como uma experiência formativa original do espírito salesiano, e como uma ajuda necessária para o amadurecimento criativo na vida cotidiana de todos os jovens. A aplicação da direção espiritual ao Sistema Preventivo, com a pluralidade de formas e graus de intensidade, é a característica original do carisma salesiano. Todavia, afirmava-se que a direção espiritual exige um elevado grau de vida espiritual e zelo pastoral das comunidades e dos membros da Família Salesiana.

Em seguida, houve uma letargia, mais ou menos consciente, com exceções pontuais na Família Salesiana, até os dois últimos Capítulos Gerais dos SDB (26 e 27) e das FMA (22 e 23), e o renovado Projeto Apostólico dos SSCC. Os quatro seminários do Dicastério para a Pastoral Juvenil dos SDB, as ações do Âmbito para a Pastoral Juvenil das FMA, o novo "Quadro referencial da Pastoral Juvenil" e outras iniciativas locais foram e estão sendo uma promessa de recuperação atualizada do Acompanhamento espiritual dos jovens no carisma salesiano. Certamente a Universidade Pontifícia Salesiana (UPS), a Pontifícia Faculdade das Ciências da Educação "Auxilium" e outros níveis universitários e pastorais da Família Salesiana propiciaram cursos e publicaram reflexões valiosas, que nem sempre levamos em conta e soubemos aproveitar.

---

4 Cf. P. Braido, *Dom Bosco, padre no século da liberdade* (Vol. 2), Editora Salesiana, São Paulo, 2009; F. Peraza, *Acompañamiento y paternidad espiritual en San Juan Bosco*, CCS, Madrid 2011; A. Giraudo, *D. Bosco, Maestro de vida espiritual. Servid al Señor con alegría*, CCS, Madrid 2012.

5 O CG21 (SDB) de 1978 dizia: "observa-se uma trágica falta de mestres e guias espirituais" (n. 249). E o CG27 de 2014 reconhecia que "às vezes, quando nos ocupamos dos jovens, temos somente em mira o seu bem-estar social e descuidamos do acompanhamento de sua vida espiritual e de sua vocação" (no. 27).

6 No CG23 (1990), "*Educar os jovens na fé, tarefa e desafio para a comunidade salesiana hoje",* fala-se claramente, talvez pela primeira vez depois do CG20, de acompanhamento como "relação pessoal com o jovem" e da necessidade que os jovens têm de atenção pessoal. Nos números 284-289 o CG incentiva os Salesianos à disponibilidade e oferece algumas orientações a partir da "validade indiscutível do acompanhamento pessoal" (284): aprofundar o estilo salesiano de acompanhar, preparar-se para o encontro pessoal, serviço especial do diretor, abrir casas de retiro e de Exercícios Espirituais para jovens, privilegiar o encontro pessoal com o jovem no sacramento da Reconciliação, e incentiva os inspetores à "preparar os Salesianos para esse ministério, tão importante na pedagogia salesiana" (289).

Por ocasião do 50º aniversário da canonização de Domingos Sávio, em 2004, o P. Pascual Chávez propôs na Estreia de 2004 um verdadeiro desafio: "Proponhamos novamente aos jovens, com convicção e alegria, o compromisso da santidade como alto grau de vida cristã ordinária". No comentário, afirmava:

"Devemos passar [...] da proposta de modelos, ao acompanhamento como verdadeiros guias na vida espiritual dos jovens; do acompanhamento à assistência, criando as condições pessoais e ambientais, à maneira de microclima, no qual possam germinar, amadurecer e frutificar as grandes opções de vida. A convicção pessoal de Dom Bosco foi que sem a direção espiritual não teria conseguido nada de bom. Por isso, quis ser para seus jovens um guia espiritual que entusiasmava, comprometia, guiava, corrigia".[7]

A pedagogia do acompanhamento, no contexto do Sistema Preventivo, proporciona-nos uma maior clareza e qualidade evangelizadoras. Os esforços de reflexão, as iniciativas formativas e as experiências pastorais dos últimos dez anos oferecem-nos, a meu juízo, um quadro de referência real para realizar o 'acompanhamento pastoral e formativo' com criatividade e profundidade no vasto e plural campo da Família Salesiana.[8]

A pastoral juvenil salesiana sente-se especialmente estimulada pelo despertar do Espírito.

3. De que acompanhamento estamos a falar?

Mas, de que acompanhamento estamos a falar? Certamente, não é de qualquer acompanhamento. Em nosso carisma salesiano falamos de acompanhamento educativo, formativo e espiritual: é educativo enquanto é espiritual e é espiritual enquanto é educativo. É formativo enquanto com-forma a estrutura crente da personalidade. Contudo, o que define o acompanhamento espiritual e educativo é o sentido e a orientação teologal.

O centro estruturante do acompanhamento e do discernimento espiritual é o Mistério do Deus Trinitário, com a consequente inclusão da pessoa humana na sua economia salvífica. Deus se entrega e se faz presente na pessoa humana, imagem sua e à semelhança do Filho, no amor misericordioso e salutar que comunica o Espírito Santo.

O acompanhamento educativo e espiritual é mediação significativa do acontecimento do Mistério de Deus, revelado em plenitude na vida, morte e ressurreição de Jesus, e se faz presente em suas pessoas mediante a ação do Espírito. A Igreja é a depositária desse dom, de tal forma que o acompanhamento se realiza em seu nome, e é expressão visível da sua missão evangelizadora a serviço do Plano salvífico de Deus.

Mas também partimos da pessoa como mistério de amor, criada à Sua imagem e à semelhança do Filho. Ou seja, partimos ao mesmo tempo do mistério de Deus e do mistério da pessoa. Porque a vida humana é plataforma privilegiada para a fé; "sem esta, a vida não pode existir, porque não seria possível nem o encontro, nem a amizade, nem a reconciliação, nem o amor, nada do mais importante da nossa existência".[9] Acompanhamos, então, a pessoa do jovem como mistério de amor, chamado à

7 Pascual Chávez, *Comentário do Reitor-Mor à Estreia 2004,* 12; Cf. Ib. *Queridos Irmão, sede Santos!* Atos do Conselho Geral 379 (2002); Ib. "*Da mihi animas, caetera tolle". Identidade carismática e paixão apostólica*, Atos do Conselho Geral 401 (2008); Ib. «*Senhor, queremos ver Jesus». À imitação do Padre Rua, como discípulos autênticos e apóstolos apaixonados, levemos o Evangelho aos jovens,* Atos do Conselho Geral 406 (2006).

8 Cf. F. Attard – M.A. García (ed.), *O acompanhamento espiritual. Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens,* Edebê, Brasília 2014; P. Ruffinatto – M. Séïde, *Accompagnare alla sorgente in un tempo di sfide educative,* LAS, Roma 2010; E. Alburquerque, *El Acompañamiento Espiritual en la Pastoral Juvenil*, CCS, Madrid 2013; Aa.v.v. *Acompañamiento en pastoral juvenil*: Misión Joven: n. 480-481, enero -febrero 2017; A. Mattheeuws, *Guidati dallo Spirito Santo*, Editrice Elledici TO, 2010.

9 A. Jiménez Ortiz, *La fe en tiempos de incertidumbre,* Madrid 2015, 55; Ib. *¿Cómo anunciar la experiencia cristiana a los jóvenes de hoy?*: Proyección 184 (enero-marzo 1997) 55.

comunhão, com a tendência inata à realização e com o desejo projetado para a felicidade.

Quando colocamos o adjetivo 'espiritual' indicamos o conteúdo e a orientação que se busca: compreender a vida à luz da fé e responder ao chamado de Deus.[10] Por isso, o acompanhamento educativo-espiritual ajuda o jovem a compreender a sua vida a partir da fé e tomar decisões como resposta ao chamado de Deus e ao seu amadurecimento humano.

Disso tudo, podemos afirmar que o acompanhamento pode ser considerado como uma relação de ajuda espiritual, basicamente assimétrica e amistosa ao mesmo tempo (diálogo de respeito e de bem), cujo objetivo é favorecer o processo de discernimento, em vista da personalização da fé e humanização da pessoa acompanhada, como resposta ao assentimento ao amor de Deus revelado em Jesus Cristo e suscitado pelo Espírito Santo na estrutura concreta da pessoa do jovem.

Assim sendo, a relação de acompanhamento deveria ajudar o jovem:[11]

- no conhecimento real e na aceitação de si, do seu entorno, da sua história, das suas possibilidades e dos seus limites;
- no processo de ser e tornar-se pessoa autônoma, livre e responsável;
- na articulação e aprofundamento da própria experiência cristã, sobretudo, descobrindo como experiência vital quem é e o que significa para Deus Pai de Nosso Senhor;
- na formação da consciência moral e na experiência de oração;
- no discernimento da vontade de Deus em sua vida e na realidade que o rodeia;
- na realização de um projeto responsável de vida e na fé;
- no processo de uma decisão vocacional a partir da verdade, da justiça e do amor.
-

Evidentemente, no carisma salesiano o 'acompanhamento educativo e pastoral' é para todos os jovens, em níveis distintos de intervenção. Por isso, fixamo-nos no acompanhamento pessoal dos processos de crescimento.[12]

Certamente, o Espírito é o protagonista do discernimento, mas o centro da atenção está na pessoa acompanhada e no seu processo de transformação, quando se põe com sinceridade face a face diante de si mesma, diante da realidade e diante de Deus. Embora isso nem sempre seja claro e consciente aos adolescentes e jovens, o acompanhante tem certeza disso pela fé e pela experiência pessoal.

Disso decorre que se trata de uma <u>relação de ajuda especial</u> porque incorpora o <u>discernimento</u> no processo de transformação dos acompanhados e na experiência do acompanhante.

---

10 Cf. L. M. García, *El libro del discípulo*. *El Acompañamiento Espiritual*, Mensajero-Sal Terrae, Santander 2011.
11 Cf. A. Jiménez Ortiz, *¿Cómo anunciar la experiencia cristiana a los jóvenes de hoy?...* 392.
12 Cf. *Evangelii Gaudium*, 169-173.

O quadro ajuda-nos a compreender que, no acompanhamento, intervêm pessoas e dois aspectos nos quais nos centraremos: a **relação** e o **discernimento**.

4. A relação pastoral

"Entendo o acompanhamento na vida cotidiana como uma relação de ajuda total e espiritual proporcionando à pessoa crescer e amadurecer com equilíbrio, responsabilidade e liberdade para descobrir a vontade de Deus na sua vida e concretizá-la num compromisso orientado para a entrega da vida e a construção do Reino" (Lola Arrieta).

"O acompanhamento é um encontro de ajuda no qual se dá um diálogo entre duas pessoas em vista do crescimento de uma delas. Observa-se, pois, uma dimensão de relação interpessoal, cuja função é ajudar alguém no crescimento até o pleno amadurecimento da sua vida cristã" (Giordanni Bruno)[13].

A relação sadia é o ponto de partida para o bom acompanhamento e a chave mediadora para o discernimento.

A qualidade relacional tira para fora o melhor da pessoa, sendo capaz de resolver questões pendentes; este tema não pode ser passado por alto nos processos de discernimento.

Para tanto, nós, acompanhantes, devemos perguntar-nos sobre a qualidade e o significado das nossas relações passadas e presentes. Porque essa qualidade e significatividade estarão presentes na prática do acompanhamento espiritual.

A dimensão relacional do acompanhamento é um tema amplo do qual podemos ocupar-nos. Contudo, vou limitar-me a um esquema que ajude a situar-nos em relação ao discernimento, que é o tema próprio da nossa conferência.

É preciso advertir que a relação de ajuda no acompanhamento tem sua técnica, que todo acompanhante deve aprender e respeitar. O que não se improvisa.

A relação específica de acompanhamento diferencia-se da relação coloquial e ordinária com

13 Cf. B. Giordani, *Una nueva metodología para la dirección espiritual*: Seminario 28 (1982) 147-161.

os jovens no ambiente e na dinâmica de grupo (que costuma ser contaminada por alguns 'vícios' relacionais). A relação de ajuda abrange três aspectos importantes:

- **SABER:** Base teórica e sua relação com o acompanhamento.
- **SABER SER:** Interiorização de atitudes vitais para uma sadia relação de escuta e discernimento (atitude existencial do acompanhante).
- **SABER FAZER:** Uso de técnicas adequadas e habilidades específicas, com a finalidade de suscitar e dar qualidade ao discernimento no interior da relação.

Limitemo-nos a este esquema, que certamente é conhecido por um bom grupo de vocês, ou pelos leitores, mas não podemos nem podemos passar por ele superficialmente.[14]

- **Base teórica e sua relação com o acompanhante (saber)**

A psicologia humanista oferece-nos ferramentas válidas e comprovadas para o acompanhamento espiritual e pastoral. Essas habilidades e ferramentas estiveram presentes na sadia tradição espiritual, e também na pedagogia do Sistema Preventivo.

A relação de ajuda tem uma visão positiva da pessoa, dotada de uma tendência inata à sobrevivência, ao crescimento e à autorrealização. A pessoa abriga os recursos necessários para o seu melhor funcionamento e o discernimento da sua vida.

Desde este ponto de vista, cria-se uma hipótese: em se criando uma relação adequada, a pessoa poderá descobrir em si suas capacidades para seu próprio crescimento e transformação, em relação consigo mesma e com os outros.

A relação de ajuda é uma ciência para o acompanhante e um benefício para si ou para a pessoa acompanhada, a serviço do discernimento da vontade de Deus.[15]

---

14 Existe uma ampla bibliografia em todas as línguas. Cf. C.R. Rogers, *El proceso de convertirse en persona, Barcelona* 1986[6]; Ib *El camino del ser*, Kairós, Barcelona 1987; J.C. Bermejo, *Apuntes de relación de ayuda*, Sal Terrae, Santander 1998; Ib. *Introducción al Counseling. Relación de ayuda*, Sal Terrae 2011; Saint-Arnaud, *La consulta pastoral de orientación rogeriana*, Herder, Barcelona 1972; R.R Carkhuff, *The Art of Helping*, HRD Press Inc., 2009; J. Soriano, *Relación de ayuda y comunicación, en AA.VV., hombre en crisis, y relación de ayuda*, Madrid 1986; Tomeu Barceló, *Las actitudes básicas rogerianas en la entrevista de relación de ayuda*: Miscelánea Comillas Vol. 70, núm. 136 (2012) 123-160.

15 Cf. L. Cian, *I Metodi della direzione spirituale alla luce delle moderne scienze dell'uomo*, in M. Cogliandro (coordinamento di), *La direzione spirituale nella Famiglia Salesiana*. *Atti della X settimana di spiritualità della Famiglia*

- **Atitudes vitais de uma sadia relação (saber ser)**

A relação de ajuda espiritual requer interiorizar e adquirir de forma espontânea algumas atitudes vitais da parte do acompanhante:[16]

- Autenticidade, sinceridade e coerência.
- Aceitação incondicional e estima ou consideração positiva.
- Compreensão empática (fruto da escuta profunda e ativa). A técnica empática é uma atitude exigente, e chega a ser espontânea com a prática e o treinamento.17

- **Técnicas adequadas e habilidades específicas (saber fazer)**

O acompanhante dispõe de habilidades proporcionadas pelas ciências humanas; contudo também dispõe de outras, próprias da sabedoria espiritual, para discernir a vontade de Deus. O discernimento começa com a mesma relação e suas habilidades:

As mais importantes estão resumidas neste esquema:

- Habilidade de ACOLHER (atitude de aceitação)
- Habilidade de ESCUTAR:
    - Escuta interior e exterior
    - Escuta ativa e empática
- Habilidade de RESPONDER:
    - Resposta empática
    - Resposta reformulada (resposta reflexa)
- Habilidade para PERSONALIZAR:
    - Saber perguntar (ajudar a encontrar soluções e buscar discernimento)
    - Ajudar a identificar, formular e interiorizar
    - Identificar os frutos (conexão com o discernimento espiritual): segurança de si, humildade e verdade, aceitação da realidade, autogoverno, obras de bem, aumento da escuta a partir de Deus, progresso na virtude...

A 'escuta ativa" é um ato de amor que cura feridas,[18] ajuda a superar dificuldades, motiva o autoconhecimento e leva ao maior discernimento da própria verdade. A pessoa escutada sente-se reconhecida e pode iniciar um processo sadio de autoconsciência.

A aceitação da pessoa e a escuta engrandecem o coração, onde estão inscritos o desejo e a nostalgia de Deus. Quando a pessoa se sente escutada, ganha em autonomia e identidade: assim poderá resolver por si mesma suas questões pendentes, as crises o crescimento vocacional... Isso é anterior ao discernimento, mas também o prepara.

A dinâmica salvadora de Deus acontece na escuta espiritual; porque no profundo do coração humano há muito de Deus que precisa florescer.

Salesiana, Roma 23-29 gennaio 1983, 151-180. o. cit. 151-180. Leitura recomendada.

16 Cf. Tomeu Barceló, o. cit 123-160;

17 É conveniente entender as partes da empatia: identificação, repercussão, incorporação e separação. Os efeitos da compreensão empática são benéficos para as duas partes: suscita sentimentos e experiências relevantes, estimula o autoconhecimento, favorece o autoconfronto, gera autoestima, valorização e dignidade própria, facilita a aceitação de si mesmo/a, etc.

18 Cf. José Carlos Bermejo, *La escucha que sana: dialogo en el sufrimiento,* San Pablo, 2002.

As técnicas psicopedagógicas não atuam como terapia no acompanhamento, mas como qualidade de relação, mediação para a ação do Espírito, a serviço do processo espiritual da pessoa acompanhada e o aperfeiçoamento do acompanhante.

A relação de ajuda aplica-se na pastoral e em outros âmbitos profissionais; no acompanhamento, porém, é realizada como principal ferramenta na entrevista ou colóquio pessoal. Quando entra em jogo o 'discernimento de espírito', requerem-se outras habilidades e atitudes, relacionadas com o 'agir' de Deus, como veremos.[19]

5. Ensina-nos a discernir tua presença na vida dos jovens! Senhor, que os jovens saibam discernir tua presença e amizade!

Aproximamo-nos da ciência do coração na profundeza do mistério da pessoa e na abertura à vida do Espírito, com a súplica orante da Samaritana.

O discernimento é necessário porque a existência é atravessada por ambiguidades e situações falazes, mas também por certezas de sentido e por convicções morais. O discernimento é necessário não só para diferenciar o bem do mal, mas entre bens diversos; nem todos os bens existem para serem realizados pela pessoa; alguns são apenas para serem conhecidos e admirados nos outros. A partir de Deus, a vida tem sua ordem e 'disciplina'. Mas o discernimento também é necessário para situar na vontade divina os deslizes e erros.

O acompanhante ensina e ajuda a saber interpretar os estados de espírito e as moções mais profundas do Espírito de Deus. O discernimento move-se nos movimentos interiores (emocionais e espirituais) em várias direções, até que uma delas vai se fixando na consciência como a própria e melhor expressão da vontade de Deus.[20]

De um lado, o desejo de Deus habita nos desejos humanos e, de outro, a Graça, nas tendências da natureza humana. Contudo, ela estimula e cresce, como o trigo com a cizânia.

Deixemos claro que o discernimento é uma ciência do coração, aprendida na escuta da Palavra de Deus, no encontro com ela e nos encontros interpessoais. O acompanhamento é, em si mesmo, história de salvação em que Deus seduz (cf. Jr 20,7) e Jesus se converte em caminho, verdade e vida (cf. Lc 24,17).

5.1. Aproximação do discernimento espiritual

A ação de discernir, do latim 'discernere', faz referência a analisar, separar, examinar, diferenciar e saber optar pelo objeto procurado. Trata-se de uma operação racional e sensível em vista de uma determinação.

O termo grego 'diakríno' (διακρίνω) significa 'dar-se conta', 'determinar-se', 'separar', 'distinguir' uma coisa da outra para saber agir; dessa palavra vem 'crise'.

Paulo fala com frequência de esquadrinhar (examinar) ou de perscrutar as escrituras. Usa em muitas ocasiões o verbo grego diakríno para aderir à mensagem revelada (cf. 1Ts 5,20-21; 1Cor 6,2;9,3;11,31;13,11).

19 Cf. E. Montalt, *El consejero espiritual*, Desclée de Brouwer, Bilbao 2010; S.A. García San Emeterio, *El acompañamiento, ministerio de ayuda*, Paulinas, Madrid 2001; F. Peraza Leal, *Discernimiento, asesoría, animación y dirección espiritual*, Centro Salesiano de Formação Permanente, Quito 2009[3].

20 As Regras de discernimento dos Exercícios de Santo Inácio oferecem uma sábia metodologia de discernimento. Cf. J. Guillet, *Discernement des esprits*, en *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique*, Vol. III, 1222-1291; M. Ruiz Jurado, *El discernimiento espiritual. Teología, historia, práctica*, BAC, Madrid 1994; Timothy M. Gallagher, *The discermment of Spirits. An Ignatian Guide for Everyday Life*, The Crossroad Publishing Company, New York 2015 [tradução: *Discernimiento de espíritus. Guía ignaciana para la vida cotidiana*, Barcelona, Herder 2016].

O discernimento é aplicado à pessoa, à comunidade, a um grupo e à ação pastoral.

Aplicado ao âmbito do acompanhamento espiritual e vocacional, o discernimento pode ser definido como a arte ou a ciência pela qual se busca e se reconhece a origem divina (vontade de Deus) do que acontece numa pessoa ou num grupo, baseando-se em sinais exteriores, em moções interiores, nos processos pessoais de crescimento ou nos sinais.

O discernimento de que falamos nasce da experiência de fé e da presença oculta (mas real) do Mistério de Deus na pessoa. Essa presença não é estática, mas dinâmica na experiência crente e na história vocacional.[21]

A existência discernida leva a uma vida cristã configurada pelo Espírito (cf. Rm 3,6.8) e forja uma personalidade cultivada pela vida teologal (cf. 1Ts 1,2s;5,8-10; 1Cor 13,13; Cl 1,4). "O discernimento espiritual impõe-se como uma constante na vida do cristão para passar da idade infantil da fé à do 'homem' perfeito e maduro".[22]

Para Paulo, o discernimento não é questão de análise, mas de luz interior. A análise causal e de busca racional da verdade não é o mais importante nem o determinante. As coisas de Deus são conhecidas a partir de Deus e por conexão vital com o espírito por conhecimento conatural (cf. 1Cor 2,6-1). Quem conheceu o amor de Deus está capacitado para discernir porque vive em obediência a esse amor, que transforma a sua pessoa por dentro e, por isso, sua conduta nasce desse caminho interior (cf. Rm 12,1-2). O conhecimento da vontade de Deus requer sabedoria e inteligência espiritual, que supera qualquer cálculo humano (cf. Cl 1,9b-11). Entretanto, é o Espírito quem ensina a viver em discernimento, quem comunica a vida teologal, ou seja, viver de fé, esperança e amor (cf. Hb 5,11-14).

O acompanhante espiritual vive em discernimento a partir da experiência de Deus em sua vida. Isso é mais importante do que saber discernir ou o que é discernimento. Porque o importante é ser mediador da presença da graça e da ação salvífica de Deus. A ação de Deus nos jovens passa, em muitas ocasiões, através dessa presença mediadora.

5.2. Pedagogia do discernimento. Questões a ter presentes

A vida comunitária e o ambiente de fé, bem cuidados, de relações significativas e de vida espiritual consolidada, são âmbitos privilegiados de discernimento.

Este foi, originariamente, o âmbito de discernimento preferido por Dom Bosco. Os jovens chegavam ao Oratório e, por contágio e imersão, passavam por uma crise e transformação pessoal. O sistema educativo do Oratório criava um ambiente rico de dinamismos humanos e de Graça (vida sacramental e oração), que atuavam como referência de discernimento. O acompanhamento espiritual no Oratório surgia no ritmo da convivência diária e com espontaneidade. Evidentemente, esse pré-comunitário é indispensável no carisma salesiano, quando falamos de acompanhamento e de discernimento espiritual.[23]

a) A comunidade promove e cuida das modalidades de acompanhar pessoas

A vida ordinária da comunidade educativo-pastoral apresenta muitas modalidades e oportunidades de acompanhar os jovens e educadores.[24]

21 Cf. A. Barruffo, *Discernimento,* S. De Fiores – T. Goffi (a cura di), *Nuovo dizionario di spiritualità,* Edizioni Paoline, Milano 1985, 410-429.

22 Ib. 420

23 Cf. A. Giraudo, *Maestros y discípulos en acción,* in Juan Bosco, *Vidas de jóvenes. Las biografías de Domingo Savio, Miguel Magone y Francisco Besucco*, CCS, Madrid 2012, 5-40; Id. *A direção espiritual em São João Bosco. Características peculiares da direção espiritual oferecida por Dom Bosco aos jovens,* in F. Attard – M. A. García (ed.), *o. cit.* 125-226.

24 Cf. Dicastério para a Pastoral Juvenil, *A Pastoral Juvenil Salesiana. Quadro referencial*, Edebê, Brasília ³2014, 114-117; M. A. García Morcuende, *O acompanhamento pessoal na proposta educativo-pastoral salesiana,* in F. Attard –

Destacamos três pedagogias básicas da pastoral juvenil:

- A pedagogia da estima, do afeto e da confiança manifestados serenamente. O desenvolvimento pessoal encontra o húmus necessário para crescer nesta pedagogia característica do carisma salesiano. O clima de afeto, confiança e respeito realiza-se na diversidade de papéis e assumindo as normas básicas para que se possam dar os processos pessoais. Nesses processos o critério de discernimento é muito importante.

- A pedagogia dos 'itinerários de educação na fé' como o âmbito comunitário mais adequado para que surja o acompanhamento pessoal, mas, sobretudo, para oferecer a experiência de Deus numa comunidade juvenil. Muitos jovens são acompanhados na experiência de grupo juvenil, com o apoio da amizade e o testemunho de fé dos seus companheiros e referentes adultos na fé. O 'itinerário de educação na fé' no ritmo de crescimento evolutivo e o 'itinerário de oração' são de vital importância na pastoral salesiana, com a iniciação e celebração dos sacramentos da iniciação.

- A pedagogia do acompanhamento é uma ajuda para crescer e amadurecer, e discernir a vontade de Deus em relação à vocação pessoal e à vida cristã em geral, através das mediações diárias da vida comunitária. A vida cotidiana esconde muita informação sobre os comportamentos, as motivações, as atitudes, a abertura e a docilidade à iniciativa de Deus;[25] e oferece oportunidades para amar e trabalhar em liberdade, para viver a vida como missão no estilo de Jesus.

O acompanhamento no ambiente comunitário e nos diversos grupos de pertença são tão importantes como o acompanhamento pessoal. A comunidade é lugar de santificação. O modelo educativo-pastoral salesiano é orientado aos adolescentes e jovens mais vulneráveis. O simples fato de educar é um ato de amor, é dar vida.[26]

b) O jovem ou a jovem deve ser preparado para reconhecer a passagem de Deus pela sua vida

Movemo-nos numa cultura sempre mais secular, crítica, de pensamento funcional e pluralismo religioso. Acrescenta-se a isso a crise das religiões institucionalizadas, em especial da Igreja, e do estreitamento do horizonte existencial. E mais: nas sociedades secularizadas Deus é sempre menos útil.

Contudo, Deus pertence à fé, ao sentido e à experiência de vinculação e relação.

Em nosso modo de ver, o discernimento espiritual requer alguns requisitos prévios mínimos nos jovens de hoje, que serão proporcionais às possibilidades de cada jovem. O acompanhamento espiritual requer que levemos a sério a pastoral desses requisitos prévios à fé e a preparação do sujeito para dar assentimento à oferta de Deus.

Esses requisitos prévios partem da situação e mentalidade dos jovens e a respeitam, assumindo:

- as exigências do humanismo ético no que diz respeito ao sujeito consigo mesmo e em relação, como são: a decisão de ser pessoa, a busca da própria verdade, a autenticidade vital, o respeito à alteridade, os valores éticos...; e

---

M.A. García (ed.), o. cit. 261-289.

25 Cf. L. Arrieta, *Acompañar en la vida cotidiana. Cómo entender y realizar el acompañamiento desde una perspectiva integral*: Revista Testimonio 197, Santiago de Chile 2003, 51-64; Ib. *Acoger la Vida, acompañando la vida*, Cuadernos Frontera-Hegian Nº 26, Vitoria 1999.

26 "Educar é um ato de amor, é dar vida. E o amor é exigente, pede para utilizar os melhores recursos": Papa Francisco, *Discurso aos participantes da plenária da Congregação para a Educação Católica*, Roma, 13 de fevereiro de 2014; M.A. García Morcuende, *La educación es cosa de corazones. El modelo educativo-pastoral de los salesianos de don Bosco,* Editorial PPC, Madrid 2017. "Os jovens precisam ser acompanhados… Educar é… uma aventura de crescimento": Ib. 247.

- a liberdade de Deus e sua Graça: o dom que faz de Si mesmo na pessoa de Jesus Cristo.

Os acompanhantes sabem reconhecer na vida dos jovens a manifestação do amor de Deus. Mas também oferecem as bases de uma vida cristã e vocacional: abertura à transcendência, disposição gratuita ao mistério, acolhida alegre da ascese, que comporta o projeto de vida, a determinação para a relação com Deus e com Jesus Cristo...

Por isso, a arte do discernimento é o mais belo do acompanhamento e o específico desse ministério eclesial. O modelo e método de discernimento pode ser considerado a partir de diversos enfoques, segundo o tipo de acompanhamento.[27]

c) O discernimento tem seu momento

A introdução do discernimento tem seu momento, tempo e forma na história pessoal do jovem, com o vínculo do amor criado pelo Espírito.

A Graça faz-se presente na liberdade humana, que se move entre a colaboração com Deus e as resistências a deixar que seja Ele o centro pessoal e fundamento da vida.

É conhecida a expressão do Papa Francisco, "É preciso vigiar o coração para que não entre o mal", aplicada à importância do exame de consciência.[28] Para o carisma salesiano essa vigilância é prevenção (cria as condições adequadas) e promoção (proporciona os meios pedagógicos para o desenvolvimento da maturidade humana e o processo da experiência de fé). O discernimento move-se em contrastes e em tensões interiores; por isso o eu pessoal precisa ser fortalecido e preparado com a presença educativa.

A fé está sujeita a muita fragilidade, mas é dotada de força interior. Quanto mais fragilidade no humano e na fé, mais acompanhamento é preciso (cf. Amoris Laetitia 291) com a lei da gradualidade, da prudência e da compaixão nas limitações (cf. AL 305).

Certamente, o estilo salesiano relaciona o princípio do "discernimento de espírito" da tradição com o critério de preventividade e com o critério da promoção da vida de Deus no jovem (vida alegre em Sua amizade). O acompanhante com carisma salesiano deve ser especialista no discernimento do espírito de Deus[29] e saber promovê-lo na vida dos jovens, como Dom Bosco o soube fazer nas vidas de Domingo, Miguel e Francisco[30]; e como madre Mazzarello[31].

6. Regra fundamental e básica (observar e centrar o 'coração')

Cedo ou tarde, no processo de acompanhamento, a pessoa deve discernir a vontade de Deus, decidir se Deus é o horizonte de sua vida, decisões ordinárias nas quais estão em jogo a sua própria salvação e felicidade.

O acompanhante ensina a dinâmica da escuta interior (ilusões, desejos, temores, quedas…) aos

---

27 Acompanham-se as situações e os problemas pontuais (maturidade humana, estudos, relações familiares, amizade e casamento, etapa de vida espiritual, crise de oração e de Deus…); e acompanha-se a pessoa (processo humano-espiritual, integrando as questões que entram em jogo a partir da vida real e do passado pendente).

28 O Papa Francisco evidenciou a importância do exame de consciência para 'conservar' o Espírito que Jesus deu a todos os filhos de Deus; cf. Papa Francisco, *Homilia na Casa Santa Marta*, 10 de outubro de 2014.

29 "Há, portanto, em nós, um 'espírito do mundo' e um 'espírito de Deus', ao mesmo tempo, como o trigo e a cizânia da parábola. Para amadurecer cristãmente é preciso saber discernir estes espíritos. E o fundamento da capacidade de direção espiritual é precisamente o chamado 'discernimento dos espíritos': saber se é o espírito mundano ou se é o Espírito Santo que move o nosso coração e guia as nossas decisões [...]. Essa capacidade original de discernimento dos espíritos (que transcende as ciências) não é fácil, mas é profundamente indispensável na direção espiritual: Egídio Viganò, *Comentário à estreia '83*, in Mario Cogliandro, *o. cit.* 16.

30 Cf. A. Giraudo, *Maestros y discípulos en acción,* en Juan Bosco, *Vidas de jóvenes. Las biografías de Domingo Savio, Miguel Magone y Francisco Besucco*, CCS, Madrid 2012, 5-40; Ib. *Direção espiritual em São João Bosco. Aspectos peculiares da direção espiritual, in* F. Attard – M. A. García (ed.), *o. cit.* 148-160.

31 Cf. M.E. Posada, *Il carisma della direzione spirituale personale in S. Maria Domenica Mazzarello*, en M. Cogliandro (coordinamento di), *La direzione spirituale nella Famiglia Salesiana…* 101-102.

jovens, para aprenderem a diferenciar e interpretar entre o sentimento natural do eu e o sentimento da escuta de Deus; entre o que deixa aridez e tristeza e o que deixa alegria e consolo, etc.

O Padre Cafasso usou esse método com Dom Bosco, e Dom Bosco com Miguel Magone e com muitos outros jovens, alguns deles seus primeiros filhos.

O Papa Francisco recorre com frequência a essa sabedoria da tradição espiritual.[32]

Oferecemos uma pauta básica para introduzir-se no caminho de discernimento, aplicado à vida educativa e espiritual dos jovens, qualquer que seja a sua situação pessoal.[33]

A pessoa, com sua inteligência e com a luz do Espírito, pode distinguir o verdadeiro do falso, o erro da verdade. Para isso, observa-se o estímulo e a resposta, a atração e o desejo, de onde vêm e para onde levam (as consequências); e como fica o interior...

Nos inícios e para preparar a relação com Deus, convém (1º):

a) Aprender a diferenciar, saber do que se trata e de onde procede

- Focar na questão de definir do que se trata (por exame ou conhecimento): as questões que entram em jogo no sentimento da pessoa. Escutar os afetos...
- Distinguir e diferenciar entre o psicológico (por auto-observação) e o espiritual (pela ação de Deus).
- Interpretar o que vem ou procede da tendência ao egoísmo ou a tendência ao amor mais verdadeiro.
- Saber o que vem só da razão e da emoção e o que vem do Espírito Santo em matéria de discernimento e na decisão que o acompanha. Nem tudo pertence à ação salvífica de Deus: há forças contrárias ao Reino da Graça que arrastam, e, embora sejam um bem, procedem do eu ao eu para sua própria 'glória'...

Mas, como se sabe de onde vem?

- O que vem do bem, de Deus e do Reino (reino de Deus) produz:
  - Estado de paz, embora nem sempre deixe tranquilidade total porque cria uma luta interior que faz crescer.
  - Alegria (satisfação) que vem de dentro; embora, às vezes, com o sofrimento da perda de algo que também atrai.
  - Liberdade interior, identidade pessoal e autenticidade; embora, com certa dor pela ausência da opinião e estima dos outros.
  - Maior proximidade de Deus e seu amor, de Jesus e sua mensagem evangélica; embora não

32 "Jesus dirige o seu olhar também a vós, convidando-vos a caminhar com Ele. Caríssimos jovens, encontrastes este olhar? Ouvistes esta voz? Sentistes este impulso a pôr-vos a caminho? Estou convicto de que, não obstante a confusão e o atordoamento deem a impressão de reinar no mundo, este apelo continua a ressoar no vosso espírito para o abrir à alegria completa. Isto será possível na medida em que, inclusive através do acompanhamento de guias especializados, souberdes empreender um itinerário de discernimento para descobrir o projeto de Deus na vossa vida. Mesmo quando o vosso caminho estiver marcado pela precariedade e pela queda, Deus rico de misericórdia estende a sua mão para vos erguer: Papa Francisco, *Carta aos Jovens,* Vaticano, 13 de janeiro de 2017: https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2017/01/13/0022/00051.html#po.

33 Cf. M. Rupnik , *El discernimiento*, Editorial Carmelo, Burgos 2016 61-73 [Originale: *Il discernimento. I. Verso il gusto di Dio; II. Come rimanere con Cristo,* Roma 2004]. O livro oferece orientações práticas e metodologias para o discernimento, que consideramos úteis.

esteja à altura dessa perfeição.

- Maior vontade e desejo de entrega aos outros com generosidade e partilha da fé; embora com algumas resistências.

- Diversamente, o que vem apenas do psicológico e do cálculo racional, do egoísmo pessoal e das forças contrárias ao bem e ao reino, costuma produzir:

  - Tristeza profunda; embora com momentos de satisfação e felicidade.
  - Arrependimento e alguma culpa; embora se tente justificar com raciocínios ou pela imitação do que todos fazem.
  - Dominação de alguns vícios ou costumes que impedem de viver em liberdade e autenticidade.
  - Afastamento de Deus, da mensagem de Jesus e da caridade cristã.
  - Bloqueio sempre maior no próprio egoísmo, escuridão e mente fechada.

<u>Para verificar, da parte do acompanhante, a orientação interior do acompanhado (2º)</u>

b) Quando a pessoa acompanhada vive serena e 'ordenada' nos afetos?

Quando, normalmente

- experimenta e expressa serenidade e ordem interior, quando a razão, o afeto e a vontade se orientam para o mesmo objeto e inclinação; e

- experimenta e expressa inquietação quando existe uma séria divergência na direção ou decisão tomada ou a tomar, entre razão, afetividade e vontade.

A questão, portanto, está em tomar consciência: para onde está orientado: qual o seu norte?

Para isso, o acompanhante ajuda a escutar bem e suscita questionamentos para que a pessoa encontre de onde provêm seus sentimentos de paz ou de inquietação e para onde a levam; quais pensamentos derivam deles e para onde a incitam; que motivações intervêm e para onde levam.

Em geral, surgem dois polos a esclarecer: Deus e o eu obtuso (lento e centro da realidade).

Qual é a orientação fundamental? Para isso a pessoa deverá examinar se o seu pensamento, o seu sentimento interior e a vontade levam a Deus, encerram (oprimem) o eu ou ampliam o horizonte.

Se há um processo, o Espírito leva, cedo ou tarde, à centralidade de Deus na vida, ou a fundamentar-se n'Ele. A oração, especialmente com a Palavra, e a vida serão decisivos.

<u>Para continuar a caminhar na relação com Deus (3º):</u>

c) Questão importante: Onde e como está a minha orientação fundamental?

- **O que me move na vida? A partir de onde eu vivo?** (quais motivações atuam?)

  Diferenciar: o que faço, como o faço e a partir de onde (a partir das necessidades, do interior, da vontade de Deus, da dimensão pascal de Jesus, do Espírito).

- **Duas perspectivas de orientação na vida espiritual:**

  - **Desde si e para si mesmo,**

    como agem as tendências opostas à vontade de Deus?

- O eu age fechado e justificado em sua razão e afetividade narcisista para continuar no próprio vazio. A mente obtusa (o maior inimigo) agirá com compensações afetivas sobre os sentimentos e o desejo, identificando-as com a felicidade maior. A mente e o afeto darão razões para convencer-se de que tudo vai bem, mas justificando-se de forma agarrada a si mesmo.
- O Espírito Santo agirá de maneira muito diferente se a pessoa se abrir ao amor de Deus. O Espírito mostrará as mentiras e fará a pessoa ver que não está bem consigo mesma e com Deus. Dessa forma, atuará sobre o raciocínio e provocará mal-estar, embora nos sentimentos entretidos na dispersão.

  Se a pessoa é autêntica, não suportará a colisão com Deus que tende a tirá-la de suas comodidades e de seus refúgios com a lógica da vida do Reino. Se a pessoa mudar ou se modificar, poderá experimentar uma paz diferente.

  O Espírito da luz leva a saber distinguir entre estar contente e viver feliz, entre estar satisfeito e estar sereno na verdade, entre experimentar amor gratificante e amor real e verdadeiro. Pois a paixão do Salvador é consolação.

➢ **A partir de Deus e para Deus**

Como atua a inclinação que aproxima de Deus e como atua a que afasta d'Ele?

- Se a orientação for boa, a ação do Espírito Santo (1º) mantém a razão, o sentimento e vontade orientados para Deus. Atuará sobre o sentimento, nutrindo-o com a consolação espiritual; sobre a razão, buscando compreensão no que se está a viver; e sobre a vontade, levando-a a ações de serviço e de bem. A pessoa pode continuar a viver a partir de si mesma, mas sabe que não é o centro (2º). A vontade de Deus orienta-a para o seguimento de e com Jesus Cristo. O Espírito de Deus guiará para esse seguimento humilde. Contudo, serão encontrados sentimentos e razões que levam a desviar desse centro e fundamento.

- Diversamente, a ação do espírito 'inimigo', ou opositor, procurará separar mente, coração e inclinação (razão, afetividade e vontade) para romper com a reta orientação e provocar inquietação. Atuará sobre a razão, suscitando raciocínios falsos, criando obstáculos ou aumentando a aversão; sobre a afetividade, conservando afeição pelo prestígio e interesse pela 'idolatria' pessoal; sobre a vontade, orientando-a a ações de apropriação e de proveito pessoal. Esses falsos 'bens' são revelados pelos medos, temores e aridez que semeiam na alma ou 'centro da interioridade'. Sua estratégia será atrair com perguntas iniciais, sem que possam ser consideradas antes da ação; outras estratégias serão manter a pessoa no nível dos primeiros impulsos, entretê-la com uma mente vaga e superficial em recordações, pessoas e eventos conhecidos...

d) O caminho é longo, não é "coisa" de um dia

O discernimento não é o resultado de alguns poucos momentos de oração e reflexão, mas de um processo interior de contraste com a realidade, de análise dos fatos, de processos de amadurecimento humano, de confronto com o Evangelho, de relação viva com o Senhor e de contemplação de seus mistérios. O discernimento requer tempo e tranquilidade interior.

As orientações do ou da acompanhante são de importância decisiva. Não é que precisemos interpretar o que a pessoa acompanhada vive, mas que devemos dar-lhes os 'instrumentos' para adquirir essa sabedoria de discernimento em tudo.

Esses 'instrumentos' são orientações básicas a partir dos sentimentos, dos pensamentos e das inclinações da vontade. As ferramentas que proporcionam a mesma natureza e o Espírito de Deus são muitas. Entretanto, a relação com Deus, a escuta da Palavra e a leitura crente da realidade são centrais no discernimento espiritual.

A vida cristã é vivida em discernimento; por isso, ele jamais acaba. Mas levemos em conta que o discernimento por excelência vem da escuta da Palavra, e cabe a ela discernir a realidade e a vida do crente (cf. Rm 12,2).

7. Sinais de discernimento espiritual. Capacidade de enfrentar a vida

O discernimento é espiritual, e sua arte está em detectar a ação do Espírito Santo na experiência de fé e na vida ordinária de uma pessoa vocacionada.[34]

Na realidade, o mais importante no discernimento não são as decisões a tomar nem as ações a realizar, mas os efeitos de transformação que deixam na pessoa e a mudança da liberdade que foi operado nela, para que se exercite no serviço, na humildade e disponibilidade no bem agir, fruto do amor recebido. Contudo, o maior fruto, efeito e resultado é o crescimento na relação com Deus e com Nosso Senhor Jesus Cristo.[35]

A veracidade do discernimento não está na mudança rápida, mas na transformação da pessoa no interior da sua consciência, lentamente, mas real. As decisões e a mudança de conduta costumam chegar mais tarde e só no final são modificadas. Porque, se a mudança é fruto do verdadeiro amor, este vem de dentro e no ritmo da presença do amor de Deus. O processo humano e espiritual de modo consistente é lugar e sinal de discernimento.

De fato, toda decisão tomada depois de um discernimento deve ser confirmada no tempo pelos frutos ou efeitos que produz na pessoa. A confirmação do pó-discernimento inicial também requer um grau de fidelidade e de relação com Deus.

Os frutos clássicos da vida espiritual são expostos por São Paulo, no capítulo cinco de Gálatas, chamados também dons espirituais: amor, alegria, paz, paciência, longanimidade, benignidade, bondade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência, castidade.

Deve-se levar em conta que o progresso espiritual não é observável objetivamente, mas é real. Isso significa que vida espiritual e união com Deus são verificadas em seus efeitos e frutos. Eles vêm do modo de pensar, sentir e agir. Mas são notados na qualidade das relações e na mudança das motivações.

Quando se trata de adolescentes e jovens, os sinais e frutos também são dados pela capacidade de enfrentar temas importantes da sua vida e pessoa. Ou seja, afeta os conteúdos do acompanhamento em nível e profundidade, em retidão e honestidade.

Advirta-se que o acompanhamento e o discernimento são realizados a partir do real, do que acontece na realidade da vida. Com frequência idealizam-se no colóquio: fala-se de desejos, do que se pensa, do que gostaria ou não gostaria, de outras pessoas...

Cito alguns dos temas de diálogo no processo do discernimento acompanhado:

- Sobre o que aconteceu desde o último encontro:
    - Fatos importantes
    - Pensamentos e sentimentos mais comuns (o que se passa no interior)
    - Sentido da realidade e do que faz, pensa e vive.

---

34 M.E. Posada, *Il carisma della direzione spirituale personale in S. Maria Domenica Mazzarello*, in M. Cogliandro (coordenação), *La direzione spirituale nella Famiglia Salesiana*, o. cit. 85-104.

35 Cf. W. A Barry – W.J. Connolly, *La práctica de la dirección espiritual*, Sal Terrae, Santander 2011, 57-171 [original: *The Practice of Spiritual Direction*, The Society of Jesus of New England, 2009]. O 'diretor espiritual' no processo de crescimento educa a relacionar-se com Deus e cultivar sua amizade.

- Reconciliação com a história passada: questões pendentes de reconciliação ou que se devem rever para adquirem novo sentido e significado, à luz do presente.[36]
- Afetividade e sexualidade passada e presente. Afetos, apegos, processos afetivos.
- Relações: família, amigos e amigas, socialização, destinatários da missão.
- Outros aspectos de maturidade e mudança pessoal: desenvolvimento e consciência moral, ética solidária, qualidade das relações, trabalho...
- Área estrutural ou de consistência da pessoa: valores, qualidades e necessidades; emoções, motivações e mecanismos defensivos...[37]
- Vida como vocação, missão e criatividade... Reta intenção em tudo...
- Relação com Deus: imagem e história da relação com Deus, representação de Jesus Cristo e relação com Ele, o perdão em nome de Jesus, vida sacramental...
- Oração: introdução à relação com Deus, métodos e pedagogia, exame da oração, ações pontais (retiros, Exercícios Espirituais)....

Observação 1ª: Para haver um processo de discernimento é preciso existir um contraste entre polos: o real e o subjetivo; o objetivo e o pessoal. Para tanto, temos a análise da realidade e a orientação da Palavra. A confiança é importante.

O acompanhante cria esse contraste, escutando o que acontece na subjetividade da pessoa (ajudando a discerni-la) e, às vezes, oferecendo conteúdos objetivos (de doutrina cristã e análise da realidade). Se a pessoa entra no caminho de fé, a Palavra é referência obrigatória. Só a Palavra chega até o núcleo da alma (cf. Hb 14,12).

Observação 2ª: O acompanhante deve saber estimular o espírito de busca da verdade, a beleza e o mais adequado da vida na pessoa do jovem. Para isso, recorrerá ao seu nobre coração e ao que Deus vai despertando nele. Sobretudo, o desejo de 'santidade', o desejo do 'mais' do amor e certa intuição teologal (viver de fé com confiança, de amor com gratidão e de esperança com paciência). O olfato ou sensibilidade teologal é muito importante; ele pode ser educado com a magnanimidade, a gratuidade em tudo, a oblação de si...

8. Dinâmica espiritual do chamado vocacional

O discernimento é aplicado à vida no que tem de chamado. Quando isso ocorre de forma específica, o discernimento adquire uma dimensão diferente, conforme a dinâmica bíblica do chamado, a partir da estrutura espiritual da fé.

Toda vocação cristã deve ser discernida a partir da sua origem, mas também como resposta livre e confiante. Toda vocação autêntica tem sua origem no chamado e sua repercussão na resposta; portanto, discerne-se a partir desta dupla dinâmica.

O chamado vocacional é uma resposta apaixonada Àquele que chama, que atua desde o interior da natureza da pessoa. Para tanto pontuamos a sua dinâmica.

- A iniciativa é de Deus: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o atrair" (Jo 6,44).
- A pessoa chamada deixa-se interpelar e atende a quem a chama e para o que chama; dispõe-se, portanto, a descobrir o chamado nas inclinações pessoais e na história de cada dia, e a

36 Cf. J. Garrido, *Releer la propia historia. Sobre los ciclos vitales y sus crisis*: Frontera-Hegian 19, Vitoria-Gasteiz 2004; Ib. *Vivir en proceso. Un modo de plantearse la vida*: Frontera-Hegian 55, Vitoria-Gasteiz 2010.
37 Cf. A. López Galindo, *Claves antropológicas para el acompañamiento*, Frontera-Hegian 23, Vitoria 1998.

escolher com responsabilidade o estilo de vida.

- Deus assiste e cuida com o ardor do Espírito, e se faz perceber no sujeito. A percepção da presença misteriosa de Deus é discernida nas boas obras, no processo de transformação, nas moções interiores, na disponibilidade serena e confiante, na liberdade interior, no zelo apostólico e carismático e na 'intencionalidade do ser'. Mas a forma mais evidente é a presença infusa de Deus, em alguns dos casos particulares.

- O chamado interpela a liberdade e a autonomia da pessoa. Isso não se dá de forma milagrosa: cada um adere, acolhe, responde e plasma a resposta com motivações, pensamentos, formas de ser, nas circunstâncias; mas fará algumas experiências densas e fundantes que imprimem a 'certeza' do chamado.

  A resposta é fruto da Graça, do Espírito; não é fruto da vontade, nem de méritos pessoais. A resposta é gerada na medida em que a Graça divina atrai para uma ou outra decisão. A atração mais 'sentida' é acompanhada pela liberdade interior e a profunda paz do coração, mas gera uma resposta que em grande medida aparece como 'obediência'. "Ninguém pode vir a mim se o Pai não o atrai" (Jo 6,44).

  É sinal de chamado vocacional quando este desperta desejo de entrega apostólica, esperança projetiva, identificação com um ideal ou imitação de pessoas de referência...

- O carisma particular ajuda a identificar a concretude da resposta à missão concreta em consonância com a atração espiritual: "Eis-me aqui, envia-me" (Is 6,8).

- O chamado e a resposta vocacional concretizam-se numa vida conforme a eleição, itinerário proposto pelo carisma e na responsabilidade para a formação pessoal. O chamado vocacional também é discernido no processo de aprendizagem, com os olhos fixos em Jesus e na realidade, para descobrir todos os dias a vontade salvífica de Deus.

Assim, a dimensão objetiva da fé (conteúdos) é inserida na dimensão subjetiva da pessoa, do jovem e da jovem, segundo o ritmo de suas etapas de amadurecimento. O chamado se faz efetivo na vida cotidiana, mas a vida oferece crises e etapas de concentração para as quais é necessário um maior discernimento e valorização vocacional.[38]

Os acompanhantes são testemunhas dessa dinâmica que envolve reflexão e práxis. A pessoa vocacionada forma-se a partir de dentro, na vida real e na convivência comunitária; isso comporta ao mesmo tempo uma atitude ativa e passiva.

9. O discernimento requer mediações e ferramentas práticas

A espiritualidade cristã é uma experiência que acontece na realidade. Deus como tal, não se revela diretamente, mas vive encarnado e manifesta-se nas mediações.

O tema das mediações é ponto central no processo espiritual, sem eliminar a possibilidade do imediatismo de sua presença e liberdade absoluta, na liberdade infinita...

A experiência infusa de Deus deve ser muito bem discernida...

Deus quer e pode comunicar-se de forma imediata, mas o faz geralmente nas mediações; mas se mostra além delas, porque se dá como dom e como graça. O essencial é a fé n'Ele, o amor à sua vontade e a disponibilidade da obediência.

Pedagogicamente, porém, o acompanhante sabe propor ferramentas que ajudem no discernimento particular, com o propósito de crescer na vida de Deus ou de tomar decisões.

38 Cf. L.M. García Domínguez, *Discernir la llamada. La valoración vocacional*, UPCO, Madrid 2008.

9.1. Mediações da vida espiritual

a) Mediações da História da salvação e da Igreja

- Jesus Cristo, o Senhor: mediação para a qual convergem todas as outras. Ele é o centro. Este princípio atravessa a revelação e os evangelhos. A relação com Jesus é um tema central no da espiritualidade cristã, e, portanto, do acompanhamento.
- A eucaristia e os sacramentos.
- A Palavra (Sagrada Escritura) e a pregação viva.
- A Igreja como Povo de Deus assistido pelo Espírito Santo (o magistério...).
- Os sinais dos tempos (a história do homem, a práxis do Reino...).
- As obras do amor: obras de misericórdia, exercício da caridade e das virtudes...
- Aspectos da espiritualidade carismática.
- O ministério do acompanhamento é uma mediação da Igreja, uma 'cura de almas' e caminho de santificação; mas tem seu momento adequado em cada crente.

b) Mediações da vida ordinária e experiências significativas:

As mediações da vida diária são muitas. Todavia há mediações importantes propícias para a experiência de Deus e para a densidade da vida pessoal.

- **A vida ordinária.** O extraordinário acontece no ordinário. A vida ordinária como mediação de Deus é sempre novidade e criatividade; porque Deus salva na história e na vida de cada dia. O grande desafio do acompanhamento é viver de fé na vida diária.
- **Os 'itinerários de educação na fé' e os 'itinerários de oração'.** A CEP e a Pastoral Juvenil local privilegiam, nos ambientes e âmbitos da PJ, que os jovens tenham a oportunidade de participar de grupos de crescimento na fé e na relação com Deus. Essa opção deve ser privilegiada e é importante para o acompanhamento pessoal.
- **A solidão e o silêncio.** A afetividade serena, a reflexão, a capacidade de estar em solidão, trabalhar em paz com os outros, a comunhão íntima com os seres queridos e com o grupo comunitário, a presença de Deus, o zelo pastoral, o mundo interior...
- **A responsabilidade pastoral e ética (trabalho).** Trabalho e amor caminham juntos, como capacidade de assumir e viver o real, sem refugiar-se no imaginário, nos desejos idealizados, nas fantasias e nos temores. A responsabilidade da ação é interioridade.
- **As relações significativas.** A relação com Deus é afetiva, e se desenvolve e se põe à prova nas relações sadias e significativas ('face a face').
- **A oração é uma mediação privilegiada.** Por si mesma, expande vida pessoal e vida de Deus (sem alimentar racionalizações, fantasias ou desejos projetivos). A verdadeira oração é vivida nas riquezas afetivas, na reconciliação com a realidade, no amor gratuito e na relação com Deus. Relacionar: oração e escuta da Palavra; oração e autoconhecimento; oração e incorporação da realidade.mHá um momento importante para introduzir a Lectio Divina como método privilegiado de oração.
- **O contraste ('confrontação')** é sabedoria de discernimento, quando bem feito. Requer confiança e aceitação: custa e, às vezes, dói; mas dá paz, abre horizontes.

- **Experiências-limite** que transbordam e rompem, tanto de plenitude quanto de carência: ter um filho, uma experiência plena de oração, a morte, o sofrimento, um fracasso...

O acompanhante sabe aproveitar as experiências nas quais a pessoa se surpreende e fica intensamente envolvida. As mediações da vida ordinária são muitas.

9.2. Ferramentas para acompanhar no discernimento

a) A entrevista: Ferramenta básica do acompanhamento pessoal

A entrevista pessoal é o âmbito privilegiado no qual se realiza a dinâmica da relação, o diálogo, e se esclarece o processo de análise do discernimento.

A entrevista tem sua técnica e requer treinamento, confiança e confidencialidade.

A entrevista ou colóquio de acompanhamento pessoal é um encontro privilegiado: Qual é a relação estabelecida pelo acompanhante com o acompanhado e vice-versa?

- **Antes da entrevista para o acompanhante:**
  a) Tempo reservado e prolongado, com atitude serena, local adequado
  b) Minha preparação pessoal, que inclui a oração
  c) Ler as notas anteriores sobre a pessoa e recordar a sua história
  d) Ambiente onde nos encontramos e condições de privacidade.
- **Entrevistas ordinárias**
  1) Acolher, escutar e compreender o jovem em seus afetos, sentimentos, pareceres
  2) Ajudá-lo a aprofundar mediante a concretude, a diligência e a indagação
  3) Pode-se dar ou oferecer algum conteúdo sobre o tema, fase ou circunstância em que vive
  4) Segundo a prudência, poder-se-á oferecer algum confronto ou interpretação
  5) Pode-se fazer alguma proposta, para opções ou ações. Ajudá-lo
- **Entrevistas de finalização do acompanhamento:**
  1) Ou a pessoa acompanhada faz a sua avaliação em relação ao caminho feito
  2) Ou o acompanhante completa a avalição
  3) Abrir para experiências futuras
  4) Elaborar a despedida e situar os afetos. Referência, só ao Deus dos dois.

c) Algumas ferramentas de trabalho para o acompanhamento

- **Caderno do acompanhante.** Este instrumento confidencial é importante para o acompanhante que leva a sério a vida dos acompanhados que o Senhor lhe confia. Nele, anota aspectos significativos do processo dos acompanhados e os aspectos subjetivos do impacto e trabalho pessoal. Observar possíveis relações transferenciais.

- **Diário pessoal do acompanhado.** Alguns o chamam de 'caderno espiritual' no qual os ou as acompanhadas escrevem as ressonâncias, o processo de discernimento, as propostas concretas, as decisões a tomar e, sobretudo, a relação com Deus na oração e escuta da Palavra.

- **Projeto pessoal.** O projeto pessoal pertence à pedagogia da pessoa em processo, consciente de suas possiblidades e seus limites, discernindo a obra de Deus no processo de transformação.

- **Autobiografia.** A autobiografia é muito útil para o conhecimento pessoal, para o

autoconhecimento, para a leitura crente da vida e o discernimento. O acompanhante dispõe da ferramenta para ajudar a pessoa acompanhada a parar, refletir sobre a própria vida, tomá-la nas mãos.

10. Conclusão

O objetivo desta conferência era oferecer algumas pistas de reflexão, no contexto da Estreia de 2018, sobre "o discernimento e a decisão no processo de acompanhamento".

Iniciamos a orar com a Samaritana. Esse relato recorda-nos outro, o do bom Samaritano. Penso que o Senhor deseja imprimir 'espírito samaritano' nos membros da Família Salesiana, para curar com o óleo da compaixão os queridos jovens; para ser hospedeiros e curadores na estalagem do Reino, o Reino da misericórdia; ou para erguer um hospital de campanha nas cidades, em territórios afastados e até hostis em busca de jovens extraviados. Somos membros do grande hospital que é a Igreja, acolhida e refúgio dos mais frágeis.[39] A seu tempo, Ele pagará, quando voltar.

A nós, Família Salesiana, compete agora acompanhar os jovens, tornar Deus conhecido e discernir com eles o caminho mais adequado, para que aconteça em suas vidas a promessa da Salvação e conheçam Jesus Cristo.

Para ser testemunha da fé, educadores e acompanhantes espirituais é preciso um processo de conversão e de capacitação.[40] Quero transmitir a minha inquietação quanto à formação para esse ministério. A Igreja o pede[41] e também os jovens. Somos chamados a ser guias e Mestres espirituais, com vida interior e bem capacitados.

O caminho consiste em recuperar a experiência espiritual dos nossos Fundadores e o genuíno estilo educativo do Sistema Preventivo, com o zelo apostólico e a caridade pastoral do bom Pastor. Sejamos capazes de enriquecer a missão educativa de quanto for necessário a serviço da experiência de Deus dos jovens; sejamos capazes de ser guias competentes na escuta e no discernimento espiritual, homens e mulheres de Deus, testemunhas e mestres nas coisas do Espírito. Isso se converte em convite do Senhor e no dever de dar resposta aos jovens de hoje e a solicitude da Igreja.

Somos todos convidados. Quem se inscreve? Quem se deixa animar pelo Espírito de Deus?

Com esta intervenção espero ter iluminado, entusiasmado e ajudado a discernir o caminho a partir da vontade de Deus sobre o tema, em nível pessoal e institucional, em cada um dos ramos da Família Salesiana.

Muito obrigado.

Juan Crespo, sdb

---

39 "A Igreja deve acompanhar, com atenção e solicitude, os seus filhos mais frágeis, marcados pelo amor ferido e extraviado, dando-lhes de novo confiança e esperança, como a luz do farol dum porto ou duma tocha acesa no meio do povo para iluminar aqueles que perderam a rota ou estão no meio da tempestade ». Não esqueçamos que, muitas vezes, o trabalho da Igreja é semelhante ao de um hospital de campanha: Papa Francisco, *Amoris Laetitia* 291.

40 A supervisão do acompanhante é necessária para que a relação com Deus seja o centro da relação de ajuda espiritual; cf. W. A Barry – W.J. Connolly, *La práctica de la dirección espiritual*, o. cit 244-264.

41 "A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta «arte do acompanhamento», para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3, 5). […]. Mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, […]. Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual": Papa Francisco*, Evangelii Gaudium* 169-171.

▶ A arte salesiana do encontro, do acompanhamento e do discernimento

Michal Vojtáš

A melhor forma concreta de abordagem salesiana da educação é a história educativa de Dom Bosco. Alguns princípios básicos são descritos no breve "pequeno tratado" sobre o *Sistema Preventivo na educação da juventude,* de 1877 que, contudo, devem ser entendidos numa moldura rica de outros textos narrativos, educativos, motivacionais e regulamentares. Os textos explicam muitas vezes a realidade educativa, as boas-práticas em uso ou descrevem alunos exemplares que são "narrados" como inspiração para um leitor concreto. João Bosco narra os inícios do seu trabalho educativo em Turim, em dezembro de 1841, como um encontro real com um jovem concreto - Bartolomeu Garelli. Início feito de diálogo, compreensão da pessoa e uma simples proposta de diversão nos dias festivos. Contudo, colocar o início da sua obra educativa num encontro é mais do que isso: é um paradigma do seu estilo educativo. O encontro, o diálogo, a assistência e o acompanhamento são os eixos ao redor dos quais gira a educação salesiana. O Papa João Paulo II chamou Dom Bosco educador de "gênio do coração". Genialidade e paixão interior condensam-se na caridade pastoral que estimula a inteligência pedagógica a traduzir-se em gestos educativos concretos.[1]

1. Pedagogia narrativa do acompanhamento no discernimento dos jovens

Partindo da análise narrativa das biografias dos jovens, de Aldo Giraudo,[2] quero fazer uma breve síntese do acompanhamento salesiano em sete etapas. Na narração, podem-se perceber não só os ideais do homem a educar, mas também algumas etapas que descrevem a modalidade salesiana de construir a relação educativa e fazer desenvolver no jovem algumas modalidades construtivas em diálogo com as propostas formativas do educador e do ambiente da Casa salesiana.

1.1. Acolhida

Dom Bosco, enquanto educador paradigmático das narrações feitas por ele, começa a construir a relação educativa. A acolhida plena e cordial do jovem acontece através da criação de um canal comunicativo informal, situacional e simpático. A acolhida dos jovens não é só comunicação de abertura e escuta empática, que pode ser uma técnica aprendida com o devido treinamento. Segundo o Papa Francisco, trata-se também de uma «capacidade do coração que torna possível a proximidade».[3] Com muita lucidez, Pedro Stella descreve o conceito de "coração" em Dom Bosco como «o que no homem é capaz de intuição intelectual e de amor intenso e instintivo, capacidade de entender e amar, que brota do mais íntimo da unidade psicológica do homem».[4] Abertura e proximidade ao jovem com quem se encontra pressupõe certa vulnerabilidade do educador. A prontidão de pôr-se em discussão requer maturidade psicológica e equilíbrio pessoal profundo. Sem a aceitação do desafio de uma abertura profunda, o diálogo é acolhedor apenas de modo formal, e a falta de autenticidade é intuitivamente percebida pelo jovem.

Na confiança total, cria-se a "linguagem do coração", expressão típica de Dom Bosco, que podemos ver em ação no início dos diálogos com vários jovens. Com Domingos Sávio, cria-se logo uma sintonia: «Chamei-o então à parte e, começando a interrogá-lo [...] criamos logo plena confiança, ele comigo e eu com ele».[5] Miguel Magone, porém, que se encontra na situação do jogo orientado por ele enquanto «general do recreio», deve ser conquistado aos poucos com um diálogo paciente que demonstra de modo não verbal a declaração inicial de Dom Bosco: «Eu sou um amigo teu».[6] Bartolomeu Garelli, na

1 Cf. E. Viganò, *A nova educação, in* «Atos do Conselho Geral» 72 (1991) 337, pp. 27-30.
2 Cf. A. Giraudo, *Maestri e discepoli in azione*, in G. Bosco, *Vite di giovani. Le biografie di Domenico Savio, Michele Magone e Francesco Besucco.* Saggio introduttivo e note storiche a cura di Aldo Giraudo, LAS, Roma 2012, pp. 28-30.
3 Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 171. O parágrafo seguinte é o contexto da expressão citada: «Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual».
4 P. Stella, *Don Bosco*, Il Mulino, Bologna 2001, p. 60.
5 J. Bosco, *Vida do jovem Domingos Savio, aluno do Oratório de S. Francisco de Sales*, in Instituto Histórico Salesiano, *Fontes Salesianas. 1. Dom Bosco e a sua obra*. Coletânea antológica, EDB, Brasília 2015, p. 1124.
6 J. Bosco, *Perfil biográfico do jovem Miguel Magone, aluno do Oratório de São Francisco de Sales*, in *Fontes Salesianas*, p. 1175.

narração paradigmática de 1841, foi defendido por Dom Bosco com a mesma declaração de amizade que o defende numa situação de vulnerabilidade e abre o diálogo de um conhecimento recíproco:

«– E que lhe importa?

– Importa muito, é um meu amigo; chame-o imediatamente, preciso falar com ele. [...] O rapaz aproximou-se a tremer e a chorar pelas pancadas recebidas.

– Já ouviste missa?, disse-lhe com a maior amabilidade que pude.

– Não, respondeu.

– Vem então ouvi-la. Depois gostaria de falar de um negócio que vai-te agradar. Prometeu. Era meu desejo aliviar o sofrimento do pobrezinho e não o deixar com a má impressão que o sacristão lhe causara. Celebrada a santa missa e terminada a ação de graças, levei o rapaz ao coro. Com um sorriso no rosto e garantindo-lhe que já não devia recear novas pancadas, comecei a interrogá-lo assim:

– Meu bom amigo, como te chamas?»[7]

Note-se, contudo, que Dom Bosco põe em ação um diálogo equilibrado. A abertura empática supera o papel do educador impassível, distante, diretivo que nos tempos de Dom Bosco era correlato a uma religião exigente e austera, a uma salvação difícil de alcançar e a um Deus justo juiz, filosoficamente frio, alcançável somente por uma elevada especulação e perfeição moral. Atualmente, por outro lado, há o risco da aceitação banal segundo a tese pós-moderna do *qualquer coisa serve* ou do simplista *bom para mim, bom para você*. A extrema centralidade do jovem levaria à empatia e acolhida até a anulação do educador. Neste caso, seria possível concordar com Nietzsche que falou pela boca de Zaratustra do Deus sufocado e enfraquecido pela sua compaixão pelos homens.[8]

1.2. Desafio

Dom Bosco tem ao mesmo tempo uma atitude disponível e empática com a oferta da possibilidade de desenvolver os próprios dons e talentos. No encontro, Dom Bosco intencionalmente provoca expectativa, desejo, curiosidade que faz o jovem sair dos seus horizontes restritos. Domingos Sávio é posto à prova quanto ao seu desejo e capacidade de estudar com o desafio de aprender de cor uma página das Leituras Católicas. Domingos aceita o desafio, antecipa o tempo e responde muito bem ao que lhe foi pedido. Dom Bosco fica convencido e promete-lhe aceitação no Oratório.[9] No encontro com Magone, Dom Bosco vê o potencial do jovem, mas percebe também que ele está numa situação de risco. Aqui se coloca a pergunta desafiadora:

> *«– Meu caro Magone, queres deixar esta vida de menino de rua e começar a aprender alguma arte ou ofício, ou então continuar a estudar?*
>
> *– Claro que quero, respondeu comovido; esta vida de condenado não me agrada. Alguns dos meus companheiros já estão na prisão e eu receio que me aconteça o mesmo, mas que hei de fazer? O meu pai morreu, a minha mãe é pobre, quem me vai ajudar?*
>
> *– Esta noite reza com fervor ao Pai do céu; reza com o coração, confia nele, que ele cuida de mim, de ti e de todos».*[10]

O desafio no diálogo continua e Dom Bosco não revela a Magone nem mesmo o seu nome. Encaminha-o a outros provocando a sua curiosidade. O momento de desafio é muito importante por diversos motivos. O primeiro é a oferta de esperança – as perguntas abrem o horizonte do jovem

---

7 J. Bosco, *Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales de 1815 a 1855*, in *Fontes Salesianas*, pp. 1314-1315.

8 Cf. a introdução ao quarto livro de F. Nietzsche, *Assim falava Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*, Ed. Vozes, Petrópolis, 76ª edição.

9 Cf. *Domingos Savio, in Fontes Salesianas*, pp. 1125-1126.

10 J. Bosco, *Miguel Magone,* in *Fontes Salesianas*, pp. 1176-1177.

para além da situação concreta que esgotou as suas potencialidades ou não tem muitas saídas para o futuro –. O segundo elemento é o conhecimento do jovem que serve concretamente para entender se é adequado ao ambiente educativo e, se for, como inseri-lo. O terceiro elemento é um alargamento de horizonte com os olhos da fé – Dom Bosco aconselha cordialmente a rezar e esperar confiando –. Enfim, o último motivo é o contexto da livre escolha que Dom Bosco deixa ao jovem. Domingos pode, mas não deverá decorar a página do texto. Bartolomeu poderia não vir depois da missa. Magone poderia não querer conhecer a identidade daquele padre original que apareceu no meio do jogo.

1.3. Entrega

Na relação educativa, depois da aproximação e do desafio que deixa curioso e abre horizontes, pode-se chegar à resposta positiva do jovem. A correspondência ao desafio lançado, a boa vontade e o empenho do jovem chegam à formulação de uma "promessa". O jovem entrega-se ao educador e entra numa relação educativa a partir da relação afetiva e do sentimento de gratidão. Nesse momento, fica-se sabendo se o educador encontrou o ponto acessível ao bem: "Em todo jovem... há um ponto acessível ao bem e o primeiro dever do educador é buscar esse ponto, essa corda sensível do coração".[11]

> *«Depois de receber a carta de admissão, o nosso candidato estava impaciente por vir para Turim. Ele imaginava vir gozar das delícias do paraíso terrestre e tornar-se senhor do dinheiro de toda esta capital. Poucos dias depois, vejo-o aparecer diante de mim. "Aqui estou, disse ele, correndo ao meu encontro, eu sou aquele Miguel Magone que o senhor encontrou na estação de trem de Carmagnola".*
>
> *– Já sei tudo, meu caro; vieste de boa vontade?*
>
> *– Sim, sim, boa vontade não me falta.*
>
> *– Se tens boa vontade, peço-te que não me ponhas toda a casa de pernas para o ar.*
>
> *– Oh! fique descansado, que não lhe darei desgostos. No passado comportei-me mal, mas no futuro não quero que seja assim».*[12]

Nas narrações de Dom Bosco, o desafio aceito pelo jovem faz com que descubra o gosto da tensão entre a situação concreta e a promessa de um ideal. A aceitação da pessoa pelo educador, como primeiro passo da relação educativa, é uma promessa consonante com um futuro possível e positivo. O segundo passo do desafio prolonga-se num ideal distante que ressoa nas partes mais íntimas e profundas do jovem (a corda do coração). A incerteza do futuro é compensada pela vontade de trabalhar sobre si. Braido coloca aqui a obediência educativa que se conquista com a plena acolhida e é funcional ao crescimento do jovem. Domingos Savio «depois de chegar ao Oratório, foi ao meu aposento para se colocar, como ele dizia, inteiramente nas mãos dos seus superiores».[13] Aqui aposta-se a antropologia do sistema educativo. Inspirando-se em Filipe Rinaldi, terceiro Sucessor de Dom Bosco, podemos afirmar que o Sistema Preventivo se fundamenta na *amorevolezza* [bondade, cordialidade, amabilidade...] e a obediência a uma ordem de valores universais e racionais. Por sua vez, o sistema repressivo assume uma antropologia liberal e individualista pensando em alguém que decide, com livre arbítrio, diante de uma legislação arbitrária e assume todas as consequências da sua escolha.

Nesta fase, um sinal importante é a gratidão do jovem que nos faz entender se a oferta educativa é um dom que lhe é oferecido ou um dom que ele se digna oferecer ao educador. Na narração sobre Francisco Besucco a componente da gratidão é muito forte a ponto de comovê-lo e fazê-lo chorar. Nessa ocasião Dom Bosco afirma: «Este rapaz, se for acompanhado, terá

11 G. B. Lemoyne, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, vol. 5, p. 367
12 J. Bosco, *Miguel Magone*, in *Fontes Salesianas*, p. 1177-1178.
13 J. Bosco, *Domingos Savio*, in *Fontes Salesianas*, p. 1125.

excelente sucesso na sua educação moral. Com efeito, a experiência mostra que a gratidão nas crianças é geralmente presságio de um feliz futuro; ao contrário, os que esquecem com facilidade os benefícios recebidos e as solicitudes que lhes foram prodigalizadas permanecem insensíveis às recomendações, aos conselhos, à religião, e são por isso de educação difícil, de êxito incerto».[14]

1.4. Ambiente

A esta altura, o acompanhamento entra em nova fase. A relação educativa entre duas pessoas insere-se no ambiente formativo da Casa salesiana. O acompanhamento individual torna-se comunitário. Do diálogo linear passa-se à lógica sistêmica de muitas intervenções e relações. Da centralidade da personalização a certa estandardização dos itinerários educativos. Na Casa salesiana, o jovem experimenta propostas ricas de valores, relações humanas, atividades e estímulos educativos. Nos ritmos de vida e no regulamento contrabalançam deveres e tempos de diversão, propostas de estudo com propostas de espiritualidade.

Nas narrações que Dom Bosco nos propõe, deixam-se entrever diversas tipologias de jovens. Alguns, como Besucco, que em ambientes complexos se veem desorientados, vivem um tanto perdidos no sentimento de inadequação, desorientação e inferioridade. Estes precisam de encorajamentos, apoio e proximidade afetiva. Um segundo grupo é representado pela experiência de Magone que «nos primeiros dias não sentia gosto em quase nada, a não ser no recreio. Cantar, gritar, correr, saltar, fazer barulho, era o que satisfazia o seu temperamento fogoso e vivaz».[15] O terceiro grupo poderia, porém, ser descrito na figura de Domingos Savio:

> *«O seu teor de vida durante algum tempo foi como o dos outros; mas o que se admirava nele era a exata observância do regulamento da casa. Aplicava-se com empenho no estudo. Cumpria com fervor todos os deveres. Ouvia com muito agrado os sermões. Tinha radicada no coração a convicção de que a Palavra de Deus é o guia do homem no caminho do céu, pelo que qualquer pensamento ouvido na pregação lhe ficava para sempre gravado na memória e nunca mais o esquecia».*[16]

Claramente, na nova situação, o educador não deixa o jovem desprovido de acompanhamento, mas é interessante Dom Bosco apresentar a experiência de atribuir aos recém-chegados um colega mais do que um educador. O acompanhamento personalizado é necessário, mas nessa fase é crucial acompanhar o ambiente todo, programar os horários, equilibrar as experiências, formar os educadores, dar qualidade e sentido às atividades realizadas, em poucas palavras, equilibrar a pedagogia dos deveres com a pedagogia da alegria. A moldura da narração, na experiência de Magone, é o equilíbrio entre deveres, horários definidos e a alegria da recreação espontânea. O acompanhamento mediante o cuidado do ambiente educativo era para Dom Bosco tão importante que o levou nos anos 50 e 60 a passar mentalmente do oratório ao colégio como obra predominante. De fato, no colégio concretiza-se mais o princípio preventivo-protetivo que estrutura o ambiente todo.

Além de acompanhar "o currículo visível" feito de horários, espaços e atividades, é necessário cuidar do "currículo oculto" que consiste nos valores transmitidos por estilos correcionais, comportamentos, dinâmicas de grupo ou modelos implícitos não expressos. Nesse sentido, a alegria e a confiança entre educadores e educandos são os indicadores da qualidade do processo de acompanhamento através do ambiente. Demonstra-o o "testamento educativo" de Dom Bosco - a carta de Roma, na qual se deseja que «retornem os dias felizes do Oratório primitivo. Os dias do afeto e da confiança cristã entre jovens e superiores».[17]

---

14 J. Bosco, *O pastorzinho dos Alpes ou a vida do jovem Francisco Besucco, de Argentera*, *in Fontes Salesianas*, p. 1217.

15 J. Bosco, *Miguel Magone*, in *Fontes Salesianas*, p. 1179.

16 J. Bosco, *Domingos Savio*, in *Fontes Salesianas*, p. 1126.

17 J. Bosco, *Carta de Roma para a comunidade salesiana do Oratório de Turim-Valdocco*, in *Fontes Salesianas*, p. 518.

1.5. Crise

Depois de algum tempo passado no ambiente educativo, as descrições do acompanhamento descrevem um momento de intensa crise. Ou melhor, pode-se dizer que a crise é o coração das três biografias. As crises são realidade diversas, ligadas ao caráter, ao temperamento, às experiências do passado e ao grau de amadurecimento de cada protagonista. Embora diversas, as crises têm, nas narrações, um sintoma comum: diminuição da alegria, melancolia ou tristeza.

Em Domingos, o momento crítico chegou depois de seis meses da sua entrada em Valdocco. Após a pregação sobre a santidade, abre-se para ele um novo horizonte antes inacessível. O estado de espírito em que se encontra é do desejo e da necessidade de ser santo formulado em termos absolutos. A crise surge enquanto o forte desejo de perfeição encontra-se com o imaginário dos instrumentos descritos pela espiritualidade popular da época: gestos extraordinários, penitências artificiais, ações heroicas. Nessa crise, que Giraudo chama de crise "mística", a tarefa do educador é o acompanhamento na excelência da realização dos deveres ordinários e das atividades voltadas ao bem dos colegas. Podemos acrescentar que a tarefa do educador contemporâneo, além do acompanhamento na crise, é também suscitar desejos de excelência, de santidade. O horizontalismo ético atual sem ideais cria crises depressivas piores daquelas encontradas no caminho de perfeição e purificação que lhe é relacionada.

Miguel Magone, passado um mês de permanência no Oratório, confronta-se seriamente com a qualidade do ambiente, toma uma viva consciência da própria mediocridade. Seus comprometimentos levam-no a uma crise sobretudo "ética", caracterizada por remorsos de consciência e dilemas morais. Miguel consegue sair dela depois de vários diálogos tranquilizadores com o educador que lhe sugere algumas hipóteses de solução, mas não toma decisões por ele. É um processo de conversão, que lhe permite chegar a um estado de serenidade espiritual jamais experimentada antes e sair dela transformado num novo nível interiorizado de valor, escolhido com liberdade, totalidade e gosto.[18] Nesse caso, o papel do educador é acompanhar, sem substituir-se à liberdade do jovem (também por falsa compaixão) num momento de dificuldade. O acompanhante apoia, mas não anestesia, não cura os sintomas, mas, pacientemente, guia a busca das causas profundas da crise do jovem.

Francisco Besucco, por sua vez, entra em crise poucos dias depois de chegar a Turim. Sente-se desorientado no ambiente tão diferente do originário, passa da experiência de pastor das montanhas à vida num ambiente relativamente fechado da cidade. A sua crise é "afetiva", definida tanto pela nostalgia do ambiente nativo como do sentimento de inferioridade diante dos colegas. Dom Bosco acompanha-o e sustenta-o afetuosamente propondo-lhe um projeto de vida simples:

> *«Pratica apenas três coisas e tudo correrá bem [...]: alegria, estudo, piedade. É este o grande programa e, se o praticares, poderás viver feliz. [...] Ele tomou a sugestão em sentido demasiado literal; e, na convicção de agradar verdadeiramente a Deus divertindo-se, mostrava-se sempre impaciente pelo recreio para o aproveitar. Mas, qual o quê? Não tendo prática de certos jogos, acontecia-lhe com frequência chocar-se com os outros ou cair aqui e ali. [...] Pobre rapaz! Tem mais cuidado e modera-te um pouco mais. [ ] Com essas palavras compreendeu que o recreio deve ser moderado e destinado a elevar o espírito, de outra forma é nocivo à própria saúde corporal».*[19]

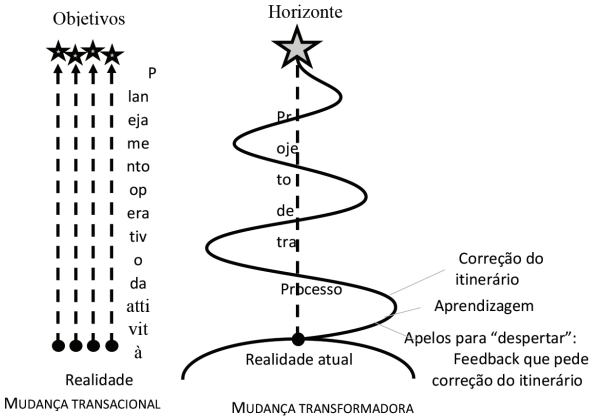
No caso de Besucco, o desafio para o educador é o acompanhamento no equilíbrio, na simplificação, na medida adequada, no bom-senso e na paciência que consegue tranquilizar a vida turbulenta e instável

1.6. Decisão

O ambiente e o educador acompanham a crise do jovem para uma decisão. Pode-se falar de

18 Cf. Giraudo, *Maestri e discepoli in azione*, in Bosco, *Vite di giovani*, pp. 29-30.
19 J. Bosco, *Francisco Besucco*, in *Fontes Salesianas*, pp. 1218-1219.

crises afetivas, éticas, relacionais, místicas, etc., mas é interessante notar que a decisão descrita por Dom Bosco tem traços comuns. Como elemento a notar está o fato que a decisão não resolve o sintoma superficial de um problema, mas vai ao fundo e realiza uma transformação interior.



Trata-se realmente de uma conversão em termos bíblicos - uma *metanoia*, ou seja, mudança do modo de pensar, de ver a si mesmo e a realidade no seu conjunto. Nesta fase do acompanhamento são necessárias ao menos quatro qualidades do educador: paciência para chegar ao núcleo da questão; capacidade de proximidade que dá apoio ao caminho do jovem em momentos difíceis; muita liberdade interior e, enfim, equilíbrio interior para não se substituir ao jovem, mas fazer com que amadureça a sua liberdade.

Em linguagem atual poder-se-ia afirmar que o educador salesiano acompanha o jovem numa mudança transformadora não num caminho transacional. Na mudança transacional atua-se uma simples *solução de problemas*, que percebe a dificuldade do jovem numa das dimensões da sua personalidade e, em seguida, projeta, ou põe em ação, algumas intervenções para chegar ao objetivo - a solução do problema e cancelamento da insatisfação ligada a ele.

Na mudança transformadora, porém, o horizonte de um ideal entusiasmante é utilizado numa constante operação de correção do curso das ações. O discernimento, portanto, é uma disposição constante quer na fase do planejamento quer na do acompanhamento. Na educação transformadora não se pensa em resolver o problema uma vez por todas. O acompanhamento do jovem e a formação permanente dos educadores são sempre úteis e necessários.

1.7. Empenho

Para a solução da crise seguem, como última etapa narrativa, as descrições dos itinerários educativos empreendidos pelos jovens protagonistas sob a guia do educador. Além dos diversos destaques, pode-se facilmente constatar a organização unitária do projeto formativo delineado por Dom Bosco nessas biografias que se refere à antropologia cristã posta em prática.

Há uma ênfase na *pedagogia do dever,* no uso escrupuloso do tempo e na solicitude em realizar os compromissos de estudo e trabalho. O dever une-se à *pedagogia da alegria* que tem sua expressão típica nos momentos de diversão e espontaneidade. A alegria encontra sua raiz profunda na paz com Deus e com a própria consciência. Coloca-se aqui a *pedagogia religiosa* e a prática regular dos sacramentos da Eucaristia e da Confissão na confiança-acompanhamento do diretor-confessor. Ultimo componente é a *pedagogia do empenho* que faz do jovem o protagonista, não só do próprio desenvolvimento, mas de muitas formas de serviço ao próximo, de belas amizades e do ardor pelo bem material e espiritual de todos. Uma vez ajudado pelos colegas, torna-se acompanhante dos próprios companheiros. Uma dinâmica que encontrou espaço na pastoral juvenil salesiana que vê na lógica da educação entre iguais os jovens animadores dos jovens.

Falta um componente para concluir a imagem completa do acompanhamento salesiano. Vimos

anteriormente o acompanhamento pessoal feito pelo educador; a colocação de colegas exemplares ao lado e o acompanhamento através do cuidado do ambiente, das propostas, dos projetos, dos horários, das aulas e a cultura relacional e organizativa. Última modalidade é o acompanhamento através de "grupos de trabalho" ou as chamadas companhias que contribuem para a criação do ambiente familiar com seu inconfundível caráter de solidariedade, emulação e livre participação. Pedro Braido observa que a descrição mais meditada da sua identidade é a narração sobre a Sociedade da Alegria, de Chieri. As Memórias do Oratório, escritas por Dom Bosco em meados dos anos 70, apresentam normas de comportamento que refletem exatamente as linhas da pedagogia mais madura de Dom Bosco:

> «Para dar um nome a essas reuniões, costumávamos chamar-lhe Sociedade da Alegria. O nome vinha a calhar, porque cada sócio tinha a obrigação estrita de arranjar livros e provocar assuntos e brincadeiras que pudessem contribuir para estarmos *alegres*. Tudo o que pudesse ocasionar tristeza, especialmente as coisas contrárias às leis do Senhor, estava proibido. Assim, quem houvesse blasfemado ou tomado o nome do Senhor em vão, ou tido más conversas, era imediatamente expulso da sociedade. Encontrando-me desse modo à testa de uma multidão de companheiros, assentamos de comum acordo estas bases: primeiro, todo membro da Sociedade da Alegria deve evitar qualquer conversa ou ação que desdiga de um *bom cristão*; segundo, exatidão no *cumprimento dos deveres* escolares e religiosos».[20]

2. Dom Bosco acompanhante porque discípulo

Seria unilateral descrever como Dom Bosco acompanhava os jovens sem nos determos na sua experiência de ser acompanhado. Parece-me lógico e convincente afirmar que, se alguém crê no acompanhamento, se fará acompanhar e o desejará fazê-lo nas diversas fases da sua vida. Antes, porém, de fazer-se acompanhar "de fato", a base está em ser discípulo, ter a mentalidade da busca dos sinais do Espírito nas situações concretas e exercitar-se nas virtudes conexas ao ser discípulo.

Em 1886, isto é, no período da plena maturidade da sua experiência pessoal, das repetidas súplicas do Reitor do Seminário de Montpellier, que lhe pedia para expor-lhe o seu método educativo, Dom Bosco exclamava na presença dos membros do Conselho Superior da Sociedade Salesiana: "Deseja-se que eu exponha o meu método, mas nem eu mesmo o sei! Fui sempre adiante como o Senhor me inspirava e as circunstâncias exigiam". Palavras que não significam, entende-se, que Dom Bosco caminhava sem saber para onde, mas que não quisera aprisionar-se num sistema rígido e estereotipado que tirasse a liberdade e a agilidade dos movimentos diante de novas iniciativas ou novas exigências. A modalidade do proceder de Dom Bosco parece bastante clara e tem as características do discernimento espiritual, ou seja, da busca da vontade de Deus nas inspirações (mais subjetivas) e nas circunstâncias (mais objetivas). Nos parágrafos a seguir descreverei algumas etapas transformadoras da vida de Dom Bosco particularmente intensas para o seu discipulado e acompanhamento.

2.1. O encontro com o Padre Calosso

A descrição do acompanhamento de Dom Bosco feito pelo P. João Calosso que encontramos nas Memórias do Oratório responde ao esquema do acompanhamento descrito anteriormente nas biografias de jovens exemplares.

1. O primeiro encontro deu-se pela estrada onde o P. Calosso vê em meio a outros que caminhavam um "menino de pequena estatura, cabeça descoberta, cabelos crespos e encaracolados", que caminhava em grande silêncio. Cumprimenta-o receptivo e brinca espirituosamente sobre a opinião da mãe.
2. Depois o desafia sobre a pregação ouvida: "Será que entendeste alguma coisa?". Depois da

20 J. Bosco, *Mamórias do Oratório,* in *Fontes Salesianas*, p. 1275.

resposta exaustiva, Calosso abre-lhe a possibilidade de estudar e promete ajudá-lo na superação dos problemas familiares.

3. Dom Bosco entrega-se à orientação do P. Calosso que o faz "perceber o que é a vida espiritual", em meio ao estudo, aos trabalhos e à alegria dos "entretenimentos dominicais no prado".
4. Retoma-se nas páginas seguintes o tema do ambiente de vida - a família. Passara o período tranquilo de inverno quando os trabalhos de agricultor não exigiam grande esforço e o irmão Antonio começava a agitar-se porque Joãozinho vivia como um "senhorzinho".
5. A crise seguinte deu-se como um conflito entre os dois irmãos. O sonho que João tinha de estudar defronta-se com a mentalidade e as exigências da vida cotidiana.
6. A decisão que resolve a crise é típica pela combinação *amorevozella*-obediência, fundamental para o Sistema Preventivo. João entrega-se inteiramente ao seu acompanhante e começa a compartilhar a vida com o capelão, voltando à casa só para dormir. Afirma que o "P. Calosso tornou-se um ídolo para mim. Amava-o mais do que a um pai, rezava por ele, servia-o em tudo".
7. O esforço dá saltos de qualidade, trabalha e estuda com gosto e responsabilidade total. "Fazia mais progresso num dia com o capelão, que numa semana em casa". É sintomático que depois da morte do P. Calosso, Dom Bosco continue o discurso do acompanhamento. Descreve logo no parágrafo seguinte o seu encontro com um "um novo benfeitor" e o seu futuro acompanhante, P. José Cafasso".[21]

2.2. A opção vocacional

Dom Bosco vivia numa mentalidade que exasperava a importância da opção vocacional a ponto de tê-la como decisiva para a salvação ou perdição eterna, trazendo inevitáveis reflexos de ansiedade. As primeiras estratégias para "controlar" o dilema vocacional foram duas: o caminho da obediência e o caminho da racionalidade. Na obediência ao seu confessor, José Maria Maloria, considerado o eclesiástico mais doutro de Chieri, João teria esperado orientações mais concretas relativas à escolha da vocação. O jovem Bosco estava muito contente com o seu guia e continuará a confessar-se com ele mesmo no Seminário, mas não lhe bastava o seu conselho sobre o tema: "Neste assunto, respondia-me, é preciso que cada um siga as próprias propensões, e não os conselhos dos outros".[22] Podem-se fazer várias hipóteses sobre a opção de Maloria de não se exprimir diretamente, mas resta o fato de João não poder escolher simplesmente na obediência a uma orientação alheia. A segunda alternativa foi a de fazer uma opção racional. Os elementos que entraram em jogo foram: tempo adequado para a opção (o último ano da escola média), decisão de não confiar nos seus sonhos, consideração da elevada dignidade do ideal sacerdotal, conhecimento das próprias fragilidades e dos perigos do mundo e, enfim, a questão econômica. O resultado racional do processo de decisão foi o pedido para entrar entre os Franciscanos.[23]

A opção racional não podia ser seguida pela forte percepção de uma inquietação interior entre os franciscanos onde o jovem Bosco não teria encontrado a paz interior tão buscada. A partir desse momento desenvolve-se o modo tipicamente *bosquiano* de discernir e fazer-se acompanhar. João Bosco o narra retrospectivamente nas Memórias do Oratório num contexto de discernimento na oração que pode ser descrito fenomenologicamente como criação de uma visão de futuro permeada pela confiança na Providência de Deus. João faz uma novena nessa intenção e recebe os sacramentos com grande fervor. A entrega ao conselho de um homem sábio, o sacerdote tio de Luís Comollo, mais do que uma decisão definitiva, é a entrada num itinerário de discernimento permanente ao longo da vida. De fato, o conselho do tio de Comollo vai nessa direção, sugerindo a João que entre no seminário onde poderá conhecer melhor o que Deus quer dele. Nessa situação, o discipulado de João Bosco deu um salto transformador, vendo-se como um discípulo em busca permanente da voz do Espírito nas situações concretas. O centro do seu discipulado é o estado de busca e não a "materialidade" do acompanhamento que pareceria ser mais ocasional, mas nem por isso menos profundo.

21 Cf. *Idem*, pp. 1264-1268.
22 Cf. *Idem*, p. 1291.
23 Cf. *Ibidem*.

2.3. A opção da prevenção propositivas

Estando em Turim, o jovem padre João Bosco não decide logo o seu campo de trabalho, mas entrega-se à formação e ao acompanhamento de São José Cafasso no Colégio Eclesiástico. Trabalhando nas obras de reeducação da marquesa Barolo e frequentando as prisões de Turim conhece os problemas urgentes dos jovens da época. É nesse contexto que Dom Bosco faz o discernimento que o leva a outro salto de qualidade: a opção da estratégia preventiva propositiva que é o coração do Sistema Preventivo. Dom Bosco escreve sobre as suas visitas à prisão: "Nessas ocasiões descobri que muitos voltavam àquele lugar porque abandonados a si próprios. Quem sabe, dizia de mim para mim, se tivessem lá fora um amigo que tomasse conta deles, os assistisse e instruísse na religião nos dias festivos, quem sabe não se poderiam manter afastados da ruína ou pelo menos não diminuiria o número dos que retornam ao cárcere?"[24]

A atenção preventiva de Dom Bosco é fruto, portanto, de um discernimento acompanhado que vai ao fundo e enfrenta as causas dos problemas que afligem os jovens. A profundidade do discernimento não é oposta, mas ajudada pela inserção no mundo concreto dos jovens. Sua resposta não é aos problemas urgentes imediatos, que correria o risco de ser assistencialismo, mas a formação preventiva que se antecipa à corrupção de quem vive "em perigo". Dom Bosco responde concretamente aos desafios do mundo juvenil com a proposta preventiva do oratório festivo: amizade numa cidade anônima em crescimento demográfico e em fase de primeira industrialização, instrução religiosa para os jovens sem paróquia, divertimento sadio para aqueles que usam a maior parte do tempo no trabalho, escolas noturnas para os analfabetos, etc.

2.4. Ulteriores evoluções do discipulado de Dom Bosco

Nas etapas descritas, viu-se Dom Bosco passar de um estilo de acompanhamento "totalizante" com o P. Calosso ao estilo maduro do discipulado. Resumindo, vemo-lo desde adolescente aos 14-15 anos deixar-se guiar com o mesmo estilo que propõe aos seus jovens nas biografias edificantes. Contudo, na opção concreta da própria vocação, vê-se na necessidade de entrar numa lógica mais madura, de discernimento constante. São descartadas tanto a obediência cega como a pura opção racional. A opção vai pelo caminho aconselhado do seminário, que lhe permite concretizar mais tarde a sua missão. Enfim, num terceiro nível, vê-se a continuação do discernimento sob a orientação de Cafasso que alarga os horizontes não só para discernir sobre sua vida pessoal, como também nas modalidades concretas do trabalho educativo-pastoral.

Nos anos 60 podemos ver o declínio do oratório festivo em Valdocco, a experiência falida do colégio de Giaveno, a problemática construção da basílica de Maria Auxiliadora, o longo processo de aprovação das Constituições, as tentativas de expansão no Piemonte, com os diversos colégios confiados a diretores muito jovens. Nos anos 70, também começam as missões na América Latina, as controvérsias com o arcebispo Gastaldi pelas quais não era nem simples nem imediato prever racionalmente o futuro da Congregação e da obra que iniciou em condições muito modestas. A criatividade operativa de Dom Bosco é fruto do discernimento contínuo que o faz afastar-se de apenas uma modalidade de trabalho (por exemplo, o oratório festivo) e dá-lhe a liberdade interior de entregar-se sempre mais à Providência. Sua genialidade operativa e o seu discipulado heroico encontram-se para se reforçarem, para serem sinérgicos.

Outro aspecto do discipulado de Dom Bosco pode ser observado nas narrações dos seus sonhos, nos quais é sempre acompanhado por um personagem: P. Cafasso, P. Alasonatti, o conde Cays, Silvio Pellico, a marquesa Barolo, etc. Até Domingos Sávio, várias vezes, guia Dom Bosco na abertura de novos horizontes. Assim se completa o itinerário - o discípulo excelente tornou-se mestre do seu mestre. É interessante como o historiador Pedro Stella une na sua avaliação o realismo e os sonhos como complementares na ação do nosso Santo:

24 *Idem*, p. 1313.

Percebe-se que não é fácil estabelecer a movimentação de Dom Bosco entre os sonhos, que ele sente ou apresenta como proféticos, e a realidade. Tem-se a impressão que ele age certo de ter um mandato do alto, uma meta a alcançar, algo a realizar mesmo sem perceber - através dos sonhos - toda a sua essência. Dom Bosco adverte que o desenrolar dos eventos faz a Congregação configurar-se não como ele a teria desejado, ou como acreditava que devesse ser [...]. Suas ideias se modificam, devem ser condicionadas pelos acontecimentos acompanhados sempre com atenção, não para aceitá-los passivamente, mas para adequar-se a eles, com contínua atividade criadora, numa renovada construção [...]. Não se trata de pragmatismo, porque em tudo domina a finalidade bem fixa e uma série de princípios religiosos e morais: é habilidade e busca de oportunidade; é otimismo radical, certo de que o futuro das coisas oferece uma base aceitável na qual implantar os próprios germes, na confiança de que eles, mesmo se condicionados por "tristíssimos tempos", encontrarão sempre a maneira de superar as tempestades e frutificar".[25]

3. Conclusão: Educar e planejar hoje com o estilo do acompanhamento

A análise fenomenológico-narrativa das experiências do Fundador da Família Salesiana permitiu-nos chegar ao seu estilo de acompanhamento em sete etapas. Esse estilo encontra correspondência na teoria e na práxis da mudança transformadora e na ação em três planos de acompanhamento interpessoal, de grupo e do ambiente. A intervenção do educador enraíza-se na experiência de, por sua vez, ter sido acompanhado, e a credibilidade dos seus gestos fundamenta-se na profunda identidade do educador-acompanhador por ser discípulo. Creio que as sete etapas e o estilo salesiano são válidos ainda hoje, mas devem ser consideradas algumas variáveis do contexto que mudou. Indico brevemente alguns instrumentos atuais que podem iluminar a prática no acompanhamento educativo dos jovens para opções de vida.

3.1. O projeto de vida como instrumento prático do acompanhamento

Visto o contexto pós-moderno sem referências fortes e compartilhadas, não basta apelar para os "valores", as "virtudes" ou os "deveres de estado" como antes, numa sociedade em que a maior parte da população era educada por valores e por um imaginário cristão compartilhado. O educador deve trabalhar esclarecendo com o jovem a visão, os valores, e acompanhar a colocação em prática de estratégias personalizadas. Instrumento útil é o "projeto de vida" redigido e criado junto com o educador, que está sobretudo no papel de facilitador. O projeto não é apenas um documento linear de valores, objetivos, atividades e indicadores, mas está na dinâmica do discernimento transformador que envolve, como nas narrações de Dom Bosco, desafios, crises, decisões e saltos de qualidade. O Quadro Referencial da Pastoral Juvenil Salesiana diz sobre isso: "Como cristãos, lemos nesta lógica o projeto de vida sob o sinal da vocação, chamado de Deus que suscita, sustenta e reforça a liberdade do jovem, tornando-a capaz de corresponder com liberdade e alegria à própria identidade e missão. [...] É nesse espaço que se coloca também a proposta da fé e a resposta do projeto de vida.[26]

O projeto de vida pode ser construído analisando com o jovem os seus objetivos, perguntando-se o porquê desse objetivo para descobrir racional e emotivamente se é uma finalidade verdadeira ou apenas um meio para chegar a outro objetivo. A finalidade da sequência de perguntas é chegar ao último desejo intrínseco que pode ser a base do horizonte-vocação e é uma finalidade em si. Outro itinerário pode ser percorrido com os jovens visualizando o futuro, imaginando os diversos aniversários da vida, a aposentadoria ou o funeral, numa espécie de "exercício da boa-morte" propositivo.

---

25 P. Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. 1: *Vita*, LAS, Roma 1979, pp. 161-162.
26 Dicastério para a Pastoral Juvenil, A pastoral juvenil salesiana. Quadro referencial fundamental, EDB, Brasília 2014, p. 53.

Em seguida, visualizam-se os conteúdos da imaginação descrevendo a narração, as pessoas de referência, os desejos para os vários papéis da vida atual. De aqui pode ter início um trabalho sobre objetivos e estratégias na vida do jovem.[27]

3.2. O estilo organizativo isomórfico de acompanhamento

Se o acompanhamento for para o educador uma tarefa a realizar, pode levar a bons resultados. Creio que o processo dificilmente chegará aos efeitos presentes nas biografias dos jovens exemplares, devido à falta da força do testemunho e do conhecimento do educador, que deve estar "adiante" no conhecimento de si, das próprias motivações, para trabalhar construtivamente com as dinâmicas de transferência - contratransferência. É preciso que o acompanhamento se torne uma "forma" que estrutura em diversos níveis a organização dos processos e dos ambientes educativos. Por isso, pode-se falar de um estilo organizativo isomórfico.

Nessa direção, mas com um corte específico, move-se o estudo do Salesiano alemão Reinhard Gesing, especialista no campo da formação salesiana. Num de seus escritos, ele compara a função do colóquio com o diretor na tradição salesiana e o diálogo de supervisão do empregado com o seu superior numa determinada empresa multinacional.[28] Através da comparação dos dois modos de dialogar, o autor chega à possibilidade de aprendizagem para as duas organizações: os Salesianos poderiam valorizar mais o colóquio (e voltar à sua prática), graças também aos estudos recentes de natureza gerencial aplicados na esfera empresarial; o papel do diretor poderia alargar-se incluindo algumas funções do *coach* de dar e receber *feedback*; poder-se-ia ressaltar a importante metodologia do colóquio; e, enfim, poder-se-ia alargar a práxis do colóquio também aos leigos nas obras salesianas como instrumento de coordenação e formação contínua. O estilo salesiano, certamente, deve estar muito além de uma supervisão empresarial, que, como dado de fato às vezes nem existe. Por um falso respeito da autonomia dos educadores e pelas heranças históricas de gerações muitas vezes já passadas, não se pratica o colóquio salesiano que tem um potencial educativo e de coordenação organizativa não indiferente.

3.3. O planejamento transformativo das estruturas educativas

Se o acompanhamento salesiano é o princípio realmente isomórfico no interior da estrutura educativa, deveria incidir não só na comunicação e nos processos interpessoais de supervisão, *empowerment*, facilitação, etc., mas também em nível de "cultura organizativa" e de identidade da instituição. Dito com termos mais concretos, o acompanhamento deve entrar também como lógica de fundo para o planejamento estratégico. Dos estudos feitos anteriormente, pode-se concluir que o modelo do homem que está na base do planejamento educativo-pastoral salesiano é o homem racional-voluntarista ligado ao planejamento por objetivos. No interior da lógica transacional, como primeiro passo, analisa-se a realidade, depois de planejar os objetivos e as atividades seguintes e, enfim, faz-se a revisão. De per si, se o planejador tem bastante consenso para fazer aprovar o projeto, não precisa da colaboração de outros, mas só de portadores de informações e/ou executores.

Na lógica transformativa, entretanto, o planejamento pode ser concebido sobretudo como instrumento formativo da comunidade educativo-pastoral e só secundariamente como instrumento gerencial. Durante o processo de planejamento dever-se-ia acompanhar os processos de confronto sobre aspectos mais profundos da ação educativa: a identidade interior do educador, as virtudes e as atitudes a ter, os paradigmas, as expectativas, os temores, as esperanças e os aspectos vocacionais

27 Cf. M. Vojtáš, Reviving Don Bosco's Oratory: Salesian Youth Ministry, Leadership and Innovative Project Management, STS Publications, Jerusalém 2017, 324 pp. 228-232. Versão italiana: ID., Progettare e discernere. Progettazione educativo-pastorale salesiana tra storia, teorie e proposte innovative, LAS, Roma 2015, pp. 263-266.
28 Cf. R. Gesing, Das Mitbrudergespräch in einer Ordensgemeinschaft und das Mitarbeitergespräch im Unternehmen. Ein vergleichende Darstellung unter besonderer Bezugnahme auf das Mitbrudergespräch bei den SDB und das Mitarbeitergespräch bei RWE, Manuscrito da série "Benediktbeurer Schriftenreihe zur Lebensgestaltung im Geiste Don Boscos", Benedikbeuern 2004.

mais profundos.

Para garantir peso adequado à transformação, a sequência dos momentos do planejamento poderia consistir em cinco etapas. Parte-se da descrição prevalentemente racional da situação e da revisão dos ciclos anteriores de planejamento que apresentam uma variedade de estímulos e sintomas. No segundo momento, a comunidade desce à parte mais emotiva; elabora uma meta-análise dos paradigmas relacionados com os modos habituais de pensar e sentir, relacionados com as experiências e a história pessoal ou de grupo, para compartilhar em pôr em discussão paradigmas paralisantes e/ou ideologias que se contrastam. No terceiro momento, a comunidade discerne a presença do Espírito que fala na realidade para acolher uma vocação que é dada e que tem o potencial de mudar a perspectivas educativo-pastoral de fundo. O chamado é explicitado narrativamente num horizonte no quarto momento do planejamento: nele é também oportuno fazer experimentar o horizonte em pequenos protótipos para já ter os primeiros feedbacks da práxis. Dessa forma, recupera-se a modalidade típica de "planejar" de Dom Bosco, que narrando propõe aos seus jovens e educadores as histórias educativas dos jovens-modelo ou de situações paradigmáticas. Só, então, se chega ao quinto momento do planejamento operativo, que leva a termo a visão da realidade, estabelece objetivos e estratégias no esforço de alinhar todos os sistemas na direção do horizonte, também com o instrumento da regulamentação, típica de Dom Bosco.[29]

29 Cf. VOJTÁŠ, Reviving Don Bosco's Oratory, pp. 258-283 oppure ID., Progettare e discernere, pp. 283-314.

Bibliografia

Bosco G., *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, in Istituto Storico Salesiano, *Fonti Salesiane. 1. Don Bosco e la sua opera*. Raccolta antologica, LAS, Roma 2014, pp. 1090-1129.

Bosco G., *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco d'Argentera*, in Istituto Storico Salesiano, *Fonti Salesiane*, pp. 1130-1169.

Bosco G., *Lettera da Roma alla comunità salesiana dell'Oratorio di Torino-Valdocco*, in Istituto Storico Salesiano, *Fonti Salesiane*, pp. 444-451.

Bosco G., *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*, in Istituto Storico Salesiano, *Fonti Salesiane*, pp. 1170-1308.

Bosco G., *Vita del giovanetto Savio Domenico, allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, in Istituto Storico Salesiano, *Fonti Salesiane*, pp. 1026-1089.

Dicastero per la Pastorale Giovanile Salesiana, *La pastorale giovanile salesiana. Quadro di riferimento fondamentale*, SDB, Roma [3]2014.

Francesco, *Evangelii Gaudium*

Gesing R., *Das Mitbrudergespräch in einer Ordensgemeinschaft und das Mitarbeitergespräch im Unternehmen. Ein vergleichende Darstellung unter besonderer Bezugnahme auf das Mitbrudergespräch bei den SDB und das Mitarbeitergespräch bei RWE*, Manoscritto della serie "Benediktbeurer Schriftenreihe zur Lebensgestaltung im Geiste Don Boscos", Benedikbeuern 2004.

Giraudo A., *Maestri e discepoli in azione*, in G. Bosco, *Vite di giovani. Le biografie di Domenico Savio, Michele Magone e Francesco Besucco.* Saggio introduttivo e note storiche a cura di Aldo Giraudo, LAS, Roma 2012, pp. 5-32.

Lemoyne G.B. (voll. 1-9; 10) – Amadei A. (vol. 10) – Ceria E. (voll. 11-19), *Memorie Biografiche di Don (voll. 1-9) del Beato (voll. 11-15) di San (voll. 10; 16-19) Giovanni Bosco*, 19 voll., Scuola tipografica e libraria salesiana, S. Benigno Canavese (voll. 1-6) Libreria salesiana editrice, Torino (vol. 7) Libreria editrice S.A.I.D. buona stampa, Torino (vol. 8) Società Editrice Internazionale, Torino (voll. 9-19) 1898-1939.

Nietzsche F., *Così parlò Zarathustra: Un libro per tutti e per nessuno*, Adelphi, Milano 1986.

Stella P., *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. 1: *Vita*, LAS, Roma 1979.

Stella P., *Don Bosco*, Il Mulino, Bologna 2001.

Viganò E., *La nuova educazione*, in «Atti del Consiglio Generale» 72 (1991) 337, pp. 27-30.

Vojtáš M., *Progettare e discernere. Progettazione educativo-pastorale salesiana tra storia, teorie e proposte innovative*, LAS, Roma 2015.

Vojtáš M., *Reviving Don Bosco's Oratory: Salesian Youth Ministry, Leadership and Innovative Project Management*, STS Publications, Jerusalem 2017.

▶ Jornadas de Espiritualidade da Família Salesiana

Homilia do Reitor-Mor,
P. Angel Fernández Artime

Terceiro domingo do tempo ordinario
Turín, 21 de janeiro de 2018

Há alguns dias atrás, na Audiência Geral de 10 de Janeiro, o Papa Francisco falou da beleza das orações da liturgia, e terminava a catequese dizendo que: *podem-se fazer tão belas meditações sobre estas orações. Tao belas! Voltar a meditar os textos, também fora da Missa, pode ajudar a aprender como dirigir-se a Deus, o que pedir, que palavras usar. Possa a liturgia tornar-se, para todos nós, uma verdadeira escola de oração."*

Assim, seguindo o seu conselho e desejo, quero partir hoje da oração que fizemos no início desta celebração na Oração Coleta. Em nome de todos vós disse: "*Deus omnipotente e eterno, guia os nossos actos segundo a tua vontade, porque em nome do teu Filho predileto levamos frutos generosos de boas obras."*

Como Familia Salesiana partilhamos a nossa fé e o carisma que recebemos, cada um segundo o seu dom, e procuramos escutar o Espírito do Senhor e a Palavra de Jesus que nos revela a vontade do nosso Pai Misericordioso, Deus omnipotente e eterno. Mais uma vez sentimos o convite de Jeus, o Filho predilecto, a segui-Lo mais de perto e a dar frutos generosos de boas obras.

A nossa família é como uma grande árvore, a qual, assim o desejamos, dê muitos frutos generosos e bons para alimentar o coraçao de milhares de jovens e de adultos, todos os que vierem ao nosso encontro e aqueles que estao pelos caminhos do mundo à espera de uma mão que os sustente e de um coração-casa que os acolha.

A Estreia que cada ano o Reitor Mor oferece, é também um instrumento para viver juntos o nosso discipulado missionario de tal modo que nos permita dar frutos abundantes. Quero, de seguida, sublinhar algumas das consideraçoes em vista das acçoes pastorais (ponto IV da Estreia).

Explorando a Palavra de hoje e tendo em conta que os frutos bons vêm de árvores boas, permito-me sonhar uma Familia Salesiana que seja contemplativa e com os olhos bem abertos, Peregrina nos lugares e nos corações, discípula do Senhor e Mediadora da sua Palavra e do seu convite, e, finalmente, uma Familia Salesiana do já e do imediatamente.

1. Uma Família Salesiana contemplativa e com os olhos bem abertos

Trazemos à nossa memória o ícone da Virgem do Silêncio que nos apresentou a irmã Paula. Fomos atraídos certamente pelos seus grandes olhos, típicos da iconografia copta.

A Virgem do silêncio convida-nos a calar e a abrir bem os olhos para ver e para escutar, e mais ainda para contemplar, isto é, ver com o coração e em profundidade, aproximando-se do Mistério.

Hoje o evangelho apresenta-nos Jesus que vê e contempla e escuta o coração dos outros e por isso é capaz de desafiar, convidar e acompanhar. Por duas vezes neste breve trecho Marcos usa o verbo ver quando diz que Jesus viu Simão e André, irmão de Simão enquanto lançavam as redes ao mar e chamou-os, e mais tarde viu Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão, enquanto estavam a reparar as redes e chamou-os. Estes chamamentos de Jesus não são à sorte. Ele viu qualquer coisa neles.

Só um olhar contemplativo é capaz de olhar para além das aparências e da superfície. A capacidade contemplativa não se improvisa, é cultivada. Por isso convido-vos na estreia a criar um intenso clima espiritual que constitua a grande ajuda para a relação pessoal com Jesus. Estou cada vez mais convicto que os nossos jovens e todo o mundo têm sede de espiritualidade, sede de transcendencia, sede de Deus, ainda que não saibam como exprimi-lo ou como pedir uma resposta. Eis para que serve ter os olhos bem abertos e contemplar o seu coração: para ler e escutar aquilo que nem eles sabem dizer.

Posso dizer que só os contemplativos e todos somos chamados a sê-lo, por isso recebemos o dom do carisma, repito, só os contemplativos são capazes de testemunhar a alegria com a qual se vive, como escrevi e convidei na estreia.

2. Uma Família Salesiana peregrina nos lugares e nos corações

Na primeira leitura de hoje, Deus diz a Jonas: "levanta-te, vai" e a resposta imediata foi que Jonas levantou-se e foi. A passagem do Evangelho diz que Jesus foi para a Galiléia ...", e que passando ao longo do mar ... viu Simão e André ", e que" passando um pouco mais adiante viu Tiago ... e João ... "

Levantar-se, ir e passar... Os verbos próprios de peregrinos que não param definitivamente, mas estão em movimento. O nosso Deus não é um Deus estático. Jesus não era um mestre estático, confortável nos seus espaços, instalado, mas sim um peregrino em lugares e corações. Também nós como os antigos profetas e acima de tudo, como Jesus, somos chamados a fazer caminho, a não ficar parados e seguros dentro das nossas obras e muros. A expressão "estar de saída" já é bem conhecida por nós, então não é preciso explicar mas fica o sublinhado.

Uma Família Salesiana peregrina está sempre disponível para ir mais longe, para ir ter com os outros, para abrir-se aos outros, para acolher e acompanhar. Quanta dor se se encontrassem membros de nossa família esclerotisados e presos à poltrona! Ao contrário, uma comunidade peregrina, composta por indivíduos que vivem a sua própria peregrinação e em comunhão com os outros, é uma comunidade capaz de "cultivar" a cada momento, uma cultura vocacional, mesmo em contextos culturais que parecem difíceis " como eu digo na Estreia. E isso, porque "queremos que os jovens descubram uma maneira de viver e de sonhar a sua vida na qual amadureçam valores como a gratuidade e a doação, a abertura aos outros e abertura a Deus ". Sentado na poltrona seria impossível oferecer propostas de gratuidade e de doação! Esta também seria a "lógica do vinde e vede. Trata-se daquele "mais "que atrai, daquele "mais" que está incluído na profecia, na significatividade, na radicalidade ... citando também D. Vecchi.

3. Discípula do Senhor e Mediadora da sua Palavra e do seu convite

O evangelho de hoje é um anúncio vocacional clássico. "Vem comigo, farei de ti pescador de homens »diz Jesus a Simão e André, e quando viu Tiago e João ... imediatamente os chamou (neste caso, não sabemos com que palavras ele os chamou). Mas não importa a fórmula, o que importa e que Ele, o Senhor Jesus chama, você, eu, nós, eles, pessoalmente, no meio das coisas quotidianas e comuns...

Pelo chamamento que recebemos estamos aqui hoje. Cada um de nós foi chamado em um e em muitos momentos da sua vida para seguir Jesus. Nós, como família, não podemos não ser discípulos e discípulas. E como diz o Papa Francisco, citando os textos da Igreja latino-americana: discípulos missionários, porque "o chamamento para o seguir vai junto com "o chamamento para o anunciar".

Já mencionei o tema da cultura vocacional. Recordo ainda que temos que "oferecer esta oportunidade a todos os jovens e todos aqueles que o pedem, sem excluir ninguém, porque em cada um está a operar o Espírito Santo ... Devemos acompanhar [o chamamento de cada um] com um caminho através do qual a fé se torna tão pessoal quanto possível; um caminho no qual se cresce na interioridade e no encontro com Jesus, o Senhor".

4. E, finalmente', uma Família Salesiana do "já" e do "imediatamente"

Na segunda leitura, Paulo diz aos Corintios que "o tempo se tornou curto ..." e ouvimos do próprio Jesus: "Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus; comvertei-vos e acreditai no evangelho ». Aqui fala-se do tempo apropriado, do tempo favorável! Eu digo-vos na Estreia:"tende a consciência de que este é o tempo favorável. Devemos continuar a caminhar com os meninos e as meninas, com os jovens e as suas

famílias, com o pai e a mãe que precisam e aceitam percorrer essas estradas em companhia ... "

Caros irmãos e irmãs da nossa família "já" e "imediatamente" são duas palavras-chave para nós. Não para fazer e fazer ... mas para fazer bem. E fazemos bem apenas quando somos quem devemos ser, quando sabemos que somos chamados a ser. Mas não amanhã ... Claro, também amanhã! mas começamos hoje e imediatamente!

Estamos em casa da nossa Mãe. Que Ela nos conceda a graça de ser mediação autêntica da Palavra do Senhor, que ecoa no coração de cada jovem, nos matrimónios, nas famílias e em todos aqueles que estão abertos à sua presença. Amém.

▶ Orientações e diretrizes

P. Ivo Coelho, sdb
Conselheiro Geral
para a Formação

1. A formação dos formadores

"A formação", diz S. João Paulo II em *Vita Consecrata*, "é… participação na Ação do Pai que, através do Espírito, plasma no coração dos jovens e das jovens os sentimentos do Filho" (VC 66). Enquanto o Pai é o "formador por excelência" e a primeira responsabilidade da resposta cabe inteiramente a quem é chamado, agradou ao Pai, no trabalho da formação, servir-se de instrumentos humanos "colocando ao lado dos que chama alguns irmãos e irmãs mais velhos" (VC 66).

Este texto quer dar atenção não tanto a quem está em formação, mas sobretudo à pessoa dos formadores, à luz do caminho que a Congregação está trilhando desde o Concílio Vaticano II. Graças a esse caminho, todos nós estamos cientes agora de que a missão dá à nossa existência o seu tom concreto; que a formação é um processo que dura a vida inteira; que a comunidade educativo-pastoral é o sujeito da missão compartilhada com muitos leigos e membros da Família Salesiana, com o papel da comunidade religiosa salesiana bem claro no seu interior; enfim – com o caminho aberto pelos últimos Capítulos Gerais – que a nossa identidade está em sermos pessoas consagradas, que vivem a própria vocação nas duas formas de Salesiano leigo e Salesiano presbítero

2. Preparar formadores e não só professores

A importância da necessidade de formação para os formadores está bem documentada no magistério da Congregação, a partir de R 78 que diz: "As comunidades formadoras tenham um diretor e uma equipe de formadores com preparação específica, sobretudo para a direção espiritual...". Na linha de *Potissimum institutioni* (1990), *Pastores dabo vobis* (1992), *Diretrizes sobre a preparação dos educadores nos seminários* (1993), *Vita consecrata* (1996), e presumivelmente também *A colaboração interinstitutos para a formação* (1998), a terceira edição da nossa *Ratio* (2000) retoma o tema da formação dos formadores e o propõe de várias maneiras.[1] Como afirmam as *Diretrizes* de 1993, só o 'bom-senso' não basta; é preciso uma capacidade de discernimento que seja eficaz e aperfeiçoada pelo bom conhecimento das ciências humanas, para ir além das aparências e "ajudar o aluno a conhecer-se em profundidade, aceitar-se com serenidade, corrigir-se e amadurecer...".[2] Poderíamos acrescentar que *Pastores Dabo Vobis* faz uma saudável distinção entre a *fase inicial* e a *fase sucessiva* na formação dos formadores (PDV 66), e *Vita Consecrata* insiste na criação de "estruturas adequadas para a formação dos formadores", acrescentando que sejam estabelecidas "em lugares onde seja proporcionado o contato com a cultura em que há de ser, depois, exercido o serviço pastoral" (VC 66).

Em um texto de 2009 muito significativo para o nosso tema, intitulado "Formação dos formadores da formação inicial", o Conselheiro para a formação, P. Francesco Cereda, falou da necessidade de uma escolha muito atenta dos formadores e da sua formação; definiu as tarefas dos formadores (ajudar a transformação, acompanhar, favorecer o primado da vida espiritual, comunicar o carisma de Dom Bosco, trabalhar em equipe) e ofereceu uma lista de oportunidades para a formação dos formadores em nível pessoal, local, inspetorial, regional e mundial.[3] As mesmas orientações foram reforçadas por ocasião da *Avaliação da consistência quantitativa e qualitativa das comunidades de formação* e pela *Avaliação e orientações sobre a formação intelectual na formação inicial*.[4]

---

1 Cf. FSDB (online 2016), nn. 237-239, 246, 384-286, 416, 489, 547-548, 571. É digno de nota o fato de não haver uma seção dedicada inteiramente à formação dos formadores.

2 Congregação da Educação Católica, Diretrizes sobre a preparação dos educadores nos seminários (1993) 70-71, Roma, 1993: Tipografia Vaticana.

3 F. Cereda, "Formação dos formadores da formação inicial" ACG 404 (2009), seção 4.

4 *Avaliação e orientações sobre a formação intelectual na formação inicial. Avaliação e orientações aprovadas pelo Reitor-Mor e pelo Conselho Geral.* Roma, 25 de julho de 2012

Constata-se que "na Congregação, a maior parte dos formadores não recebeu, e não recebe atualmente, nenhuma preparação específica para a formação ou a recebe escassamente. Frequentemente, as Inspetorias preparam os formadores fazendo-os adquirir um título acadêmico num determinado campo de estudo; essa qualificação é necessária para a cultura do formador e para a sua habilitação ao ensino, mas não é suficiente para sua tarefa formativa".[5] Dez anos mais tarde a situação não parece alterada. Em "Vocação e formação", o P. Pascual Chávez fala da necessidade "de preparar formadores e não só professores".[6] Poderíamos dizer que a preparação dos formadores *ainda não é uma praxe sistemática na Congregação.*

3. O modelo de formação

O que nos faz escolher um caminho a seguir é o objetivo que temos à nossa frente. A formação dos formadores depende muito do objetivo, isto é, do tipo de formação que desejamos e para a qual pretendemos ter guias bem preparados.

Ora, o objetivo da formação à vida consagrada proposto em *Vita Consecrata* não é nem uma simples conformidade exterior, nem um conjunto de atitudes e capacidades a serem adquiridas, mas sobretudo a meta elevada de ter 'os mesmos sentimentos *(phronein*) de Cristo' (Fl 2,5). É configuração a Cristo, revestir-se de Cristo (Rm 13,14), deixando que Cristo se forme em nós (Gl 2,5), compartilhando a entrega total do Filho ao Pai e aos seus irmãos e irmãs, tornando-se seu memorial vivo até compartilhar também as suas opções concretas de vida (VC 66, 22).

O objetivo da formação *salesiana,* poderíamos acrescentar, é a configuração a *Cristo Bom Pastor* nas pegadas de Dom Bosco.

Um objetivo educativo autêntico deve ser capaz de transformar-se em método. Quais são as consequências operativas do objetivo de "ter os mesmos sentimentos de Cristo"?

Repita-se com insistência que a formação é, antes de tudo, obra de Deus. É o Pai que chama e, mediante o Espírito, plasma os sentimentos do Filho no coração dos jovens. Deus, contudo, respeita a nossa liberdade e, por isso, a formação, longe de ser uma ação 'em sentido único', requer a nossa resposta ao chamado de Deus. Conatural à formação existe uma dinâmica de chamado e resposta, um diálogo entre duas liberdades e dois amores. A formação é obra divina em que somos chamados a colaborar. É assim que as nossas Constituições veem a formação: como resposta à vocação (C 96).

É justamente no interior dessa dinâmica de chamado e resposta que os formadores encontram o seu lugar.

O primeiro ponto derivado disso é que a formação envolve *uma dinâmica de liberdade.* "Em se devendo formar o 'coração', no sentido bíblico e pleno do termo, para que o jovem tenha os mesmos sentimentos do Filho e descubra a beleza da sequela, então o processo educativo torna-se formação à liberdade (VC 66)".[7] A graça incide na nossa liberdade, mas jamais a cancela – nem mesmo a graça mais poderosa –, porque a graça é amor, e a liberdade é um elemento constitutivo do amor: sem liberdade não há amor e nenhuma possibilidade de resposta amorosa ao amor.

> De fato, se a finalidade da formação fosse apenas a habilitação para certo tipo de apostolado ou certo estilo de vida ou visasse simplesmente a posse de algumas qualidades virtuosas funcionais ao ministério, então a metodologia pedagógica poderia seguir outro itinerário e critério (por exemplo, o fortalecimento da vontade, a capacidade de ascese e de renúncia, a capacitação apostólica, etc.), mas em se devendo formar o "coração", para que o jovem tenha os mesmos sentimentos do Filho, não pode existir então outro caminho a não ser

5 F. Cereda ACG 404, 2.1 (2009).
6 P. Chávez, Vocação e formação, ACG 416 (2013) seção 1, p. 9.
7 A. Cencini, "La formazione oggi: Ministero e mistero", in http://www.ofmconv.org/x/CENCINI.htm#N_13_ (11-12 febbraio 2017).

> o da liberdade. O coração do homem pode e deve ser educado e evangelizado, purificado e libertado, com todo o sofrimento que isso comporta, até experimentar sempre mais naturalmente aqueles sentimentos, graças a uma sábia disciplina, quase por conaturalidade. Não há processo educativo autêntico à consagração pelo reino que não passe através das fases, negativa e positiva, ascética e mística, da formação à liberdade; liberdade – em concreto – como conhecimento dos próprios condicionamentos interiores, mesmo inconscientes, e capacidade de viver sempre menos dependente deles (liberdade "de"); liberdade como dom recebido de Deus em Cristo e continuamente revitalizado pelo dom dos sacramentos e da vida nova em Cristo (liberdade "em") e liberdade como riqueza de vida interior e de amor por Deus, como qualidade consequente de desejos e força de atuá-los (liberdade "para").[8]

O clima de autêntica liberdade ajuda o jovem Salesiano em formação a superar as suas resistências interiores e os seus temores, torna-o gradualmente ciente das suas motivações profundas – nunca unívocas –, habilitando-o a reconhecer e exprimir o que realmente motiva as suas opções, tanto para si mesmo como para quem o acompanha no caminho. Dessa forma, aos passos exteriores de adesão à vida salesiana, que marcam o itinerário da formação inicial – antes da profissão e renovação dos votos – corresponderá uma adesão interior sempre mais verdadeira e sincera.

A educação à liberdade deveria ser, portanto, *o* método da formação à consagração. De fato, em se podendo definir o Sistema Preventivo como pedagogia da liberdade, poderíamos dizer que o Sistema Preventivo é, de fato, *o* método da formação.[9] Nesse contexto podemos recordar o já famoso diálogo do Papa Francisco com os Superiores Gerais em 2013:

> Não se resolvem os problemas simplesmente proibindo de fazer isso ou aquilo. É preciso muito diálogo, muito debate. Para evitar problemas, em algumas casas de formação, os jovens calam-se, procuram não cometer erros evidentes, seguir as regras dando muitos sorrisos, à espera do dia em que lhes digam: 'Bem, acabaste a formação'. Essa é a hipocrisia fruto do clericalismo, que é um dos males mais terríveis... Eu o resumo num conselho que, às vezes, recebi quando era jovem: 'Se queres ir adiante, pensa claramente e fala vagamente. Era um evidente convite à hipocrisia. É preciso evitá-la a qualquer custo.[10]

Em segundo lugar, a formação envolve *uma dinâmica de atenção à experiência.* Segundo as nossas Constituições, a formação é uma questão de fazer "experiência dos valores da vocação salesiana" (C 98). Se Deus está plasmando em nós os sentimentos do Filho, quanto mais estivermos atentos à *sua ação,* tanto mais poderemos corresponder-lhe e colaborar com Ele. O bom formador sabe como encaminhar a atenção do jovem em formação à ação de Deus na sua vida, capacitando-o para a abertura permanente ao discernimento (*docibilitas*), que permite descobrir em tudo o que se vive uma oportunidade de crescimento e de formação; como já se dedicou uma ampla reflexão nos Atos (425) sobre a formação que é permanente, não nos detemos aqui novamente sobre esse tema.[11]

Em terceiro lugar, há a *dinâmica da beleza,* a via *pulchritudinis* (EG 15, 167). A inserção da formação no seio da Trindade torna a vida consagrada participante da beleza do próprio Deus. Na Exortação Apostólica de 1996, a beleza torna-se uma chave de leitura da vida consagrada. A pastoral vocacional e a formação devem saber comunicar a beleza da *sequela* (VC 64, 66). O jovem deve ser formado para contemplar e valorizar o belo (não só o santo e o obrigatório), a beleza, o fascínio e o esplendor do Senhor que chama e da vida a que somos chamados. É a beleza do seu modo de viver que faz com que a presença do formador seja irradiante. Aqui está toda a dinâmica do exemplo, do testemunho. Como o jovem Dom Bosco aprendeu na escola do padre Cafasso, só o fogo acende

8 A. Cencini, o. cit.

9 C 104 exige formadores "capazes de diálogo". C 112 pede que o mestre dos noviços "tenha grande sentido dos contatos humanos e capacidade de diálogo; com sua bondade inspire confiança aos noviços".

10 "Despertar o Mundo". Colóquio do Papa Francisco com os Superiores Gerais, in La Civiltà Cattolica 2014 I 3-17 3925 (4 de janeiro de 2014) 10-11.

11 Cf. I. Coelho, "A formação é permanente", in ACG 425 (2017) 29-32.

outro fogo.[12] Beleza que atrai e que comunica a alegria do Evangelho; o magistério do Papa Francisco move-se constantemente nessas coordenadas e é interessante que ao olhar para a vida religiosa a referência à alegria se torne, nele, ainda mais direta e insistente. Se isso é verdade para todos, é com maior razão para o formador.

Assim, o objetivo da formação salesiana – a configuração a Cristo bom pastor – transforma-se num método; método que envolve uma dinâmica de liberdade, de aprendizado por experiência, dinâmica da beleza. Esse objetivo e esse método orientarão a preparação dos formadores.

Dois outros pontos. Precisamos evitar a tese – muito natural para a modernidade centrada na cultura do *indivíduo atômico* – de que a formação é um processo unicamente tu a tu. O sujeito da formação é a comunidade: é exatamente assim que deve ser. Cremos num Deus-Comunhão, e a formação é um processo profundamente trinitário, no qual somos chamados a colaborar. É muito significativo que todos os documentos recentes do magistério insistam na unidade da equipe formadora,[13] e é nessa luz que se pode entender a insistência do padre Cereda sobre o fato que o papel crucial do guia espiritual pessoal não deveria minimizar de modo algum a necessidade da equipe de formadores.[14] É no contexto da comunidade e da equipe de formadores unida que se dá o momento indispensável do colóquio com o diretor e do acompanhamento espiritual pessoal. De fato, no contexto da formação ao sacerdócio a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* insiste em afirmar que a formação "tem uma característica eminentemente comunitária, logo a partir da sua origem".[15]

Para nós, Salesianos consagrados, a comunidade é elemento *essencial* da nossa identidade (C 3).

Se a missão salesiana é confiada à comunidade e não a indivíduos (C 44) isso vale com mais razão para a delicadíssima missão de formar jovens Salesianos. Sem um ambiente formativo sadio a contribuição, embora muito válida, de indivíduos formadores acaba por ser neutralizada. Portanto, devem ser dados muita atenção e cuidado à *formação das equipes formadoras* em todos os níveis: mundial, inspetorial e local.

E aqui devemos insistir igualmente no fato de a comunidade alargar-se em círculos concêntricos. A comunidade religiosa salesiana é o núcleo animador da comunidade educativo-pastoral e de todos os que participam da missão de Dom Bosco: membros da Família Salesiana e leigos que realizam conosco a mesma missão. Esse modo de entender e as práxis que dele seguem ainda não são plenamente compartilhadas na vida da Congregação: existem diferenças notáveis de abordagem e de intensidade. Torna-se, portanto, ainda mais urgente encontrar modos eficazes de integrar esse modo de ser comunidade nos itinerários formativos, envolvendo-se em boas-práticas e formando convicções, refletindo sobre experiências educativo-pastorais realizadas com quem participa da mesma missão e planejando itinerários formativos comuns.

Poderíamos insistir também na *especificidade* trazida da vida consagrada à nossa vocação. Por muito tempo ficávamos satisfeitos em pensar na formação ao sacerdócio e na vida religiosa como "bastante semelhantes". O sacerdócio diocesano e o sacerdócio religioso são dois estados de vida diferentes no interior da Igreja. "Diferente do ministério ordenado que tem uma consistência institucional supra pessoal graças à qual permanece válido também o ministério de um padre indigno, a vida consagrada consiste toda ela na qualidade da resposta amante daqueles que a vivem".[16] Essa diversidade tem algumas consequências decisivas nas respectivas vocações quanto ao modo

12 Giuseppe Cafasso, Esercizi spirituali al clero. I: Meditazioni, 641-642.

13 Cf. p.ex., OT 5; PI 32; PDV 66; Diretrizes (1993) 29-32.

14 F. Cereda, ACG 404, 2.1.

15 Congregação para o Clero, O dom da vocação presbiteral. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, Roma 2016, introdução, seção 3.

16 Andrea Bozzolo, "Salesiano padre e salesiano coadjutor. Reflexões para uma interpretação teológica" *Sapientiam dedit illi. Studi su don Bosco e sul carisma salesiano* (Roma, 2015) 335, Libreria Ateneo Salesiano LAS, Roma, 2015.

de configurar-se o itinerário de conformação a Cristo e o crescimento na santidade. A desatenção ao que é típico da nossa identidade primária como religiosos leva ao genericismo na formação e, consequentemente, também no modo de viver a vida consagrada, situação que, infelizmente, é tudo mais que rara. Uma das nossas tarefas mais urgentes é encontrar modos eficazes de ser guias na formação de religiosos salesianos, que são, ao mesmo tempo, presbíteros.

4. Considerações concretas sobre a formação dos formadores

a) Primeiramente, precisamos reconhecer a grande diversidade nas regiões da Congregação quanto à formação inicial. Temos numerosas casas de formação, 'clássicas' na sua tipologia, mas também existem em número crescente casas menores onde, com frequência, se encontram juntas, na mesma comunidade, fases diversas da formação inicial. Com a diminuição numérica e dos recursos há regiões que neste momento encaminham com seriedade e não sem dificuldades a reorganização das suas casas de formação. Encontra-se não raramente, nesse contexto, o temor das Inspetorias de 'ficarem sem nenhuma casa de formação'. De per si isso não é verdade, porque quase todas as Inspetorias têm o próprio pré-noviciado; e, mais, em todas as Inspetorias há sempre a fase do tirocínio, que é importantíssima no período formativo e não pode ser nem esquecida nem transcurada. E, também, como a formação dura a vida inteira, todo diretor de comunidade é formador e guardião do carisma. Por isso, nenhuma Inspetoria pode eximir-se da tarefa de preparar formadores. Assim iluminados, pedimos recentemente que todas as Inspetorias tenham um projeto de requalificação para preparar irmãos nas áreas mais relevantes em vista do nosso crescimento carismático e do serviço de formadores.

b) É preciso um trabalho intenso de conscientização sobre a formação dos formadores. Esse tipo de formação deve ser, antes de tudo, mentalidade, cultura, para ser depois sistemático e eficaz. Os Inspetores e delegados para a formação têm certamente um papel fundamental nesse campo. Entretanto, não é menos importante a convicção daqueles que estão diretamente envolvidos no serviço de formadores, e aqui, como já dissemos, não podemos esquecer os diretores das comunidades onde há tirocinantes e, enfim, todos os diretores das comunidades locais.

c) *Elementos fundamentais.* Se os formadores devem ajudar os formandos a assumirem os mesmos sentimentos de Cristo, eles próprios, em primeiro lugar, são chamados a ser verdadeiras imagens, ícones vivos de Cristo. E se a nossa vocação específica na Igreja é seguir a Cristo como Salesianos consagrados presbíteros e coadjutores, os formadores deverão cuidar, antes de tudo, do próprio crescimento pessoal em Cristo, no espírito de Dom Bosco, como pessoas consagradas.

Podemos distinguir, na formação dos formadores, três componentes: conteúdos, capacidades e a própria pessoa do formador.

Em relação aos *conteúdos,* podemos presumir que a maioria dos formadores teve uma sólida formação filosófica e teológica. Contudo, deve-se insistir no enraizamento adequado no carisma salesiano. A UPS oferece várias possibilidades para uma sólida base teórica e metodológica, com o aprendizado de métodos e competências úteis, tanto na Faculdade de Ciências da Educação como na Faculdade de Teologia.

Quanto ao aprendizado das *capacidades,* temos bons cursos, tanto na nossa Universidade como alhures. Os cursos que ajudam a desenvolver e afinar as capacidades de escuta, *feedback,* acompanhamento, etc. são preciosos *training* para o formador.

d) É preciso, principalmente, atenção à pessoa do formador. As *Diretrizes* de 1993 requerem um tempo "prolongado de formação e de retomada radical das temáticas educativas" e acrescenta:

> Escopo de tais períodos de formação é o de ajudar a *conhecer mediante um cuidadoso exame a personalidade do educador*, o seu empenho ministerial, o seu modo de conceber e de viver

a própria missão educativa.

> Períodos de formação deste gênero deveriam comportar cursos bem escolhidos e de propósito programados quer no campo das ciências eclesiásticas, quer no das ciências humanas, *juntamente com exercitações práticas realizadas com a ajuda dum supervisor e submetidas com ele a uma atenta revisão crítica*. Deste modo o educador poderá tomar consciência mais intensa das suas capacidades e aptidões, aceitar mais serenamente os próprios limites e atualizar e melhorar os critérios inspiradores da sua atuação.
>
> Nos programas de formação permanente desta amplitude devem estar previstos *períodos prolongados de renovação espiritual* (mês inaciano, exercícios espirituais, tempos de deserto) que permitam ao educador rever a sua missão nas suas conexões e raízes espirituais e teológicas mais profundas.[17]

Temos aqui alguns elementos preciosos: valorização e elaboração da experiência pessoal, pastoral e de formação; exercitações práticas acompanhadas de supervisão; períodos de renovação espiritual.

Poderíamos insistir de modo especial na área do *desenvolvimento afetivo e psicológico.* Os formadores devem aprender a reconhecer e administrar as próprias emoções, dando atenção e cuidando dos próprios problemas, incoerências, comportamentos autodestrutivos e tendências sexuais imaturas, melhorando ao mesmo tempo seus pontos fortes e suas competências.

Poucas coisas são capazes de regenerar vida como o é o contato com um formador digno e livre. É a dinâmica da beleza que se alarga: "O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas", diz o beato Paulo VI (EN 41). Ao contrário, um formador cuja vida não é bem integrada pode causar danos enormes aos formandos. Favoritismo, sentimento de posse, rivalidade, vingança, busca de favores sexuais podem deixar feridas nos formandos que duram a vida toda.[18] Poderia ser um bom exercício para os formadores monitorar-se contra as quinze doenças elencadas pelo Papa Francisco em sua mensagem de Natal de 2014 à Cúria Romana.[19] À medida que os formadores se tornam pessoas dignas, integradas e livres, serão "pontes e não obstáculos" (PDV 43) para os formandos no seu caminho para Deus.

A nossa tradição sempre insistiu numa adequada experiência pastoral (C 104), e isso é maravilhoso, desde que o formador seja ajudado a aprender dessas experiências, a ponto de vivê-las fazendo "experiência dos valores da vocação salesiana" (C 98). A missão, como dizia, o P. Chávez, é a "casa" e a "causa" da formação.

> Imerso no mundo e nas preocupações da vida pastoral, o salesiano aprende a encontrar Deus naqueles a quem é mandado" (Const. 95). A formação consiste fundamental e principalmente nesta aprendizagem. A meta consiste no encontro com Deus na vida que se está a viver enquanto se vive o chamado... Onde faltar a consciência de fazer diante de Deus o que Ele nos confiou, não poderá existir formação alguma, porquanto se estude ou por quantos anos se passe nas assim chamadas 'casas e etapas de formação'.[20]

e) Os formadores devem entender *o Sistema Preventivo como pedagogia da liberdade.* Sobretudo nas culturas em que a hierarquia e a autoridade são importantes, as equipes de formadores deverão tomar ciência do seu modelo operativo de formação e adotar medidas para mudar, de modo que a formação possa chegar realmente ao coração de cada pessoa, superando o conformismo exterior

---

17 Congregação da Educação Católica, *Diretrizes sobre a preparação dos educadores nos semin*ários (1993) 70-71, Roma, 1993: Tipografia Vaticana.

18 Cf. Sínodo dos bispos, XV Assembleia geral ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento preparatório*, III.2: *As figuras de referência,* in http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html

19 Francisco, "A Cúria Romana e o Corpo de Cristo", Discurso na apresentação dos cumprimentos natalícios à Cúria Romana, 22 de dezembro de 2014, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html (24.11.2017).

20 P. Chávez, "Vocação e formação" ACG 416, 23-24.

que se limita a condicionar os seus comportamentos (muitas vezes apenas pelo tempo em que é forte o controle externo).

Neste contexto, o período do *tirocínio* – que, do ponto de vista salesiano, é a fase mais característica da formação inicial (FSDB 428) – é igualmente uma fase extremamente significativa e importante para a preparação específica, embora remota, de formadores. Quem não tivesse alcançado de modo satisfatório os objetivos típicos dessa fase, sobretudo em relação ao conhecimento e à prática do Sistema Preventivo (C 115), não será capaz de ser um bom Salesiano formador.

Um dos elementos-chave para a formação dos formadores será, portanto, a valorização da mesma experiência de tirocínio, refletindo novamente sobre a *avaliação global* da mesma pedida pela *Ratio* (*"Ao fim do tirocínio faça-se uma avaliação global da experiência por parte do Inspetor, da comunidade e do irmão"* – FSDB 444). Obviamente é de grande ajuda se esse tipo de escrutínio global foi redigido e arquivado. As comissões regionais e inspetoriais de formação deverão verificar e garantir essa praxe. Esta avaliação será o primeiro elemento na seleção dos formadores.

Deve-se rejeitar toda tentativa de abreviar o tirocínio porque levados pela pressa de receber as ordens ou pelo 'privilégio' de concedê-lo a algum irmão particularmente brilhante do ponto de vista acadêmico.

Por essa mesma razão, os diretores de comunidade com a presença de tirocinantes devem ser tidos como formadores de primeira classe. Tudo o que se diz sobre a formação deve ser aplicado primeiramente e sem reservas a eles, que devem ser guias-formadores bem preparados para o seu trabalho. Os Inspetores têm nisso uma responsabilidade sagrada e o dever de garantir que as comunidades que recebem tirocinantes sejam ambientes formativos equilibrados e de qualidade. Deve-se dizer a mesma coisa, de modo análogo, sobre o *quinquênio,* tanto para os Salesianos coadjutores como para os Salesianos presbíteros.

f) Em nossas sociedades e comunidades sempre mais pluriculturais, os formadores devem dar atenção às próprias atitudes em relação às diferenças culturais, para poderem promover uma formação à interculturalidade. Como diz *Para vinho novo odres novos:* "O objetivo da vida consagrada não será manter-se como estado permanente nas culturas diversas que encontrará, mas manter uma permanente conversão evangélica no coração da construção progressiva de uma realidade humana intercultural".[21] As estruturas interinspetoriais ou internacionais para a formação dos nossos jovens exigem formadores que estejam realmente convencidos de que

> o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas "continuando a ser plenamente aquilo que é, em total fidelidade ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, ostentará também o rosto das inúmeras culturas e dos inúmeros povos em que é acolhido e radicado". Isso implica a capacidade e a humildade de não impor um sistema cultural, mas de fecundar cada cultura com a semente do Evangelho e da própria tradição carismática evitando com todo o cuidado a "vaidosa sacralização da própria cultura" (*Para vinho novo,* 37).

Na prática, muito depende da pessoa do formador: quando um formador tem força interior própria, e vive seriamente dedicado a cuidar das suas reações diante do diverso de si mesmo e ao outro, já estará por essa sua mesma atitude na posse de uma ponte aberta para o outro.

g) Dado que nós – em particular os nossos jovens irmãos – vivemos numa nova era midiática, em que a tecnologia vai visivelmente criando e transformando a cultura, os formadores devem ser capazes de compreender e relacionar-se com pessoas que são cidadãs do continente digital.

h) *A 'preparação remota' de Salesianos formadores é, enfim, a sua formação inicial em seu conjunto, em especial, a boa experiência de tirocínio e dois ou três anos de bem acompanhada experiência pastoral no quinquênio. O mínimo indispensável para a 'preparação próxima' dos formadores salesianos deveria consistir em (1) um breve curso que toque a pessoa do formador; (2) um breve curso de salesianidade, que inclua a revisitação da própria experiência educativo-*

21 Congregação para a Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Para vinho novo odres novos* (2017), 40.

pastoral durante o tirocínio e o quinquênio, e uma efetiva apropriação da Ratio – o seu espírito além das normas individuais –; e (3) um breve curso para a aquisição de habilidades básicas como a escuta, o feedback *e a elaboração da experiência (*'processing'*). Para diretores, mestres dos noviços e encarregados de pré-noviciado, seria preciso acrescentar (4) um sério curso de preparação ao ministério de acompanhamento espiritual.*

Enquanto a formação dos formadores não requer necessariamente o mestrado ou o doutorado, permanecem válidos os mestrados da UPS na formação de formadores das Faculdades das Ciências da Educação e de Teologia. O curso semestral da UPS para a formação permanente de formadores é muito apreciado também por um número crescente de religiosos e sacerdotes diocesanos.

i) Para a *salesianidade,* temos cursos breves em nossos centros para a formação permanente (Quito, Manila – Parañaque, Berkeley, Bangalore) e cursos mais substanciais na faculdade de teologia da UPS.

Enquanto todos os formadores devem fazer ao menos um breve curso de salesianidade, devemos insistir que toda Inspetoria tenha um ou dois especialistas em salesianidade com mestrado ou doutorado na UPS.

j) A *preparação de guias espirituais* é uma das grandes tarefas que a Congregação se vê a enfrentar hoje, bem explanada na Estreia de 2018, "Cultivemos a arte de escutar e de acompanhar", em plena sintonia com o caminho sinodal que a Igreja inteira está a fazer sobre "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional".[22] O primeiro e indispensável elemento é o itinerário de direção espiritual com que o formador cuida do próprio melhoramento.[23] Um curso prático sobre o acompanhamento espiritual haverá de melhorar o que se aprende, antes de tudo, pessoalmente, deixando-se acompanhar por um guia. Além das oportunidades das quais podemos nos valer em diversos contextos eclesiais e centros da Congregação (Espanha, Quito, Bangalore) que oferecem contribuições preciosas neste campo, temos a intenção de criar uma *Escola de Acompanhamento Salesiano*[24] como um dos frutos do processo sobre o acompanhamento espiritual salesiano realizado pelos dicastérios para a pastoral juvenil e para a formação.

k) Existem, ainda, várias iniciativas para a formação permanente dos formadores em nível inspetorial, regional e mundial. Nada tirando do seu valor e utilidade, essas intervenções não substituem a necessidade da formação inicial de formadores (cf. PDV 66).

l) Convido as comissões inspetoriais e regionais para a formação a oferece-nos reflexões e sugestões sobre os vários pontos indicados nestas orientações. Em especial: (1) como formar religiosos salesianos que também são presbíteros; (2) como fazer que a experiência pastoral do tirocínio e do quinquênio possa ser um elemento integrante da preparação de formadores; (3) o que fazer para que a missão compartilhada com leigos e com a Família Salesiana – em particular com a comunidade educativo-pastoral – se torne um elemento integrante da formação inicial.

m) Enfim, desejamos uma mudança nas diretrizes de governo: nenhuma nomeação de formadores para uma casa de formação inicial sem prévia formação específica; neste sentido, a alteração dos módulos para a nomeação dos diretores (especialmente das comunidades formadoras) e dos mestres dos noviços (F19 e F20); e a introdução de um novo módulo para a nomeação dos encarregados de pré-noviciado.

*

Quando João Bosco recém-ordenado sacerdote vai pedir conselho ao P. Cafasso sobre qual opção escolher para o seu ministério sacerdotal entre as três que lhe eram apresentadas (vice-pároco em Castelnuovo, capelão de Murialdo, instrutor de uma família nobre de Gênova), o P. Cafasso – ao final

22 Ángel Fernández Artime, *Senhor dá-me dessa água* (Jo 4,15). *Cultivemos a arte de escutar e de acompanhar. Apreentação da Estreia 2018,* Roma, 16 de julho de 2017.
23 Congregação para o Clero, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros* (nova ed. 2013) 73.
24 Ver F. Cereda, ACG 404, 2.1, 3.

de uma série de encontros nos quais se deve notar a atenção dada à experiência interior – sugere ao novel padre seu conterrâneo que ponha de lado todas essas possibilidades e venha ao Colégio Eclesiástico para mais três anos de formação, que servirão de 'matriz' para tudo o que Dom Bosco será e fará pelo resto da vida.

Investir na formação para a nossa Congregação é carismaticamente o modo mais vantajoso e mais santo de gastar o melhor dos recursos disponíveis. Se continua a ser esta a mensagem que oferecemos ao mundo e à Igreja dedicando nossas vidas e nossos recursos à formação dos jovens e envolvendo todos os que conseguirmos no mesmo dinamismo apostólico, tanto mais será importante para nós a formação de quem cuida das novas gerações de Salesianos.

"Ninguém sabe quanto bem faz o bem que faz": estas palavras do nosso Pai adquirem toda a sua riqueza de significado quando as aplicamos ao acompanhamento de um aspirante, de um noviço, de um jovem irmão. Ali está "in fieri" um potencial de vida sem limites, confiado a quem já está adiantado no caminho da vida salesiana. A isso só podemos dedicar o melhor de nós mesmos como Irmãos, Inspetorias e Congregação.

▶ O Documento preparatório da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos e a Pastoral Juvenil Salesiana - Seus enlaces convergentes

Fabio Attard, sdb

Já temos em mãos o Documento Preparatório que nos acompanha nesta fase de preparação ao Sínodo dos Bispos 2018. À sua luz, gostaria de compartilhar alguns pontos sobre os enlaces convergentes entre o Documento e a nossa Pastoral Juvenil Salesiana. É, para nós, uma oportunidade para reconhecer e aprofundar esses enlaces numa reflexão mais clara que nos encoraje em nossa ação para uma pastoral mais sólida e consistente.

Antes de tudo, uma premissa sobre a carta que o Santo Padre, Papa Francisco, escreveu por ocasião da apresentação do Documento Preparatório, em 13 de janeiro de 2017. Escreve o Papa que o documento nos é confiado «como "bússola" ao longo deste caminho».

Neste sentido, creio que para nós Salesianos de Dom Bosco, esta 'bússola' é um apelo a refletir sobre como a nossa experiência carismática, tão alinhada com o tema do Sínodo, possa encontrar os estímulos para uma contribuição salesiana mais qualificada. Contribuição que não é apenas para o bem dos nossos jovens no interior das nossas obras, mas também para muitos outros jovens alcançados pela Igreja aonde quer que se encontrem através de muitas pessoas empenhadas na pastoral juvenil. Contribuição que alcança também muitos outros jovens através da ação de muitos Salesianos e leigos colaboradores que se inspiram em Dom Bosco e participam de experiências e estruturas fora das nossas presenças e obras.

Eis então os enlaces que no meu modo de ver colhem bem os lugares significativos de convergência entre o Documento Preparatório e a nossa proposta educativo-pastoral.

1. Começo evidenciando que a primeira parte do Documento – **Os Jovens no Mundo de Hoje** – toca justamente o estilo pastoral que caracterizou a identidade do ser pastores desde o início da história do nosso carisma. Há um motivo se hoje insistimos tanto para que em nosso Projeto Orgânico Inspetorial (POI) e em nosso Projeto Educativo-Pastoral Inspetorial (PEPSI) **a primeira indispensável fase deve ser a de ler a história dos nossos jovens, o que significa estar familiarizados com os desafios e as oportunidades do território** aonde somos chamados a testemunhar o amor de Deus pelos jovens especialmente os mais pobres.

Permitam-me fazer um aceno ao primeiro conselho recebido por Dom Bosco do seu diretor espiritual, P. Cafasso, seguindo-o literalmente: «Começou primeiro por levar-me às prisões, onde pude logo verificar como é grande a malícia e a miséria dos homens... Nessas ocasiões descobri que muitos voltavam àquele lugar porque abandonados a si próprios. "Quem sabe – dizia de mim para mim –, se tivessem lá fora um amigo que tomasse conta deles, os assistisse e instruísse na religião nos dias festivos, quem sabe não se poderiam manter afastados da ruína ou pelo menos não diminuiria o número dos que retornam ao cárcere?". Comuniquei esse pensamento ao padre Cafasso, e com o seu conselho e com suas luzes pus-me a estudar a maneira de levá-lo a efeito, deixando o êxito nas mãos do Senhor, pois sem ele são inúteis todos os esforços dos homens» (*Fontes Salesianas*, p. 1313-1314).

A primeira parte inteira do Documento Preparatório está fundamentada na importância de uma leitura do mundo dos jovens, que muda rapidamente, das novas gerações, que têm questionamentos até agora inéditos, com o seu intenso desejo e sede de pertença e participação nos quais os pontos de referência pessoais e institucionais são uma mercadoria escassa. É para esse mundo que somos chamados a "sair" e a "escutar" para, depois, compartilhar a boa-nova.

Reconheçamos que temos aqui **um desafio não indiferente**. A tentação do "sempre fizemos assim", com uma atitude de que já sabemos a resposta mesmo se o questionamento mudou, são os verdadeiros perigos que devemos reconhecer e evitar. Vejo de um lado, na experiência de animação, uma grande generosidade de nossa parte para sermos servos e profetas dos jovens. Mas quando essa atitude não é sustentada pela humildade do pastor que primeiramente deve conhecer as suas ovelhas, identificar-se com a sua história, ter o seu cheiro, corremos o risco de ser pastores que trilham um caminho paralelo ao das ovelhas. Vemos que o comportamento vivido por Jesus com os dois discípulos no caminho de Emaús é feito de escuta paciente e compassiva. Se abandonarmos esse desafio conheceremos um duplo risco: o primeiro é o de uma proposta pastoral separada das

verdadeiras necessidades dos jovens; o segundo é o de uma consequente superficialidade tanto educativa quanto pastoral.

Conhecer o mundo dos jovens não é um luxo que possamos permitir-nos, mas um dever que não podemos transcurar; seria uma traição, um virar as costas ao grito dissimulado, mas profundo, dos jovens.

2. A propósito da segunda parte do mesmo Documento Preparatório – Fé, Discernimento, Vocação, - vemo-nos no **segundo enlace,** alma da nossa proposta educativo-pastoral. É aqui que tornamos verdadeira e concreta a beleza do carisma salesiano:

- **oferecer aos jovens itinerários que os levem a fazer uma experiência integral,**
- **dando-lhes a oportunidade de viverem a vida como um dom, recebido, vivido,**
- **para depois assumirem com alegria e esperança o projeto pessoal de vida, a própria vocação.**

Para este ponto focal convergem todas as forças dinâmicas que brotam do Sistema Preventivo. Seria bom refletir sobre o projeto apostólico salesiano, com todas as suas dimensões, à luz daquela descrição atenta e completa que encontramos *nas Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales, nn. 31-39: nosso serviço educativo-pastoral.* Esses artigos constituem a magna carta que sintetiza o nosso tesouro educativo-pastoral.

A proposta salesiana torna-se um processo dinâmico que se desenvolve em algumas dimensões fundamentais, como aspectos integrantes e complementares: **fé, processo de crescimento, experiência associativa e discernimento, que nós Salesianos de Dom Bosco vivemos no interior de um quadro de referência antropológico, pedagógico e espiritual coerente no qual o acompanhamento dos jovens é a espinha dorsal no delicado processo do seu desenvolvimento integral.**

Os três nascimentos dos quais fala o Documento Preparatório são, aqui, para nós uma realidade cotidiana dinâmica. As várias dimensões (cf. Const. 32-37; Reg. 6-9):

- **a dimensão da educação à fé** (cf. Const. 22, 33, 34, 36; Reg. 7, 13),
- **a dimensão educativo-cultural** (cf. Const. 31, 32; Reg. 4, 6),
- **a dimensão da experiência associativa** (cf. Const. 35; Reg. 8),
- **a dimensão vocacional** (cf. Const. 34, 35, 37; Reg. 9)

são quatro aspectos fundamentais, mutuamente correlatos e complementares. Não são etapas mecânicas, organizadas rigorosamente em sucessão, mas integram-se no dinamismo unitário do desenvolvimento do jovem. Fé, cultura, experiência de grupo e projeto de vida tornam-se **um processo gradual com um preciso horizonte antropológico, educativo e espiritual:** o desenvolvimento que envolve o entrelaçamento entre **a maturidade humana e o sentido cristão da vida; a lógica de um itinerário em que surge a questão do sentido da vida, o projeto pessoal de vida;** uma experiência em que **os jovens são acompanhados para assumirem a beleza da própria responsabilidade diante do chamado de Deus a cada um/a deles.**

Estas dimensões, como vasos comunicantes, atraem-se idealmente e alimentam-se reciprocamente. São dimensões que responde à questão: **Qual tipo de jovem deve ser promovido**

para poder ser "adulto na fé"? A sua articulação e dinamicidade nasce da *concepção respeitosa da complexidade do desenvolvimento da pessoa* e de um projeto que tem em mira a sua salvação global, onde as dinâmicas divinas interagem com as humanas.

O apelo que nos é dirigido hoje é, antes de tudo, a ter conhecimento da complexidade da história dos jovens (primeiro desafio), para, depois, assumir o dever e o esforço de ser educadores e pastores que tenham uma proposta integral, inteligente e criativa. O nosso patrimônio hoje, mais do que nunca, leva-nos a "estudar" bem o modo como essas quatro dimensões mantenham viva a força dinâmica interna à nossa Pastoral Juvenil Salesiana.

3. À luz disso, comento um **terceiro enlace** que mais tarde será novamente comentado. Não deve ser subvalorizada a urgência de **uma séria e qualificada preparação – humana, espiritual, carismática – de todos os componentes, consagrados e leigos, da Comunidade Educativo-Pastoral (CEP).** A concretude das situações, a urgência de oferecer propostas educativas proporcionadas à história dos nossos jovens são alguns dos aspectos que nos convidam a enfrentar o tema da formação da CEP evitando atalhos e superficialismos. Se realmente desejamos levar os jovens a saber "reconhecer", "interpretar" e "escolher" os caminhos para um futuro digno e feliz devemos ser nós *in primis* a arregaçar as mangas.

Permitam-me uma palavra sobre o **acompanhamento**. Nos últimos anos, como Dicastério da Pastoral Juvenil, estamos fazendo um esforço de reflexão sobre este tema. Sinto que temos um déficit muito preocupante nesse campo. **Antes de notar a ausência de um grande esforço no acompanhamento dos jovens em geral, seria mais justo perguntar-nos se nós, como educadores e pastores, somos verdadeiras e autênticas testemunhas no deixar-nos acompanhar.** Somente se nós mesmos vivermos a experiência do acompanhamento espiritual, se nós mesmos experimentarmos em nossa pele o esforço da busca da vontade de Deus de maneira íntima e pessoal, então, sim, poderemos oferecê-la aos jovens. A experiência ensina-nos que na falta disso tudo só podemos criar estragos!

O que Dom Bosco escreve nas *Memórias do Oratório* é um forte apelo a reforçar-nos nessa experiência de acompanhamento, sob pena de realizarmos a famosa frase evangélica do cego que guia outros cegos (Mt 15,14): «O padre Cafasso, meu guia havia seis anos, foi também meu diretor espiritual, **e se fiz algum bem, devo-o a este digno eclesiástico, em cujas mãos coloquei minhas decisões, estudos e atividades**» (Fontes Salesianas, p. 1313).

4. Na terceira parte do Documento Preparatório – A Ação Pastoral – O Sínodo chama-nos a refletir sobre o tema **dos sujeitos e dos processos**. Podemos dizer que encontramos aqui um quarto enlace com duas faces: **a validade de um PEPS real e concreto, como também a experiência clara e participativa de todos os sujeitos da CEP.**

Esta terceira parte começa com o subtítulo que, para nós, constitui uma atitude irrenunciável: *Caminhar com os jovens!* Tomo a liberdade de citar as primeiras frases porque são palavras que, de um lado, nos apresentam o ícone do nosso Pai e Mestre, Dom Bosco, e de outro, continuam a ser um apelo permanente àquela que para nós é a **"assistência salesiana"**: «Acompanhar os jovens exige sair dos próprios esquemas pré-fabricados, encontrando-os lá onde eles estão, adaptando-se aos seus tempos e aos seus ritmos; significa também levá-los a sério na dificuldade que têm de decifrar a realidade em que vivem e de transformar um anúncio recebido em gestos e palavras, no esforço quotidiano de construir a própria história e na busca mais ou menos consciente de um sentido para as suas vidas».

Aqui, fazemos bem em citar o artigo 38 das nossas Constituições Salesianas: "Imitando a paciência de Deus, encontramos os jovens no ponto em que se acha a sua liberdade. Acompanhamo-los para que eles amadureçam convicções sólidas e se tornem progressivamente responsáveis no delicado

processo de crescimento de sua humanidade na fé".

Notemos que para nós Salesianos de Dom Bosco

- **a assistência, isto é, o encontro com os jovens,**
- **a proposta educativo-pastoral e**
- **o acompanhamento na descoberta e aceitação do próprio projeto de vida**

formam um entrelaçamento único e unitário no qual tudo conduz ao amadurecimento integral dos jovens.

Sair, ver e chamar, as três palavras oferecidas nesta parte, não são para nós outra coisa senão viver hoje com os jovens a «**disponibilidade** a passar tempo com eles, a **escutar** as suas histórias, as suas alegrias e esperanças, as suas tristezas e angústias, para as compartilhar com eles: este é o caminho para i**nculturar o Evangelho e evangelizar todas as culturas, inclusive a juvenil**».

Neste aspecto, **é fundamental a ligação entre a segunda e a terceira parte do Documento Preparatório *(II. Fé, Discernimento, Vocação. III. A ação Pastoral)*.** Para a pastoral juvenil salesiana, as palavras escritas por Aldo Giraudo sobre Dom Bosco acompanhante é uma clara síntese: **«a relação de paternidade espiritual é o prolongamento de uma paternidade educativa** feita de ensinamentos comunitários, de doação, de presença amorosa, de entendimentos e cumplicidade» (F. Attard, M. A. García, ed., *O Acompanhamento Espiritual. Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens,* Brasília: EDB 2015, p. 196).

Neste quarto enlace volta novamente e com maior clareza e força o tema dos **sujeitos da pastoral juvenil,** isto é, **o empenho sempre mais sério, qualificado e programado da formação dos leigos colaboradores e de todos os sujeitos da CEP.** O Documento Preparatório pede uma comunidade responsável, figuras válidas e autênticas de referência: «o papel de adultos fidedignos, com os quais entrar em aliança positiva, é fundamental em cada percurso de amadurecimento humano e de discernimento vocacional». Perguntemo-nos: com qual atitude e visão estamos respondendo aos desafios dos itinerários de formação na CEP?

Enfim, nesta terceira parte, **volta também o tema do PEPS.** A atenção à diversidade das situações pastorais, como também à variedade dos setores pede-nos uma pastoral inteligente que não pode limitar-nos a uma proposta pastoral genérica. Levar em consideração a história dos jovens, a sua capacidade de entender uma determinada linguagem, de nós mesmos nos sintonizarmos com os processos geralmente marcados pela gradualidade, é uma lógica pastoral que requer criatividade pedagógica. Em muitas das nossas Inspetorias está aumentando a atenção a projetos inspetoriais que refletem essa sadia atitude pastoral. É um processo em crescimento que, esperamos, ofereça sempre mais uma sintonia pastoral que não só beneficie a Inspetoria, mas sirva também de paradigma e modelo pastoral às Igrejas locais.

Neste contexto, como Dicastério, notamos com prazer que a oferta de **itinerários de oração no interior dos percursos educativos e evangelizadores** chegam a propor uma oração que sabe integrar o silêncio e a contemplação, a centralidade da Palavra de Deus e, também, a adoração eucarística. Quando estes **percursos são estudados e programados no interior da lógica do itinerário, e com a participação dos jovens,** as consequências são muito positivas. De aí a nossa convicção e o nosso testemunho é critério discriminatório.

Conclusão

Creio que faremos bem, nestes meses, em olhar para o caminho da Igreja como um convite providencial a:

- aprofundar o nosso conhecimento do carisma, conhecimento vivido e refletido;

- aproximar-nos mais do patrimônio educativo e pastoral que a Congregação não deixou de elaborar e refletir, desde o Concílio Vaticano II;
- melhorar em nossas Inspetorias e presenças os processos de formação para todos e em todos os níveis;
- estudar como as nossas propostas educativo-pastorais possam ser realmente uma resposta à história dos jovens de hoje, à sua busca de sentido e de fé, ao seu irrenunciável direito de serem acompanhados por pessoas maduras, à beleza de descobrirem o projeto pessoal de vida que abra hoje para eles um futuro digno.

▶ Crise de identidade ou o mal-estar da fé na vida consagrada

Juan J. Bartolomé, sdb

Uma reflexão crítica

Parto de um duplo pressuposto. A formação inicial procura introduzir os candidatos à vida consagrada no modo específico de viver o evangelho, caracterizado pelo carisma e a missão de uma Ordem ou Congregação; apresenta-lhes a identidade que hão de assumir através do estudo, da compreensão e das primeiras experiências no interior de uma comunidade. A formação permanente dá-se, por sua vez, como vivência habitual dessa forma de vida, livre e publicamente aceita, em comunidades que se dedicam à missão própria da Congregação; a vida comunitária de discípulos de Cristo e o trabalho apostólico diário são, na prática, um tempo privilegiado para a identificação do consagrado e das comunidades locais com o carisma e a missão próprias da Congregação.

O conceito de "mal-estar" é, hoje, uma categoria cultural de intepretação da realidade (social e/ou religiosa[1]). Como tal, não é, contudo, um juízo de valor sobre a situação; é, um pouco, mera constatação de fatos. Serve, em primeiro lugar, para análise da realidade e não para sua crítica.

Convém não esquecer, de início, que certo mal-estar é, ao menos em parte, conatural a qualquer experiência autenticamente religiosa, também a cristã, pois esta comporta a experimentação de um objeto, Deus, situado muito além do provável e, também, do dizível. Por isso, a vida religiosa, cuja finalidade é defender publicamente o primado de Deus (cf. VC 85), está condenada a viver com certo desassossego num mundo que vive e age como se Deus não existisse. Convém distinguir, todavia, entre o mal-estar da vida religiosa no mundo de hoje, que a acompanha desde seus inícios e que se expressa na absoluta relativização das modas e dos valores em voga,[2] e o mal-estar na vida religiosa de hoje,[3] que se vê despojada das tarefas que deram sentido ao seu carisma e vive temendo um futuro ainda pior daquele conhecido na atualidade.[4]

Interessa-nos aqui, o mal-estar na vida religiosa, embora, quiçá, não seja mais do que um efeito inevitável, e prova evidente, do outro. Que a vida consagrada viva hoje com certo mal-estar é uma impressão generalizada. Chegou-se até a afirmar publicamente que algumas formas atuais de vida religiosa carecem de futuro. Não só; a vida consagrada,[5] que durante séculos carregara o peso da primeira evangelização, já estaria sendo substituída por outros grupos e movimentos com maior visibilidade social e comprovada eficácia missionária.

Fracassou um modelo de vida consagrada que se sustentava numa espiritualidade individualista, que convertia o religioso em artífice de si mesmo. O problema, agora, não está tanto em saber 'como' ser religioso, mas em não ter claro 'por que' sê-lo. Nunca se produzira tanta, e tão excelente, reflexão sobre a vida consagrada; há que se reconhecer, todavia, que não conseguiu salvá-la do desânimo ou motivá-la para a renovação desejada. É possível que o mal-estar em que vivemos não seja produzido só por nós. Entretanto, não parece que o estamos sofrendo com lucidez ou, muito menos, que estejamos reagindo com acerto. Seríamos, em todo caso, vítimas inconscientes mais do que protagonistas perspicazes. E mesmo que isso nos livrasse de responsabilidade, estaria privando-nos de esperança e de futuro.

1 "Trata-se de uma imagem... com a qual transportamos à situação religiosa do nosso tempo a impressão de 'intranquilidade e insatisfação indefiníveis' indicada com o termo 'mal-estar' aplicado às pessoas" (J. Martín Velasco, El malestar religioso de nuestra cultura, Paulinas, Madri, [2]1993, 18). Cf. S. Freud, El malestar en la cultura, Alianza Editorial, Madri, [2]1973.

2 Sobre o motivo do inconciliável, da profunda insatisfação diante do mundo que não é como Deus deseja, cf. J. B. Metz – T. R. Peters, Gottespassion. Zur Ordensexistenz heute, Herder, Freiburg – Basel – Wien, 1991, 29.

3 Afirmou-se, há algum tempo, que aquilo que a vida religiosa vem sofrendo é uma crise de função, que não saberia bem qual a sua finalidade na Igreja e no mundo, cf. J. B. Metz, Las órdenes religiosas, Herder, Barcelona, 1978.

4 "A Vida Religiosa está em processo de extinção no mundo ocidental (Europa Ocidental, Estados Unidos e Canadá). Esta é, na verdade, a situação de grande número de congregações masculinas e femininas" (G. Uríbarri, "Nueve aspectos relevantes para la renovación de una congregación apostólica", *Confer* 37 [1998] 528).

5 Usaremos as expressões vida consagrada e vida religiosa como sinônimos do estado de vida cristã configurado pela profissão pública dos votos e a vida em comum. As duas fórmulas podem descrever, e com rigor o deveriam, *primo et per se*, a vida cristã. A realidade fica mal determinada quando se utiliza uma definição que não a identifica, como é o caso aqui, com propriedade e exclusividade. À espera de uma terminologia mais clara, e diferente, não se faz distinção, como atualmente é usual, entre vida consagrada e vida religiosa, embora o autor não se sinta confortável com nenhuma das duas expressões, pois não definem exatamente a essência da vida de seguimento, objeto de profissão pública na Igreja.

1. Os sintomas

É possível que se pudessem considerar outros sintomas, diversos dos que são indicados a seguir, e outras causas. Os indicados parecem ser os sinais mais difusos e evidentes:

1.1. Uma vida que não se desenvolve, está enferma

A escassez de vocações (por que falar de vocação quando ainda se deve provar que se a possui e não se preocupar pela falta de vocação com que vivem os que dizemos tê-la?) não se resolverá, por muito que se discuta, com mudanças nas estruturas e nas equipes. O que está esterilizando a nossa vocação é o modo, medíocre e neutro (religiosos 'cansados'), de vivê-la: o tipo de vida que levamos merece viver? Por que não se apresentar aos outros como modelo de vida? Somente uma vida 'nova' (= evangelizada) merece novas vidas.

1.2. Uma vida que não se entrega não é vida cristã

O fenômeno da 'aposentadoria' (que se dá entre 'consagrados' e que se vai aceitando paulatinamente como normal), a preocupação excessiva com o próprio bem-estar (elevado a critério de discernimento e de decisões importantes), a preocupação doentia com a própria saúde (que pede a atenção dos outros e impede a entrega aos outros), o desencanto acumulado na ação apostólica (os resultados são pobres, o esforço é contínuo), o alheamento afetivo (a incapacidade de compreender e a rapidez em condenar) e efetivo (as ausências injustificadas, quando não simples o desaparecimento) do mundo a missionar não são mais do que formas notáveis da perda ou, ao menos, do enfraquecimento da fé vivida, não menos grave por não ser plenamente consciente.

Hoje, o religioso está sofrendo de um surdo, mas profundo, processo de secularização interior que se manifesta no emburguesamento – procura-se ser igual aos outros – e certa leviandade ou vazio existencial. Por não viver como pensa, acaba por pensar como vive. O que crê – ou diz crer – tem incidência apenas em como vive (o 'ateísmo do crente'; cf. Mc 7,7; Is 29,13): pelo modo como vivemos não se deduz claramente por que ou para quem vivemos. Nada estranho que as pessoas se perguntem: "onde está o seu Deus?" (Sl 113 B 2).

1.3. Viver sem perdoar (-se) causa dano

Não é raro encontrar religiosos que não perdoam nem se perdoam, por não terem chegado aonde gostariam de chegar, sem que lhes importe muito aonde Deus os queria. Vivem com ressentimento por não terem obtido o favor esperado, o reconhecimento desejado, o trabalho conveniente aos seus interesses ou, atribuído (!) pelas suas aptidões e preparação. Aumentam dessa forma a incapacidade de amar os outros só por se crerem pouco amados. Por que, se os homens falharam, Deus não lhes basta? Esperam dos outros a compreensão e a ternura que eles, por sua vez, lhes recusam.[6] Jamais curarão suas feridas enquanto tiverem medo de perdoar-se e de perdoar. Escavando na ofensa que sofreram, suposta ou realmente, não são capazes de ter a esperança de serem, e sentirem-se, melhores.

2. *Um diagnóstico*

"O fenômeno mais grave do nosso tempo",[7] não é certamente o ateísmo, mas o "declínio generalizado do 'vigor da fé' em nossa sociedade", ou seja, "a manifestação de uma atitude tão espontaneamente incrédula que nem sequer é formulada explicitamente como tal":[8] Deus, que há tempo deixou de ser uma evidência, deixa de ser também um problema.[9] Segue-se daí o menosprezo

6 Falou-se de uma "socialização da imaturidade sentimental" (E. Rojas, El amor inteligente, Temas de Hoy, Madri, 1997, 16), fenômeno que alcança também a vida religiosa.
7 Paulo VI, Ecclesiam Suam, AAS (1964) 650-651. Cf. GS 19.
8 J. Gómez Caffarena, Raíces culturales de la increencia, Sal Terrae, Santander, 1988, 6.36.
9 É anedótico, mas significativo; ainda em 1969 era possível declarar que "não se deve mais explicar a falta de crença,

social ou, quem sabe, dizendo melhor, o desinteresse que Deus provoca ao nosso redor[10] e naqueles que nele continuamos a crer.[11] "A religião parece ter-se tornado invisível em nossa sociedade secular. Alguns sociólogos costumam falar de religião silenciosa: a mensagem é verdadeira e boa, mas não tem ressonância na sociedade da comunicação e da correria... De fato, segundo as estatísticas religiosas acontece uma emigração silenciosa das instituições religiosas para a privacidade".[12]

O profano vai-se expandindo à custa do sagrado: apoderou-se do social[13] e está apropriando-se do privado: a consciência individual, a própria intimidade, já não é um lugar de deuses. Já estamos a viver, sem o percebemos plenamente, o eclipse de Deus previsto e descrito por Martin Buber.[14] A fé, enquanto aceitação gratuita de Deus, mal sobrevive entre nós: vivemos uma situação de amortecimento generalizado das crenças ou, pior ainda, assistimos impassíveis a "um divórcio entre a fé e a vida cotidiana" (GS 43).

A vida religiosa não fica alheia a esta situação espiritual. E acentua a crise o fato de hoje não se poder defendê-la adequadamente, a não ser desde o seu interior, porque o desafio não provém de fora: os germes do mal-estar são incubados no seu interior e vão-se transmitindo insensivelmente, por contágio.

2.1. Viver negligenciando Deus: religiosos e, apesar disso, praticamente ateus

Estamos a viver numa cultura que tende "para a não-transcendência como modo habitual de existir no mundo".[15] Sua escassa experiência do sagrado tornou-se imune à transcendência.

Crentes e ateus vivem num mesmo mundo; não habitam mundos diferentes, mas habitam-no de maneira diversa: "assim como o teísta crê na existência de um Deus pessoal, o ateu crê que Deus não existe. E assim como ao teísta se deve exigir as razões em que fundamenta a sua crença, razões que nunca passarão de argumentos mais ou menos razoáveis e nunca serão capazes de produzir evidência, o mesmo deve ser exigido ao ateu em relação à sua não-crença".[16]

Se ser ateu não é apenas crer que Deus não existe (ateísmo teórico), mas também viver como se Deus não existisse (ateísmo prático), não se poderá negar que existe ateísmo também na vida religiosa.[17] É ateu quem, embora sem perder a fé ou a vocação, vive sem se deixar interpelar por Deus, sem dar atenção à sua Palavra ou assentimento à sua vontade. Para impedir que Deus seja o

mas a crença" (Baltasar Porcel, in J. Mª. Gironella, Cien españoles y Dios, Nauta, Barcelona, 1969, 532).

10 "Parece que a noção de ateu tende a desaparecer. Essa palavra não só é sempre menos usada, como a mesma postura [de ateu] vai-se tornando desnecessária. À medida que dilui a ideia de transcendência, a de ateu perde importância... A cada dia há menos cristãos e menos ateus. Aumenta a cada dia o número dos agnósticos" (E. Tierno Galván, *¿Qué es ser agnóstico?* Madri, 1982, 65-66).

11 É um fato, analisado repetidamente, que em nossa situação cultural salvar a própria identidade cristã envolve a perda de relevância social e a inverte. Cf. J. Moltmann, *El Dios crucificado*, Sígueme, Salamanca, 1975, 17-49.

12 B. Fernández, 'En el mundo, desde Dios', VR 82 (1997) 450. A privatização da religião no mundo atual foi estudada por Th. Luckmann, *La religión invisible*, Sígueme, Salamanca, 1973; Id., 'Religión y condición social de la conciencia moderna', en X. Palacios – F. Jarauta, Razón, ética y política, Anthropos, Barcelona, 1989, 87-109.

13 Há uma verdade que a história colocou fora de dúvida: a religião abraça uma porção sempre menor da vida social. Originariamente, estendia-se a tudo: tudo o que fosse social também era religioso; as duas palavras eram sinônimas. Depois, aos poucos, as funções políticas, econômicas e científicas foram se tornando independentes da função religiosa, construíram-se à parte e adquiriram um caráter temporal sempre mais evidente. Deus, se assim se pode expressar, que no princípio estava presente em todas as relações humanas, vai-se retirando progressivamente; abandona o mundo aos homens e às suas disputas" (E. Durkheim, *La división del trabajo social*, Akal, Madri, 1987, 201-202).

14 Cf. M. Buber, *El eclipse de Dios*, Nueva Visión, Buenos Aires, 1970. Quanto ao caso espanhol, já se declarava publicamente em 1931 que "desde o século passado, o catolicismo deixou de ser expressão e guia do pensamento espanhol. Não discuto que haja na Espanha milhões de crentes; mas o que expressa o ser religioso de um país, de um povo e de uma sociedade não é a soma numérica das crenças e dos crentes, mas o esforço criador da sua mente, o curso da sua cultura... A Espanha deixou de ser católica apesar de ainda existirem milhões de espanhóis católicos, crentes (M. Azaña, Obras completas. II, Oasis, México, 1966, 49).

15 J. A. García, En el mundo desde Dios. Vida religiosa y resistencia cultural, Sal Terrae, Santander, 1989, 19.

16 P. Laín Entralgo, *El problema de ser cristiano*, Círculo de Lectores, Madri, 1997, 120.

17 "A vida religiosa e o ateísmo deveriam ser dois extremos que se excluíssem reciprocamente. Contudo, nem sempre a lógica do pensamento corresponde à da vida. De fato, há religiosos, pessoas, portanto, que estão na vida religiosa e vivem sem Deus. Poder-se-ia dizer, pelo menos, que alguma coisa nessas pessoas que somos quase todos nós, vivem sem Ele" (N. Tello Ingelmo, "Ateísmo, agnosticismo, indiferentismo, ¿enfermedad en la vida religiosa?', VR 60 [1986] 10).

nosso Deus não há necessidade de negar a sua existência; basta subtrair-se ao seu domínio e afastar-se da sua presença.[18] "'Ter um Deus' não é outra coisa que entregar-se a ele e crer nele de coração... A confiança e a fé de coração podem fazer a mesma coisa a Deus e ao ídolo... Aquele que tens no coração, aquele a que te entregas, esse será realmente o teu Deus".[19] Para viver crendo é preciso que vivas em diálogo com Deus, dando-lhe atenção e atenções. Há que saber estar à espera da sua vontade, sentir a sua falta quando se afasta dele ou ficar com ele quando se o tem nas mãos. Sem tranquilidade, silêncio, resistência e paciência não se poderá subsistir diante de Deus.[20]

Subsiste certo ateísmo no crente, quando, mesmo sem perder a fé, põe sua vida (ou apenas uma parte dela) a serviço de outros senhores; quando se comporta como ateu que afasta Deus e vive num mundo *desabitado* por Deus, vazio da sua presença viva e questionadora. É ateu quem substitui Deus por quaisquer outras coisas, por boas que sejam (que normalmente o são, caso contrário não seriam agradáveis ou *idolatradas*). É ateu quem se serve de Deus para atingir objetivos pessoais; vive como ateu o crente que busca compulsivamente a própria realização em metas não transcendentes, secularizando de modo radical a sua existência. Somos ateus, quando, em vez de permitir que Deus nos converta em alguém com o seu modo pessoal gratuito, esforçamo-nos para chegarmos a ser alguém por nós mesmos.

2.2. Viver como se Deus fosse supérfluo: o religioso agnóstico

O agnosticismo, segundo um de seus teóricos, seria a atitude vital de quem, de acordo com a própria finitude, assume sua limitação, sabe viver com o que tem, nada faltando em sua vida, nem mesmo Deus. "O agnóstico, instalado em sua finitude, com seu traje existencial completo, não se lança em nada, tampouco em Deus".[21] Pode ser que também sobejem entre os religiosos pessoas que, desencantadas com uma presença transcendente inalcançável, tenham-se resignado a viver somente para a imanência, terminando por aceitar a própria finitude como limite máximo do seu crescimento... Para eles, o adorador de Deus é um insensato, por crer no inacreditável. Se não o desdenham ostensivamente, subestimam-no educadamente. Não compreendem que quem crê em Deus é, sobretudo, um amante apaixonado, que foi alcançado e derrubado por um amor muito maior do que todos os seus afetos".[22]

Por trás da atitude agnóstica palpita certa incapacidade de saber-se amado ou, mais provável ainda, esconda-se a incapacidade de crer que exista alguém que o ame de verdade, e gratuitamente.[23] Para sua surpresa, quem se descobre amado, não pode duvidar de que vive quem o ama (cf. Jo 20,8-9). O agnóstico "não é de *facto* um não crente, mas um crente no nada",[24] uma vez que não tem nada – e chegar a isso é outro ato de fé – que lhe mereça a vida e suas penas.

O religioso agnóstico vive centrado no que é razoável, evita o escândalo que provém do saber-se inexplicavelmente amado e, portanto, *solicitado*. Medíocre, não aceita radicalidades e teme a gratuidade. Calcula sua entrega e só se dá quando está certo de receber. Pouco audacioso, incomoda-o tudo que for tirado de seus cofres. Narcisista, o cuidado de si ocupa seu tempo e seu coração;[25] renuncia à busca de um sentido único e totalizante para sua vida. Se escolher Deus, o fará

18 "Se digo que não sou cristão, é por um motivo para mim fundamental: eu não consigo rezar. A oração supõe que se discute, que se está em diálogo com alguém; nunca fiz essa experiência; eu sinto isso" (R. Garaudy), Cf. R. Garaudy – E. Balducci, El cristianismo es liberación, Sígueme, Salamanca, 1976, 94).

19 Lutero, Catecismo Mayor, en Obras. V, Paidós, Buenos Aires, 1971, 45-46.

20 "Attende ubi albescit Veritas", recomendava Agostinho, Confesiones XI, 27.34, in Obras completas, BAC, Madri, 1963, 476.

21 Tierno Galván, Agnóstico 35. "Na verdade, o crente sente-se mais desconfortável com a posição de Tierno Galván do que com a do ateu; este, ao menos, leva a hipótese-Deus suficientemente a sério para fazer o esforço de refutá-la" (J. L. Ruiz de la Peña, "Modelos de racionalidad en el agnosticismo español actual", RETeol 49 [1989] 411).

22 Tello Ingelmo, "Ateísmo" 13.

23 "Crer significa ter fé na bondade radical dos planos de Deus para com os homens e no sentido último da existência humana: colocar-se a si mesmo e os outros nas mãos de Deus" (E. Schillebeeck, Cristo y los cristianos, Cristiandad, Madrid, 1982, 619.

24 M. Scheler, Vom Ewigen im Menschen, Francke Verlag, Bern, 1954, 264.

25 O abandono dos grandes sistemas de valores e a hiperinversão para o próprio eu, são notas características, segundo G. Lipovetsky, La era del vacío. Ensayo sobre el individualismo contemporáneo, Anagrama, Barcelona, 1986, 7.50-53,

sem renunciar a tudo o mais por Ele. E terminará inexoravelmente por ver o irmão simplesmente como sócio ou colega.[26]

2.3. Viver à base de bagatelas: religioso e indiferente

O desencanto[27] e a vulnerabilidade[28] parecem ser aspectos típicos da nossa cultura: vive-se com pouca paixão e excesso de passatempos, com irrisória liberdade pessoal num ambiente social em que o politicamente correto é ser 'liberal' e tolerante.[29] Sempre mais entediados,[30] muitos dentre nós só percebem algo que os seduza e valha a pena, alguma coisa pelo que lutar, que mereça a sua vida. Preferem distrair-se continuamente a envolver-se pessoalmente. A felicidade – a pessoal evidentemente! – é proclamada como "o único imperativo categórico".[31] Reina "um ar de fragilidade",[32] "no qual não resta nem sequer energia para combater a Deus com 'outra fé – caso do ateu – ou para comprometer-se com um mundo racionalmente afogado em sua finitude – caso do agnóstico. A fé nem apaixona nem incomoda":[33] é a indiferença[34], a "rotina de viver como se não houvesse uma dimensão religiosa essencial na existência humana".[35]

A razão disso deve ser buscada "na tendência do homem a não pensar em si mesmo para não tomar consciência da sua miséria. A raiz da indiferença está, portanto, na diversão com que o homem se ocupa inteiramente em todo tipo de tarefas, trabalhos, pensamentos, desde que não pense sobre quem é... E a gravidade da diversão reside em fazer que esse homem desgraçado sem Deus ignore sua própria desgraça tornando-se impossível sair dela".[36]

X. Zubiri falou que o homem moderno padecia da "fadiga do absoluto", "gostaria de descansar, desinteressar-se, mesmo que ocasionalmente, da necessidade de sempre estar tomando alguma posição incondicional".[37] Este cansaço causado pela busca de Deus está presente hoje na vida diária dos consagrados. Não se atrevem a colocar Deus à margem, mas tampouco o frequentam; programam sua existência sem exceder seus interesses, supostamente bons, imediatos, e suas

---

da transição do homo politicus ao homo psicologicus que tipificaria a época atual. "Um mínimo de austeridade e um máximo de desejo" definiriam o homem moderno.

26 "Deve ser a causa do meu inato paganismo, mas confesso-te que não tenho muita ilusão de que todos os homens sejamos 'irmãos'... Confronto-me com o que nós homens somos: sócios, leais e cooperativos entre si e iguais diante da lei" (F. Savater, *Ética para Amador*, Ariel, Barcelona, 81994, 148-149). Visão muito diferente da de Francisco de Assis, que deixou escrito em seu testamento que "o Senhor lhe dera irmãos" (*Escritos. Biografías. Documentos de la época,* BAC, Madri, 41991, 122).

27 "Não entenderíamos adequadamente a pós-modernidade se não percebêssemos que ela é feita de desencanto" (L. González-Carvajal, *Ideas y creencias del hombre actual*, Sal Terrae, Santander, 21991, 156).

28 "Cruzando sozinho o deserto, carregando a si mesmo sem qualquer apoio transcendente, o homem atual caracteriza-se pela *vulnerabilidade*". "Um mal-estar difuso que o invade por inteiro, um sentimento de vazio interior e de absurdidade da vida, uma incapacidade de sentir as coisas e os seres" (Lipovetsky, Era 46.76).

29 "Atualmente, o que rege a vida espiritual é o princípio do prazer, forma pós-moderna do interesse privado. Já não se trata de converter os homens em sujeitos autônomos, mas de satisfazer os seus desejos imediatos, de diverti-los com o menor custo possível. O indivíduo pós-moderno, conglomerado impetuoso de necessidades passageiras e aleatórias, esqueceu que a liberdade era outra coisa que o poder de abater prisões, e a própria cultura é mais do que um impulso satisfeito" (A. Finkielkraut, *La derrota del pensamiento*, Anagrama, Barcelona, 1987, 128).

30 "A indústria contra o tédio, ou seja, a indústria dos aparelhos elétricos, a indústria automotora, do cinema, da televisão e semelhantes só tem sucesso ao impedir que o tédio chegue a ser consciente" (E. Fromm, *La revolución de la esperanza*, Madri, 1980, 47).

31 J. Sádaba, Saber vivir, Ediciones Libertarias, Madri, 71985, 141. "Entendo por moral a ideia de que *é preciso ser feliz, e que não está dito como"* (Ivi, 140).

32 E. Biser, Pronóstico de la fe. Orientación para la época pos secularizada, Herder, Barcelona, 1994, 13.

33 Tello Ingelmo, 'Ateísmo' 15. "Cremos em algo com fé viva quando essa crença nos basta para viver, e cremos em algo com fé morta, com fé inerte, quando sem tê-la abandonado, vivendo ainda nela, ela não age eficazmente em nossa vida" (J. Ortega y Gasset, "Historia como sistema", en *Obras Completas*. VI, Madri, 1983, 17).

34 "Deus está morto, extinguem-se os grandes objetivos, mas ninguém se importa com isso: essa é a novidade auspiciosa" (Lipovetsky, Era 36). Sobre o fenômeno da indiferença religiosa, cf. Aa.Vv., *L´indifférence religieuse*, Beauchesne, Paris, 1983); J. Martín Velasco, Increencia y evangelización, Sal Terrae, Santander, 21989, 43-49.

35 Laín Entralgo, Problema 117.

36 Martín Velasco, Malestar 85, que acompanha a análise de Pascal. Cf. J. Chevalier [ed.], Pascal. *Oeuvres Complètes, Gallimard*, Paris, 1954, 1137-1148.

37 *El hombre y Dios,* Alianza - Fundación X. Zubiri, Madri, 1984, 163-164.

motivações mais profundas tão logo fique explicitada a referência a um Deus pessoal.

Na verdade, "seria ao menos temerário não reconhecer que o indiferentismo inerte e tedioso ameaça a vida de muitos religiosos. Alguns – nem sempre os mais velhos, certamente – refugiam-se na fatalidade rotineira levados pela estreiteza dos regulamentos, horários e programações tenazmente defendidos como algo absolutamente vital. Outros, aparentemente mais liberados, relegam seus compromissos comunitários, abandonam a oração, fazem da atividade pastoral um puro sucedâneo de toda a riqueza interior que já perderam; pode acontecer também o caso de terem seu corpo na casa religiosa, enquanto seu espírito está muito distante dela... Tornam-se, então, devoradores ávidos de jornais, receptores passivos da superficialidade oferecida pelos meios audiovisuais. Acabam, enfim, por se converterem em seres vazios e estéreis, sem nada a comunicar de si mesmos... Enquanto Deus os deixa indiferentes, qualquer coisa – dá no mesmo – pode ser-lhes proposto como objeto de fé... A situação existencial de tais religiosos ronda os limites da tragédia... Sua fé morta levou-os insensivelmente à morte da própria fé".[38]

Para quem a fé foi tudo um dia, sua perda ou deterioração produz um total esvaziamento em sua existência cotidiana.

3. *Uma terapia*

Vivemos uma situação em que a fé aparece como uma possibilidade a mais, entre outras, e não a mais atual nem a mais consciente de sua pujança.[39] Segue-se daí que "hoje, em meio à cultura pluralista e às identidades que provoca, torna-se especialmente difícil o fato de adquirir a fé e o fato de conservá-la".[40] Passamos, dito de outra maneira, por "uma situação de eclipse cultural de Deus, de ocultamento social da sua presença e esforçamo-nos para pretender o encontro com Ele nos mesmos termos dos momentos de aparente visibilidade e de reconhecimento social unânime".[41]

Precisamos encarnar uma nova busca de Deus, sem que por isso tenhamos de renunciar ao mundo que habitamos: a experiência do Deus cristão não pode caminhar em desacordo com a habitação, ativa e interessada, neste mundo. Oração sem solidariedade, piedade sem justiça, filiação divina sem fraternidade humana não são hoje, se é que o foram algum dia, atitudes cristãs fidedignas.

A vida consagrada sente-se tentada a instalar-se placidamente no mundo e, para consegui-lo, a dotar-se de argumentação teórica que o justifique, a "assumir a privacidade individualista da própria fé e silenciar o anseio por um Deus cuja ausência se constata e deixa um vazio. É fácil acostumar-se a viver na ausência de Deus e, aos poucos, deixar de sentir esse vazio, de vivenciar o mal-estar diante do silêncio e, finalmente, deixar de buscar. A disponibilidade e atenção ao transcendente implica inevitavelmente certo grau de solidão e de estranhamento em relação aos outros".[42]

Não é a vida religiosa que está em questão, mas a fé do religioso: "ou é um homem de fé ou não é religioso. Só a partir da fé, o seu projeto de vida, com todas as mediações que comporta, adquire plenamente sentido. Pois bem, a fé nos é dada como dom e como responsabilidade. Nossa fé é permanentemente submetida à prova".[43]

A superação do mal-estar que incomoda a vida consagrada só pode provir da fé,[44] uma fé que

38 Tello Ingelmo, "Ateísmo" 16. Isso, apesar de que "confessar apaixonadamente o amor de Deus é propriamente o que constitui a finalidade mais importante da vida religiosa" (García, *Mundo* 19).

39 "A fé não corre perigo com uma interpretação equivocada do dogma ou com um comportamento moral deficiente, mas, atendo-se à experiência geral, o maior perigo deriva principalmente do derrotismo religioso, que não oferece a essa fé qualquer energia capaz de configurar a vida e o futuro, uma vez que o confunde com uma crise de confiança". (Biser, *Pronóstico* 16).

40 García, *Mundo* 35.

41 Martín Velasco, *Malestar* 188.

42 J. A. Estrada, "Pensar y sentir al Dios Ausente", en Aa.Vv., *Salí tras ti clamando... y eras ido.* ¿Es religiosa la vida religiosa?, Publicaciones Claretianas, Madri, 1995, 250.

43 A. Bocos, "Retorno a lo esencial", en Aa.Vv., *Salí tras ti* 321.

44 Mais radical, Uríbarri, "Aspectos" 529, afirma: "Uma congregação apostólica não perdurará se a experiência coletiva de Deus vivida em seu seio, se desvanecer e perder vigor, se a leitura cristológica comum perder sua clareza ou houver conflitos em relação a ela, se o Espírito deixar de visitar essa comunidade com seus dons e sua vitalidade. A renovação

precisa ser experimentada[45] e que se realiza como existência diante de Deus e para os outros: "não há fé sem a experiência inicial de Deus, que chamamos 'conversão', e sem a experiência cotidiana, que chamamos 'oração'".[46] A resposta adequada não passa, portanto, pelo tornar pragmática a fé, vendendo-a de acordo com as realizações que não são privativas do crente e que os não-crentes já oferecem tão bem como os crentes. Fé é gratuidade, não utilidade.[47] Firmeza da fé é ousadia e esperança, não seguranças garantidas; e, ainda, "a verdadeira oposição à fé não é a incredulidade, mas o medo".[48]

Não nos devemos contentar nem conviver com a fé por procuração, apoiando a nossa na dos outros,[49] nem muito menos, conviver com a fé na clandestinidade e no anonimato,[50] que seria negar a essência mesma do discipulado (Mt 5,13-16). Tampouco adianta continuar como se nada acontecesse, apegados à rotina ou, até mesmo, à regra de vida.[51] Há que inventar – essa já não é a palavra, mas a necessidade – o modo de harmonizar a experiência de Deus com a proximidade lúcida das realidades que carecem de evangelização, e com as pessoas que não o precisem. Hoje, mais do que místicos, precisa-se de testemunhas.

Para consegui-lo, e só como insinuação, atreveria a indicar uma dupla tarefa em que se exercitar. Não a apresento como proposta metodológica, mas como opções estratégicas que deveriam promover e acompanhar processos concretos.

3.1 Habitar o próprio coração, ou o retorno ao interior

A evangelização dos outros passa por uma primeira, e prévia, evangelização pessoal: é ao nosso coração que devemos atender por primeiro, com prioridade temporal e de objetivos, antes de pensar em conquistar outros corações: "a primeira obrigação missionária para as pessoas consagradas é em relação a si mesmas".[52]

Recuperar hoje a missão, implica em recuperar-se como campo de missão, reavivando a consciência de que o primeiro dever do consagrado é para consigo mesmo. Para manter a fé, nós crentes precisamos ter o nosso coração como a primeira tarefa, o lugar prioritário de missão, "o 'lugar' da conversão".[53] É no terreno da intimidade que se deve cultivar, e defender hoje, a própria humanidade e onde se manterá ininterrupta a conversação com Deus (cf. Mt 6,6). De fato, "o ativismo e as devoções, podem ser dois sintomas paralelos de uma vida sem experiência de Deus, enquanto a práxis consumista, o tempo dedicado aos meios de comunicação social ou as relações sociais, podem atuar como amortecedores que tornam a vida religiosa tolerável, mas sem experiência de Deus".[54]

Hoje, provavelmente, não é possível ser crente estando sempre de bem com o nosso mundo, sem jamais sentir-se mal em nosso entorno social. Contudo, é possível, e desejável, sentir-se bem diante

---

da VR passa necessariamente pelo aprofundamento da experiência de Deus, quer individual quer corporativamente".

45 A situação atual "exige um crente mais maduro e com maior formação religiosa: baseado mais na experiência da fé do que em meras adesões tradicionais" (J. M. Mardones, Análisis de la sociedad y fe cristiana, PPC, Madri, 1995, 165). Cf. G. Lohfink, G*laube braucht Erfahrung,* Echter, Würzburg, 1977.

46 González-Carvajal, Ideas 187.

47 "O Deus da autêntica fé cristã – Aquele mesmo em quem Cremos (o cursivo é meu) – não tem porque se envergonhar de ter-se feito 'inútil'" (J. Gómez Caffarena, *La audacia de creer*, Razón y Fe, Madri, 1969, 22).

48 Biser, *Pronóstico* 268.

49 "Os desafios para o crente são claros: exigirá um processo de acompanhamento na personalização da fé; uma formação religiosa, teológica, que lhe permita manter a racionalidade da sua opção; uma instituição que o trate como membro consciente daquilo que professa" (Mardones, Análisis 163).

50 Cf. A. Tornos – R. Aparicio, *¿Quién es creyente en España?*, PPC, Madri, 1995, 120.

51 "É possível cumprir todos os requisitos de trabalho e de convivência comunitária no interior da Ordem, ser uma pessoa integrada na vida normal do instituto religioso, cumprir externamente todas as obrigações, inclusive a oração e os sacramento, e, contudo, perder a sede de Deus, instalar-se na rotina e esquecer-se da dimensão mística e carismática inerente a qualquer experiência religiosa genuína... O perigo está em nos agarrarmos... a um conjunto de crenças, práticas e rituais, mas nos esquecermos de Deus" (Estrada, "Pensar" 251).

52 L. Grosso García, "Los nuevos areópagos", *VR* 82 (1997) 416.

53 X. Melloni, "'El Espíritu que no descentra'. Un espíritu que derramándose en nuestro interior nos abre a la realidad", *Sal Terrae 88* (1998) 17.

54 J. A. Estrada, "Pensar" 252.

de Deus e diante de nós mesmos. Esse é o desafio e a oportunidade do nosso tempo; que é a mesma coisa que confessar que o nosso tempo é de graça e de julgamento. Para corações que se queiram crentes, humanização e divinização são hoje as duas faces da única tarefa.

"Para ser humano há que ser íntimo. Sem a capacidade de isolamento e distanciamento – privacidade –, não há autonomia necessária para que o nosso eu se torne livre, corajoso, empreendedor. Sem a capacidade de comunicação e contato com o mais profundo e intransferível do nosso ser e das nossas experiências, tampouco há humanidade propriamente dita. A intimidade é feita e tem necessidade do exercício das duas dimensões: da privacidade e do contato com a vida interior".[55] Entretanto, a volta à morada da própria intimidade não é motivada pela necessidade de refúgio ou pelo desejo mais ou menos articulado de evadir de um mundo inóspito, sem vontade de responder diante de si mesmo e de Deus (cf. Gn 3,9-10).

Certamente, não se pode ser ingênuo postulando que a descoberta do eu, da própria interioridade seja critério único de vida crente, caminho exclusivo de oração. "A prática da oração, o espaço e o tempo dedicados a ela, parece não garantir por si mesma a experiência do Deus Vivo, a experiência do Outro, capaz de revolver uma vida e situá-la de outra maneira na realidade".[56] Ninguém se aproxima de Deus sem se aproximar do seu próximo; fixar os olhos na face do Senhor "não atenua no apóstolo o compromisso pelo homem; antes o potencia" (VC 75).

Viver diante de Deus não significa vê-lo nem, muito menos, compreendê-lo; se tu o entendes, dizia Agostinho, significa que não se trata de Deus.[57] Envolve, isso sim, saber-se visto e compreendido (Gl 4,9): "Como estás longe de mim que de ti estou tão perto! Quão afastado estás de meu olhar, de mim que estou tão presente ao teu olhar!", exclamou Anselmo.[58] Não o contemplar, mas saber-se contemplado, nem o entender, mas saber-se compreendido, não facilita muito o poder falar-lhe e ter a segurança de comunicar-se com Ele, mas predispõe a se deixar interpelar e estar certo de que se comunica conosco. Viver na presença de Deus é mais, muito mais, do que torná-lo presente em nossa vida; é deixar que Ele seja Deus nela e dela, permitir que Ele seja o que quer ser para nós e querer-nos a nós mesmos como Ele nos vê e nos quer.

3.2 Ir ao encontrou daquele que precisamos, ou o retorno do samaritano

"A mística tradicional fugia do mundo, a atual une-se a ele".[59] Lúcidos por ter-nos deixado instruir pelo mestre interior, devemos ao mundo a luz e uma maneira evangélica de oferecê-la. Ao cristão é vedada a fuga da realidade. Hoje, a experiência do crente em Deus "tem como existência e mandamento primários o ato de converter-se em próximo do necessitado, esteja perto ou distante".[60] Converter em invisível a fé e em supérflua a sua presença na sociedade é a meta, e o sucesso, do processo de secularização: "o religioso perde sua localização exterior, interioriza-se. Mas as realidades interiores mantêm-se, se conseguirem ser alimentadas pela convicção e se ostentarem um mínimo de visibilidade e exteriorização. A religião precisa encontrar momentos e lugares de visibilidade que nasçam da convicção e a reforcem".[61] Uma fé que deseje sobreviver num mundo em que Deus se esconde, deve buscar seus vestígios e encontrá-lo no próximo, imagem próxima de Deus, seu único ícone (Gn 1,26).

É sintomático que a partir da teoria sociopolítica se peça uma nova forma de estar no mundo, uma capacidade nova de dar-lhe atenção, uma vontade de concentrar-se nas necessidades dos outros.[62] O

55 J. A. García, "De la intimidad y el intimismo. Ambigüedades del yo moderno", *Sal Terrae* 1011 (1998) 286-287.
56 T. Catalá, "Oración y experiencia de Dios hoy. Aspectos cristológicos y socio-culturales", *Sal Terrae* 86 (1998) 868.
57 Agostinho, *Sermón* 117, 3.5.
58 Anselmo, *Proslogion* XIV.
59 BISER, Pronóstico 440. "A experiência de Deus inspirada biblicamente não é uma mística de olhos fechados, mas uma mística de olhos abertos; não é uma percepção relacionada unicamente com alguém, mas uma percepção intensificada do sofrimento alheio" (J. B. Metz, El clamor de la tierra. El problema dramático de la Teodicea, Verbo Divino, Estella, 1996, 26).
60 Laín Entralgo, *Problema* 124.
61 J. B. Libanio, "La Iglesia en la ciudad", *Sal Terrae* 146 (1998) 121.
62 Cf. R. Bellah – R. Madsen – W. M. Sullivan – A. Swidler – S. M. Tipton, The Good Society, A. Knopf, Nova Iorque, 1991,

crente tem uma razão a mais para sair ao encontro do necessitado: "os déficits de humanidade são lugar e exigência de resposta do Deus encarnado".[63]

Nem todos, é certo, conseguem ver a situação pela qual estamos passando. Provavelmente, o melhor serviço que se lhes pode prestar é, primeiramente, aproximar-nos deles para tomarmos consciência (e, depois, fazê-los tomar consciência) do mal-estar em que vivem e, em continuidade, curá-los radicalmente. Hoje, é muito provável que a vida religiosa não precise tanto de sacerdotes ou levitas, quanto de próximos, mesmo sendo 'samaritano': o enfermo não precisa de médicos que lhes expliquem a sua enfermidade, mas de pessoas que se compadeçam dele e, se possível, o curem. A quem está mal, quer se sinta assim quer assim nós o vejamos, é preciso dizer com *caridade e clareza,* e nesta ordem:

> 1º. Que ele pode contar conosco: é nosso irmão. Há que fazer com que saiba, em privado ou publicamente, que nos importa, que pode recorrer a nós quando quiser, que tem entrada em nossa compreensão. Como ele poderá ficar convencido de que é importante para nós, que o amamos, se temos receio de nos aproximarmos dele?
>
> 2º. Que conte conosco: somos seus irmãos. Ele deve sentir-se bem entre nós. Há que chegar à convicção de não precisar de defesas porquê não é pré-julgado. Não deve sentir vergonha, porque não é desvendado por nós; é ele quem se desvela para nós. Há de saber que poderemos não o entender, mas jamais condená-lo nem, muito menos, maltratá-lo. "Sendo fiéis à nossa fé, o amor há de estar na raiz de qualquer estratégia que usarmos... Se aqueles com quem não estamos de acordo não acreditarem que os estimamos, fracassaremos como cristãos".[64]
>
> 3º. Que não conta com o nosso beneplácito (deve sabê-lo), embora conte com a nossa paciência e, se for o caso, com o nosso perdão (deve tê-lo). Ter o nosso perdão não significa estarmos dispostos a desculpá-lo ou dar-lhe carta branca. Deve aceitar que o nosso amor a ele não é nem maior, nem primeiro, do que o amor que devemos a Deus; que, se nos comprometemos com ele, é porque nos entregamos a Deus; que, em caso extremo, terá que de renunciar ao irmão[65] desde que não renuncie ao Pai que nos irmanou. "No horizonte da fé, nada é objeto de devoção última, salvo a filiação e a fraternidade".[66] Nessa ordem, porém, pois é a primeira que origina e fundamenta a segunda.

Viver a fé é viver a vida "constitutivamente dependentes de Deus" (X. Zubiri) e cuidando permanentemente do nosso irmão. E isso "na forma de fidelidade de longa duração".[67] Buscar a própria santificação supõe exercitar-se na "terapia espiritual" (VC 87) do que a vida consagrada está carente. E nada, nem ninguém, por carente que seja, por muito que precisemos, deve ser primeiro para nós, à exceção do Deus que se esconde em nosso interior.[68]

254-264.

63 B. Bennàssar, "Las obras que Dios quiere. La vida religiosa, terapia radical para las llagas actuales de inhumanidad", en Aa.Vv., Salí tras ti, 291.

64 Th. J. Reese, "Más allá del 2001: Preparando la Iglesia para el próximo milenio", *SelTeol* 150 (1999) 105.

65 "Assim sendo, peço encarecidamente, como posso, ao irmão Elias, meu senhor ministro-geral, que faça com que a Regra seja inevitavelmente conservada por todos; e que os clérigos digam o ofício com devoção na presença do Senhor. Eu prometo conservar fielmente estas coisas, segundo a graça que o Senhor me der para isso; e as confiarei aos irmãos que estão comigo, para que as guardem em relação ao ofício e demais disposições regulamentares. Aos irmãos, porém, que não quiserem guardar estas coisas, não os tenho como católicos nem como meus irmãos; tampouco quero vê-los nem lhes falar enquanto não se arrependerem" (Francisco de Asís, "Carta a toda la Orden" 40-45, in *Francisco de Asís. Escritos. Biografías. Documentos de la época.* Editado por J. A. Guerra, BAC, Madri, 1978, 67-68).

66 García, *Mundo* 79.

67 Como a expressão bem-sucedida de García, *Mundo* 102.

68 Inácio de Loyola recomendava procurar "não se esquecer de si para atender aos outros, não querendo cometer o menor pecado para todo proveito apostólico possível (Carta 79, in *Obras Completas*, BAC, Madri, 1977, 835).

Pistas para a reflexão

1. Como vejo a vida religiosa? Parece-me adequado à realidade afirmar que a vida religiosa sofre de mal-estar? Em que me apoio?

2. É possível que possam conviver na vida religiosa fé e ateísmo prático, fé e agnosticismo consciente, fé e indiferença real? Qual é a minha experiência cotidiana na vida de comunidade? Que papel deve ser atribuído à formação?

3. A nova situação cultural, não exige dos religiosos uma nova forma de estar no mundo, uma nova espiritualidade? Como a definiria? Enumere três aspectos essenciais.

▶ Três opções estratégicas para favorecer a formação permanente

Juan J. Bartolomé, sdb

"Visto que a formação deve ser também comunitária, o seu lugar privilegiado, no caso dos Institutos de vida religiosa e das Sociedades de Vida Apostólica é a comunidade. Nesta, tem lugar a iniciação à dificuldade e à alegria de viverem juntos. Aí cada um aprende a viver em fraternidade com aquele que Deus pôs ao seu lado, aceitando as suas características positivas juntamente com as suas diferenças e limitações. De modo particular, aprende a partilhar os dons recebidos para a edificação de todos" (VC 67).

A comunidade religiosa é o lugar natural e o sujeito a ser privilegiado na formação permanente. Ela atua de forma natural no tecido de relações que surge da vida em comum e da missão compartilhada entre os consagrados e os colaboradores leigos.

Hoje, aparece em franca decadência um modelo de vida consagrada que se sustentava na vivência individualista do carisma e, sobretudo, da missão, e que favorecia a pretensão, quando não exigência, de ser cada um artífice e responsável último do próprio caminho de santidade. E, embora com não suficiente diligência, vai-se passando de uma 'vida em comum', sinalizada por lugares e horários compartilhados a uma 'comunidade de vida', que prioriza as relações fraternas e a aceitação cordial do outro. Assim como não basta ter o mesmo projeto apostólico, viver sob o mesmo teto, rezar e comer juntos, dispor também de tempos de distensão para socializar, tampouco é suficiente ter feito a mesma profissão, escolhido idêntica norma de vida ou pertencer a uma mesma Congregação para viver como irmãos.

Viver a fraternidade entre pessoas que não se escolheram, que assumem tarefas que eles mesmos não se deram, comporta experimentar a diversidade (social, cultural, racial, etc.), constatar limites e valores desconhecidos, gerir ainda conflitos inesperados, que podem – devem – ser a oportunidade para amadurecer como pessoa e como crente. Compartilhar vida e missão é espaço para o crescimento pessoal, já em si mesmo evangelizador e proposta vocacional, desde que aqueles que convivem se relacionem entre si com autêntica liberdade, com sadia alegria e profundo sentido de pertença.

1. A comunidade inspetorial

A apresentação que a nossa Ratio faz da comunidade inspetorial resulta inovadora e estratégica, como "comunidade formadora, mas também em formação":

> "É responsabilidade primeira da comunidade inspetorial no âmbito formativo *promover a identificação dos irmãos,* especialmente dos que estão na formação inicial, com a vocação salesiana, comunicando-lhe vitalmente. Não é indiferente, portanto, que ela se apresente intensamente motivada ou apática, vibrante na ação ou cansada. O clima de oração e de testemunho, o sentido de responsabilidade comum e a abertura ao contexto e aos sinais dos tempos, o viver com vigor espiritual e competência os vários empenhos da missão salesiana, o benefício de um ambiente que oferece cotidianamente critérios e estímulos de fidelidade, a rede de relacionamentos cordiais e de colaboração entre as comunidades, entre cada um dos irmãos, entre os grupos da Família Salesiana e com os leigos empenhados na comunidade: todos estes aspectos constituem o ambiente inspetorial para a formação dos irmãos".[1]

A tarefa formativa da Inspetoria, que "não é puro estado de ânimo nem só um fato de boa vontade... [mas] um princípio que organiza a vida da Inspetoria e envolve toda a sua realidade; partindo das exigências da consciência vocacional e da corresponsabilidade de todos pela missão,

1 FSDB 227.

traduz-se num projeto inspetorial formativo orgânico".[2]

Esta precisa orientação procura criar um ambiente em que se viva o que é apresentado nas casas de formação como ideal e o que se professa, numa palavra, tornar formativo o conjunto da vida inspetorial, de maneira que, embora aceitada a distância que pode haver entre o ideal proposto e a realidade vivida, mantenhamos a tensão para o que as Constituições propõem como Projeto e Regra de Vida.

2. A comunidade local

"A comunidade local é *"o ambiente natural de crescimento vocacional* [onde] o irmão se insere com confiança e colabora com responsabilidade. A própria vida da comunidade, unida em Cristo e aberto às exigências dos tempos, é formadora (Const. 99).

Como ambiente e sujeito coletivo de formação, a comunidade:

- promove uma rede de autênticos relacionamentos pessoais e de trabalho, e cria um clima que acompanha o crescimento de cada um;
- oferece uma pedagogia de vida, feita de partilha fraterna, impulso apostólico corresponsável, oração comum e estilo autêntico de vida evangélica, que se torna estímulo vocacional;
- demonstra uma atenção particular para o crescimento vocacional de cada irmão;
- favorece a sintonia com a vida da Igreja e da Congregação e a abertura ao envolvimento com a Família Salesiana e com os leigos;
- formula o próprio projeto formativo alinhado com o projeto inspetorial".[3]

"'A assimilação do espírito salesiano é fundamentalmente um fato de comunicação de vida' (Reg. 85) e tal comunicação possui como contexto natural a comunidade, local e inspetorial. Dom Bosco educador cultivou o relacionamento pessoal, mas aparece sobretudo como formador de um ambiente rico de relacionamentos e figuras educativas, de propostas e estímulos (momentos, intervenções, ritmos, celebrações, etc.), criador de um estilo e de uma pedagogia de vida, comunicador de um projeto para viver juntos, animador de uma comunidade com fisionomia clara e pontos de referência estabelecidos. A Comunidade de Valdocco, moldada segundo o Sistema Preventivo, oferece um ambiente acolhedor, orienta, acompanha, estimula e exige.

A consistência comunitária e a qualidade da comunidade como ambiente de formação salesiana constituem uma exigência metodológica determinante para o serviço de personalizar a formação. Não se trata evidentemente de uma formação vista como adaptação ou adequação a um lugar, mas de um ambiente que apresenta as condições para incidir qualitativamente no caminho vocacional e formativo da pessoa".[4]

"A comunidade local é o núcleo animador de um ambiente mais amplo e diversificado de vida salesiana e de formação em nível local, que é a comunidade educativo-pastoral, horizonte de partilha da missão e do espírito salesiano entre irmãos, leigos e jovens.

A comunidade educativo-pastoral é formativa enquanto:

---

2 FSDB 226.
3 FSDB 220, sublinhados originais.
4 FSDB 219.

- no intercâmbio entre os diferentes membros, o salesiano se abre a toda a riqueza da experiência vivida, particularmente do contexto e da cultura juvenil;

- no mesmo ato de comunicar a sua experiência de consagrado e de acolher o rico testemunho de vida e de fé dos leigos, ele se conscientiza da sua vocação e se sente desafiado a viver com maior fidelidade, maturidade e alegria.

Além dos programas de formação mútua e de conjunto, a comunidade toma consciência de que o empenho cotidiano na comunidade educativo-pastoral, com a rede de relacionamentos entre as pessoas e a sinergia operativa na elaboração, na execução e na verificação do PEPS, é um espaço privilegiado de autêntico crescimento e intensa formação permanente. Tal formação recíproca requer, naturalmente, do salesiano uma atitude de abertura e de respeito, e a capacidade de despertar confiança".[5]

3. O diretor, animador da identidade carismática e da missão apostólica

"O diretor representa Cristo que une os seus no serviço do Pai. Está no centro da comunidade, irmão entre irmãos, que lhe reconhecem a responsabilidade e autoridade.

Sua primeira tarefa é animar a comunidade para que viva na fidelidade às Constituições e cresça na unidade. Coordena os esforços de todos, levando em conta direitos, deveres e capacidades de cada um.

Tem igualmente responsabilidade direta em relação a cada um dos irmãos; ajuda-o a realizar sua vocação pessoal e o apoia no trabalho que lhe é confiado.

Estende sua solicitude aos jovens e aos colaboradores, a fim de que cresçam na corresponsabilidade da missão comum. Nas palavras, nos contatos frequentes, nas decisões oportunas é pai, mestre e guia espiritual" (Const. 55).

A tarefa do superior de uma comunidade salesiana é conservar a identidade e garantir a unidade, e pode articular-se em três modos de serviço:

3.1- Testemunha e gestor de uma experiência espiritual

Para exercer o governo numa comunidade de fé não basta a missão canônica; a autoridade deve basear-se na vivência pessoal do carisma e na identidade evangélica. Guia, por ser mestre de vida, o superior exerce um ministério que identifica e orienta, enfrenta situações novas e ilumina circunstâncias problemáticas. Ao superior cabe liderar o projeto evangélico que realiza a missão de sua comunidade. Deverá estar presente na vida ordinária, intervir frequentemente, comentar o que está ocorrendo e interpretá-lo a partir do evangelho e do carisma próprio. Deverá recordar, com sua vida mais do que com suas palavras, que Deus tem o primado na vida comum e favorecerá um governo que marca sua credibilidade e eficácia com o testemunho pessoal.

Este serviço é oferecido quando:

- se exorta à santidade, recordando o evangelho e as Constituições, a figura do Fundador e suas opções;

- se motiva os irmãos na busca, pessoal e comunitária, do *sentido* e dos *modos* de realizar a vida consagrada;

5 FSDB 221, sublinhados originais.

- se recorda o projeto evangélico que anima a vida comunitária e se ajuda cada membro a assumi-lo plenamente;

- se fala da beleza da vida consagrada, da eficácia humanizadora dos votos, do valor evangelizador da vida de comunidade, do magistério eclesial de uma vida de oração.

Isso requer de quem exerce autoridade a submissão ao Espírito, que leva mais além da simples observância de normas e regulamentos, e a 'discrição de espírito', que ajuda a distinguir o essencial do acessório. Pode ajudar a opinião de Santo Agostinho: nas coisas fundamentais, unidade; nas contingentes, liberdade; em tudo, caridade.

3.2- A serviço da santificação dos irmãos

Santificar é 'reservar' algo/alguém para Deus, o Santo. O superior que se presta a apoiar a santidade de seus irmãos há de ter uma profunda experiência espiritual, conhecer suas etapas, seus requisitos prévios e suas dificuldades mais habituais. Não poderá evitar exercer o ministério de autêntico guia espiritual. Isso envolverá:

- criar na comunidade um clima de intensa vida de oração: não só, nem principalmente, organizando a oração comunitária (as práticas de piedade regulamentares), cujo centro é a eucaristia, mas promovendo – convencendo e capacitando – os irmãos para que cultivem uma autêntica vida pessoal de oração e um frequente intercâmbio de experiências;

- converter a vida de comunidade num espaço de fraternidade onde reina o perdão de Deus (sacramento da penitência) e do irmão (correção fraterna). E onde se põe à disposição de todos os dotes pessoais, todos se responsabilizam pela resposta vocacional de cada irmão e compartilham as aspirações mais íntimas do próprio itinerário espiritual;

- oferecer um testemunho simples e crível de vida consagrada e de serviço apostólico.

3.3- Orientador e guia da comunhão

Liderar uma comunidade de consagrados envolve projetar, acompanhar, tutelar e, se fosse necessário, dirigir para garantir sua unidade e o serviço comum. Mais do que consentir, exorta; exige sem repreender, lidera sem impor, escuta, dialoga e toma decisões; fomenta um pluralismo sadio, que permite as diferenças sem comprometer a unidade de vida; promove a comunhão sem se situar fora, muitos menos, contra seus irmãos. A tarefa do diretor é não se dobrar às maiorias, mas garantir a fidelidade a Deus e à vivência do carisma. Sem capacidade de discernimento não parece possível exercer liderança na vida cristã. Preside 'na caridade' não como simples porta-voz ou mero coordenador, mas promovendo a busca da vontade de Deus mediante processos abertos e participados por todos. Isso requer:

- criar um ambiente comunitário no qual a busca da vontade de Deus seja tarefa prioritária e ação normal, em que se descubra com facilidade o bem que existe ou se está fazendo, em que as normas brotam do evangelho e a obediência, da caridade;

- valorizar cada pessoa e integrar os diversos carismas e qualidades pessoais num projeto comum, pensado por todos e assumido por todos, que evite tanto as tensões no grupo e a automarginalização do indivíduo;

- interessar-se pessoalmente por cada irmão, privilegiando os mais frágeis, conhecendo suas necessidades e envolvendo-se para dar-lhes uma resposta adequada.

É fundamental que o líder comunitário aprecie e valorize a liberdade e a disponibilidade com que cada irmão de sua comunidade se entregou a Deus ao assumir a missão da Congregação. Não ter a ousadia de pedir a um irmão que aceite a forma de vida e a missão apostólica é não crer na livre entrega de si que fez no dia da sua profissão. Recordá-lo é exercer a autoridade que lhe foi confiada.

▶ Iluminações sobre o acompanhamento Pastoral Salesiano

Sobre o acompanhamento na pastoral juvenil vêm-se falando há muito tempo; lembro-me que, ao menos antes de 1995, o CELAM-SEJ para a América Latina e o Caribe na "Civilização do Amor Tarefa e Esperança" já dava algumas orientações; atualmente continua a ser não só um tema a tratar e atualizar segundo as condições culturais sociais e religiosas vividas pelos jovens de hoje, como também uma urgência a atender e uma atitude a concretizar nos educadores-pastores de hoje.

Já tinhas ouvido falar disso... quando e como foi, quais os efeitos pastorais que recordas...?

No novo contexto social, cultural e religioso, precisamos de testemunhas que acompanhem a experiência de fé de outros. Percebemos sempre mais na pastoral a necessidade de acompanhar os processos de fé.

1. O acompanhamento no magistério de Francisco

Também a Igreja se move nessa direção.

O Papa Bento XVI afirmou que "a educação cristã procura acompanhar para o encontro entre duas liberdades". Referia-se primeiramente ao encontro de Jesus com cada pessoa. Afirmava que não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida, e com isso, uma orientação decisiva (DC1). Ele também falava da relação educativa que é substancial no processo educativo no qual se produz um verdadeiro encontro de duas liberdades, do educador e de cada educando. O Papa Bento XVI propunha a necessidade de dar maior importância à dimensão íntima da pessoa, à personalização e ao acompanhamento. Concluía afirmando que, afinal, precisamos chegar à pessoa concreta em sua intimidade.

Em seu magistério, o Papa Francisco fala sobre o tema na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (EG). Usa-o em sentido amplo e em sentido estrito. Na primeira parte da Exortação, Francisco referindo-se ao acompanhamento pastoral, diz que acompanhar é uma das ações da Igreja em saída. As outras são "primerear" [dar prioridade], envolver-se, frutificar e festejar (EG 24). Afirma que "a comunidade evangelizadora se dispõe a acompanhar. Acompanha a humanidade em todos os seus processos por mais duros e prolongados que sejam. Conhece longas esperas e resistência apostólica" (EG 24). Francisco propõe acompanhar com misericórdia e paciência as etapas possíveis de crescimento das pessoas que se vão construindo dia a dia (EG 44).

Quanto ao anúncio do Evangelho, nos números 169 a 173, utiliza muitas vezes a palavra acompanhamento. Francisco propõe o acompanhamento pessoal para os processos de crescimento. Afirma que:

- a Igreja tem a responsabilidade de iniciar os sacerdotes, religiosos e leigos na arte do acompanhamento;

- precisamos dar ao nosso itinerário o ritmo de alguém que cura o próximo, com uma visão respeitosa e cheia de compaixão, mas que ao mesmo tempo seja sadia, livre e anime o amadurecimento na vida cristã (cf. EG 169);

- mediante o acompanhamento pessoal podemos ajudar para que as pessoas caminhem sempre mais para Deus em quem podemos alcançar a verdadeira liberdade (cf. EG 170);

- o acompanhamento seria contraproducente caso se convertesse numa espécie de terapia que fomente o fechamento das pessoas em sua imanência e deixe de ser uma peregrinação com Cristo ao Pai (cf. EG 170);

- precisamos de acompanhantes que, a partir da própria experiência, conheçam os processos onde sobressaem a prudência, a capacidade de compreensão, a arte da espera, a docilidade ao Espírito (cf. EG 171);

- os acompanhantes, por se terem deixado acompanhar, estão capacitados para despertar confiança, abertura e disposição para crescer (cf. EG 172).

A mesma Exortação EG propõe o acompanhamento pessoal nos processos de crescimento pessoal. Com essa finalidade, propõe exercitar-se na arte de escutar, que torna possível poder encontrar o gesto e a palavra oportuna em cada situação. Com o acompanhamento pessoal podemos oferecer "itinerários de crescimento, o estímulo ao desejo do ideal cristã, as aspirações de responder plenamente ao amor de Deus e o anseio de desenvolver o melhor que Deus semeou na própria vida" (EG 271).

Por sua vez, em *Amoris laetitia* (AL), o acompanhamento pastoral é uma das propostas que o Papa faz para atender pastoralmente ao matrimônio e à família em nossos tempos. Afirma que "a Igreja quer chegar às famílias com humilde compreensão e seu desejo é acompanhar cada uma e todas as famílias para que possam descobrir a melhor maneira de superar as dificuldades encontradas em seu caminho" (AL 200).

No início da Exortação, o Papa reconhece que a Igreja nem sempre soube acompanhar os novos casais (AL 36) e propõe oferecer "espaços de acompanhamento e assessoria sobre questões relacionadas com o amor, a superação dos conflitos ou a educação dos filhos" (AL 38).

No capítulo oitavo trata da fragilidade e propõe três ações: Acompanhar, Discernir e Integrar (Cf. AL 291-312).

Recentemente, o Papa Francisco convocou o Sínodo de 2018 sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional, que tem por objetivo: "acompanhar os jovens para a maturidade, de modo que através do processo de discernimento, possam descobrir seu projeto de vida e participar ativamente na edificação da Igreja e da sociedade"; sem dúvida é um grande estímulo para a Pastoral Juvenil Salesiana, e em particular para o acompanhamento pastoral que fazemos.

Este é o itinerário... (PPT)

No dia 28 de janeiro passado, no encontro da vida religiosa, o Papa Francisco insistiu no acompanhamento, agora, no processo vocacional (texto do discurso do Papa Francisco na assembleia dos religiosos sobre a vida consagrada).

Como vemos, o Acompanhamento vai adquirindo relevância no pontificado do Papa Francisco. Apresento aqui algumas iluminações que possam ajudar a compreender melhor o acompanhamento pastoral salesiano e sobretudo algumas pautas para praticá-lo em nossa ação pastoral.

2. O acompanhamento na Pastoral Juvenil Salesiana

A. QUADRO REFERENCIA DA PASTORAL JUVENIL SALESIANA

Na última versão do "Quadro Referencial da Pastoral Juvenil Salesiana" CAPITULO V **COMUNIDADE EDUCATIVO-PASTORAL: FAZER DA CASA UMA FAMÍLIA PARA OS JOVENS**

«Jesus se aproximou e caminhava com eles» (lc 24,15)

1.2 A animação da CEP, afirma-se que:

A CEP, mais do que estrutura ou instituição consolidada, é um organismo vivo, que existe na medida em que cresce e se desenvolve. Por isso, não se deve cuidar apenas da sua organização, mas, sobretudo, desenvolver a sua vida. Em toda CEP é preciso garantir a promoção e o cuidado das múltiplas modalidades de animar, de acompanhar as pessoas. Por esse motivo, podemos falar de um original *acompanhamento pastoral salesiano.* Acompanhamos as pessoas em diversos níveis, mediante o ambiente geral da CEP, os grupos e a relação pessoal – acompanhamento pessoal.

a) Acompanhamento do ambiente

Em primeiro plano, acompanha-se, antes de tudo, construindo o ambiente educativo. Nele, de um lado, os jovens se sentem *em casa,* e de outro, em clima de apoio, de circulação de ideias e afetos, recebem propostas educativas que os estimulam a fazer escolhas e empenhar-se. O

ambiente da CEP oferecido numa obra salesiana deve ser entendido, primeiramente, nos aspectos mais externos e operativos, isto é, **na sua organização e coordenação:** qualidade e adequação dos processos informativos e de comunicação tanto no interior como no exterior da CEP; envolvimento dos esforços de todos nos processos formativos; respeito dos papéis, funções e contribuições específicas das diversas vocações; presença real de espaços para a participação na elaboração, realização e revisão em comum do PEPS; intencionalidade educativo-pastoral dos objetivos, conteúdos oferecidos e realizações das diversas equipes.

O jovem, para amadurecer, deve criar relações educativas e de **identificação com diversas figuras de adultos** na CEP. Cada uma dessas pessoas dá a própria contribuição e deixa o sinal da própria personalidade e competência. Devem-se garantir na CEP relações abertas, com figuras diversificadas que promovam relações personalizadas entre o mundo dos adultos e o mundo dos jovens, relações que vão além das relações puramente funcionais e favoreçam relações fraternas, de respeito e interesse pelas pessoas. É o princípio da assistência salesiana.

Enfim, o ambiente deve favorecer o esforço constante da **formação permanente de qualidade** em níveis diversos – espiritual, cristão e salesiano – pois a CEP não é apenas sujeito, mas também objeto da pastoral juvenil. Com essa finalidade, devem-se ativar itinerários de formação para todos; a proposta educativo-pastoral deve ser desenhada não só para os jovens, mas inspirar um itinerário para os adultos (leigos e salesianos em comum) que, além de lhes permitir viver "para" os jovens, ajudem-nos a crescer "com" os jovens, a ritmar os próprios passos com os das novas gerações.

b) Acompanhamento do grupo

Todas as pessoas que participam da CEP entram em contato com uma única proposta de vida e espiritualidade. De algum modo, caminham percorrendo um único itinerário, em cujo interior são privilegiados **diversos lugares educativos e religiosos.** Um deles é o dos grupos. Estes acompanham as pessoas justamente se preocupando com a gradualidade e a diferenciação, no interior de um único caminho, para responder aos diferentes interesses das pessoas. São harmonizadas em nível pessoal as diversas pertenças numa forma de aprendizado ativo, no qual se recorre à experimentação, à busca, ao protagonismo, à invenção e reexpressão de iniciativas. São sinais de vitalidade que permitem aos jovens elaborar os valores com as categorias culturais às quais são mais sensíveis. Os grupos podem ser para os jovens o lugar no qual as suas expectativas entram em contato com as propostas de valor e de fé e, sendo envolvidos de forma leal na descoberta dos valores, eles os assimilam vitalmente.

Ajudam os jovens a encontrar mais facilmente a própria identidade e reconhecer e aceitar a diversidade dos outros, passagem quase obrigatória para amadurecer *a experiência de comunidade e de Igreja.*

O acompanhamento através dos **grupos ajuda a crescer no sentido de pertença** à CEP. Cada grupo deve reconhecer o seu envolvimento na CEP, sua referência maior. Os grupos, ao serem propositivos, estabelecem uma mediação entre a grande massa, na qual se corre o risco do anonimato e da solidão exasperada fechada em si mesma. À medida que o grupo se consolida internamente, interage positivamente com a CEP intercambiando propostas, intuições e expectativas, e favorecendo a participação afetiva nos seus momentos e símbolos.

c) Acompanhamento pessoal

Surge uma terceira tarefa: **acompanhar cada membro da CEP em seu crescimento humano e cristão e em suas opções mais pessoais.** Isso comporta que se alcance a pessoa na sua individualidade, "face a face", mesmo quando ela está ativamente inserida num ambiente ou num grupo. A práxis pedagógica de Dom Bosco sempre uniu ao encontro em todos os momentos sugestivos a participação em comum no pátio, a palavrinha pessoal *"ao ouvido",* o diálogo personalizado. O objetivo do itinerário desta *pedagogia do "um por um"* é a autenticidade pessoal.

A vida dos membros da CEP não se esgota no ambiente ou no grupo, mesmo que neles as experiências sejam decisivas. *O encontro-colóquio tem valor e função específicos.* O diálogo restabelece atitudes pastorais, como vemos no encontro do menino João Bosco com o padre Caloso ou o colóquio de Dom Bosco com o padre Bartolomeu Garelli. A ação salesiana quer despertar no jovem a colaboração ativa e crítica ao itinerário educativo, na medida de suas possibilidades, escolhas e experiências pessoais: busca de motivações fundamentais para a vida; necessidade de clareza num determinado momento; desejo de diálogo e discernimento; interiorização das experiências cotidianas, para decifrar suas mensagens; confronto e instância crítica; reconciliação consigo mesmo e recuperação da calma interior; consolidação da maturidade pessoal e cristã. Os tempos dessas opções e experiências não são os mesmos em todos os jovens e nem são iguais as situações e decisões diante das quais os jovens se encontram. O acompanhamento realiza um serviço educativo-pastoral em relação aos indivíduos, valorizando a sua vivência pessoal, *e faz da vida o tema central do diálogo educativo e espiritual.*

A CEP oferece muitas possibilidades de comunicação pessoal. O **único objetivo é alcançar uma gama variada de modalidades, circunstâncias e intervenções**. Os momentos espontâneos e informais de participação são os mais frequentes. Outros, porém, mais sistemáticos, são indispensáveis. Entre estes, a *direção espiritual,* em que se consolida a fé como vida em Cristo e sentido radical da existência. Ela ajuda a discernir a vocação pessoal de cada um na Igreja e no mundo e a crescer constantemente na vida espiritual até a santidade.

O jovem, sentindo o peso da multiplicidade de propostas que o alcançam e o esforço interior de ter de avaliá-las em vista do próprio desenvolvimento, deseja um espaço – afetivamente cheio, mas respeitoso da sua liberdade – que lhe permita "respirar", interrogar-se, exercitar a própria responsabilidade; espaço onde encontrar apoio para poder apropriar-se pacientemente de si mesmo. Trata-se, a rigor, de uma demanda de educadores, de guias, de **figuras educativas capazes de realizar o acompanhamento pessoal.**

A CEP deve oferecer ocasiões e possibilidades de diálogo "face a face"; ela não pode ser surda à demanda desse espaço. Isso exige que se garantam **tempos e lugares** nos quais a comunicação pessoal não seja nem negada nem apressada. A preocupação com a dimensão pessoal garante oxigênio à CEP, criando ocasiões para que cada um analise a própria vida e se torne ciente da própria orientação. Sente-se como sempre mais urgente a necessidade de *pessoas dispostas à escuta* e à acolhida respeitosa das confidências, sem nunca invadir a intimidade da consciência. Precisa-se de pessoas que tenham o dom da escuta e aceitem a responsabilidade educativa de assistir os jovens, particularmente no seu esforço de crescimento. Caminhar ao lado do jovem para ajudá-lo a individuar o seu caminho é uma experiência humana e de fé que deixa uma marca permanente em sua vida.

B. O QUE É O ACOMPANHAMENTO PASTORAL SALESIANO? NO QUE SE CARACTERIZA?

O acompanhamento pastoral, como é entendido na pastoral juvenil, situa-se num quadro amplo em busca de um objetivo concreto. O objetivo buscado é acompanhar a vida do jovem a partir de um amplo quadro traçado pelas instâncias externas e internas de uma pessoa. Por isso, podemos falar tanto de acompanhamento de pessoas como de acompanhamento de grupos, estruturas e projetos.

A pastoral juvenil quer acompanhar os jovens em seu crescimento vital e, por isso, propõe entre outras ações a escuta, a ajuda, a orientação, o conselho, o apoio nos momentos de dificuldade, a oferta de propostas de crescimento, o acompanhamento dos processos educativos.

O acompanhamento é um dos elementos que não devem faltar no itinerário de amadurecimento na fé dos jovens; é uma opção metodológica da Pastoral Juvenil Salesiana na personalização da educação na fé. A transmissão da fé será pelo testemunho humilde e de pessoa a pessoa servindo-se

das mediações mais adequadas para que o processo seja eficaz. O acompanhamento pressupõe um trato personalizado à maneira do Evangelho.

Trata-se de exercer uma paternidade carismática como a de Dom Bosco que, com lucidez e criatividade espiritual orienta a compartilhar com os jovens o caminho de um sólido acompanhamento na fé com o ardor do entusiasmo pela missão juvenil e a alegria interior de uma entrega total à causa do Reino, oferecendo-lhes um ambiente rico de valores, de relações, fundado na confiança recíproca, segundo a liberdade interior.

É preciso acompanhar os jovens, um por um, educá-los numa experiência simples e profunda de Deus, propondo-lhes uma pedagogia encarnada no cotidiano, abrir-lhes horizontes e torná-los responsáveis pelo seu projeto pessoal ou grupal. Para tanto, é importante valorizar o ambiente e sua experiência de acompanhamento que os insira na comunidade, permitindo cultivar as relações de vida e trabalho, a participação fraterna e o encontro espiritual evitando o isolamento e a falta de comunicação (pode-se comentar as tendências atuais na comunicação).

Este processo de acompanhamento é experiência de vida para o educador e o levará à autoestima e a valorizar a sua própria vocação fazendo-o crescer nela de maneira serena e madura.

Destacam-se no acompanhamento, sobretudo: a presença personalizada do acompanhante, a qualificação do acompanhamento pessoal, momentos periódicos de avaliação, com o qual se garante a sua qualidade, e a riqueza de uma vida sacramental dirigida principalmente à vivência da Eucaristia e do sacramento da Reconciliação, que dão a possibilidade de um acompanhamento prático personalizado e enriquecido pela eficácia própria do sacramento.

O acompanhamento exige disponibilidade, dedicação, consciência de ser mediadores da ação do Senhor, atitude espiritual e perspectiva de fé, ótica vocacional, critérios de discernimento e sensibilidade pedagógica, que favoreça um clima de liberdade, e atenção à pessoa no seu ritmo de amadurecimento.

É necessário preparar agentes de pastoral, educadores que ofereçam esse serviço cuidando da convergência de critérios e a continuidade do processo de acompanhamento ao longo do itinerário formativo.

O acompanhamento do jovem situa-se no âmbito da animação, evitando dois extremos: um, forçar quem está crescendo, impondo-lhe de fora uma experiência alheia, de forma diretiva impedindo-o de assumir sua responsabilidade; outro é a indiferença, que deixa tudo à espontaneidade, ao subjetivismo e à renúncia a aconselhar, propor e corrigir; reafirma a capacidade de acolhida e de atenção à pessoa, mas bloqueia a comunicação e a responsabilidade pessoal.

Atento à meta e tendo presente a realidade da pessoa e o seu ritmo de crescimento, o acompanhante:

- introduz o jovem no conhecimento de si, na percepção de sua realidade e seus valores,

- ajuda-o a aceitar-se e possuir-se,

- leva-o a desprender-se do que que o afasta de Deus e dos valores da sua vocação,

- orienta-o a buscar a vontade de Deus nas circunstâncias concretas e a ver sua vida nessa perspectiva,

- estimula-o a organizar progressivamente a sua existência segundo o projeto pessoal de vida.

Por isso, o acompanhamento pastoral sério e personalizado é necessário para que cada um possa assumir e interiorizar os conteúdos de sua identidade vocacional, o processo de seu amadurecimento. Amizade solícita, clima de família, simplicidade, bondade, promoção da dignidade de toda pessoa são, para o acompanhado, uma experiência realmente original, um testemunho válido.

Em qualquer idade é possível surgir situações particulares ou momentos que requerem uma nova referência aos valores e às motivações da existência. Acontecem causas externas (dificuldades no estudo, trabalho, família, grupo de amigos) ou por causas internas (doença, problemas de relacionamentos interpessoais, falta de motivação, novos estímulos espirituais, aridez, crise de fé ou de identidade, etc.), a caridade pastoral e a atenção do acompanhante ou da comunidade intuem

esses momentos antes do inevitável (preventividade), e oferecem-lhe com delicadeza e oportunidade a compreensão, o apoio, a confiança e o necessário acompanhamento. Esses momentos vividos positivamente podem transformar-se em ocasiões de crescimento e fortaleza espiritual. Puebla, III Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribe n. 1184, afirma: "Para que a Igreja possa ser acompanhante no caminho da fé dos jovens na América deverá reconhecer-se como um povo com coração de pobre, contemplativo, em atitude de escuta e de discernimento evangélico, construtor de paz, portador de alegria e de um projeto libertador integral a favor, sobretudo, dos jovens, com os quais caminha em diálogo rico e esperançoso".

3. A identidade e o carisma do Acompanhante Salesiano

Ser acompanhante é um carisma. Nem todo agente de pastoral é um acompanhante pessoal ou espiritual. É necessário esclarecer que ser acompanhante é sobretudo um carisma que se recebe, acolhe, desenvolve e exerce. Nós acompanhantes somos apenas colaboradores de Deus em sua missão. Nós sacerdotes, religiosos e leigos recebemos esse carisma. A tarefa da Pastoral Juvenil Salesiana é ajudar a descobrir e desenvolver esse carisma.

O acompanhante é uma testemunha com experiência de vida cristã, é capaz de colocar-se ao lado do acompanhado, atento à sua pessoa. É um educador seguro, consciente do seu serviço, responsável, prestigioso, não autoritário, que estabelece um verdadeiro diálogo com o jovem. É um educador que, com maturidade, acompanha os processos com muita paciência, mas também sabe retirar-se no momento certo.

É claro que esse perfil precisa de uma boa formação intelectual e espiritual; deve ter boas bases psicológicas, biológicas, espirituais e pastorais; deve chegar ao profundo da pessoa. Trata-se de uma formação fundamental e contínua em todos os níveis de solidez humana, intelectual, cultural, espiritual e teológica. Deve ser uma formação sistemática integral e completa com a finalidade de atender mais e melhor as necessidades dos jovens destinatários. São necessários processos formativos bem planejados e desenhados.

Proponho, então, um esquema para esta formação.

4. Perfil do Acompanhante Salesiano de Jovens

DIMENSIÓN	VALORES	ACTITUDES
TEOLOGICO - PASTORAL	COMUNION	Caritativo, colaborador y participativo, plural, tolerante, vinculante, flexible
	CONTEMPLACION	Abierto al Espíritu, discerniente, orante
	ENCARNACION	Cercano, fraterno, inculturado
	F E - E S P E R A N Z A - CARDIDAD	Conversion, testimonio, denuncia profética, caridade pastoral
PSICO-AFECTIVA	AMISTAD	Comprensivo, flexible, empático, leal, respetuoso
	AUTENTICIDAD	Libre, transparente y congruente.
	IDENTIDAD	Seguro, se conoce asi mismo, con autodomínio.
	ASERTIVIDAD	Libre, aberto y cinsero
SOCIO-CULTURAL	COMPROMISO	Responsable, interessado por el otro, constante.
	SOLIDARIDAD	Sensible, dispuesto a ayudar, compartido
	JUSTICIA	Equitativo, enfocado al bien comun, lúcido y crítico

PEDAGOGIA	**SABIDURIA**	**En búsqueda, discernimento, dialogante.**
	SERVICIO	**Disponible sencillo humilde y desinteressado**
	F O R M A C I O N CONSTANTE	**Aberto, profundo, siempre en proceso**

▶ Acompanhar vocações, um desafio!

Papa Francisco (ACI digital)

O caminho feito por um (a) vocacionado (a) nos desafia como animado- res(as) vocacionais a encontrar sempre melhores formas de acompanhá-lo(a). Podemos dizer que acompanhar jovens vocacionados (as) é um verdadeiro caminho para a santidade, é uma responsabilidade que nos compromete, nos envolve e nos desafia a viver em grande missão. Esta dimensão do acompanhamento como missão nos pede esforço e sensibilidade pessoal para entender a presença constante de Deus em toda a caminhada percorrida entre o animador e o vocacionado. Segundo José Lisboa[1] "de modo geral tudo é divina vocação no mundo. Vocação à vida. Vocação à fé. Vocação à santidade. Cada ser e cada estado digno do ser corresponde a uma divina vocação".

A reflexão a seguir deseja justamente aprofundar e ampliar nossa reflexão acerca do perfil de quem acompanha jovens vocacionados(as). É importante compreender que, antes de qualquer conteúdo, é fundamental que na missão sejamos profundamente humanos, dinâmicos e criativos no acompanhamento de jovens vocacionados(as).

Partindo dessa perspectiva, e sabendo das diversas realidades que nos interpelam e nos desafiam, é importante que estejamos conscientes do nosso grande desafio de acompanhar. "Só existe acompanhamento vocacional para quem deseja ser acompanha- do, ou seja, o vocacionado deve querer ser acompanhado; ele deve sentir que isso é necessário no processo". Isso pode nos consolar e ao mesmo tempo nos alertar da tamanha responsabilidade de acompanhar um(a) jovem que está construindo (pensando) seu Projeto Pessoal de Vida. "É preciso educar o jovem e a jovem para terem um projeto de vida".

Em um trabalho de discernimento vocacional com grupos de jovens, o ultimo passo a ser dado será o de ajudar os seus membros a tomar consciência de que Deus tem um plano para cada pessoa, ou seja, Deus chama cada jovem para um serviço especifico na Igreja e para a construção do Reino.

É fundamental que durante o processo vocacional o(a) animador(a) vocacional ajude a pessoa que está sendo acompanhada a organizar o seu Projeto Pessoal de Vida. Este acompanhamento não pode criar dinamicidade que sufoque o(a) vocacionado(a). Essas estratégicas não alimentam o espírito de liberdade, nem mesmo estimulam o(a) vocacionado(a) a apresentar-se por inteiro, trazer seus verdadeiros sentimentos e lidar com transparência no processo de acompanhamento.

É importante que durante a caminhada vocacional os(as) jovens tenham acompanhamento vocacional. Este acompanhamento é pessoal e ao mesmo tempo grupal, são elementos complementares e fundamentais ao discernimento vocacional; o acompanhamento é sobretudo uma relação de ajuda entre o(a) animador(a) vocacional e o(a) vocacionado(a).

Outra dimensão importante é compreender que o acompanhamento não está única e exclusivamente ligado ao ato de conversar. A palavra, por si, já demonstra toda a sua intensidade. Acompanhar é conhecer *"estar ou ficar junto a (alguém), constantemente, ou durante certo tempo. Conviver ou compartilhar situações com, ou ser companheiro"*.2

Acompanhar, portanto, é assumir o compromisso de fazer caminho ao lado do(a) vocacionado(a), respeitá-lo(a), conhecendo suas raízes, seu contexto social, sua família, seus desejos, seus desafios, suas conquistas. Só podemos acompanhar quando nos envolvemos por inteiro, quando temos possibilidade de contribuir significativamente na vida do(a) vocacionado(a).

O acompanhamento, por conseguinte, é uma missão. Não deve ser para qualquer pessoa, mas para aqueles e aquelas que estão dispostos e de coração aberto a desenvolver habilidades capazes de conduzir processos; capazes de assumir o verdadeiro compromisso de ajudar o(a) jovem na construção de si mesmo(a) e de seu projeto pessoal de vida. O grande desafio de acompanhar supõe que estejamos, por inteiro, focalizados em quem vamos acompanhar; dispostos a *"ser eternamente responsáveis pelo que cativamos"* .

1

2

1. O (a) animador (a) vocacional e o processo vocacional

No itinerário vocacional, compreendemos que, para se fazer opção de vida, é necessário vivenciar um caminho, com processos que tenham tempo suficiente de discernimento. O (a) animador (a) vocacional, por sua vez, compreende esse tempo e deve respeitar cada momento vivenciado pelo(a) vocacionado (a). A palavra sensibilidade é fundamental nesse caminho. O (a) animador (a) deve ajudar o (a) vocacionado (a) a viver com intensidade o pro- cesso vocacional, sobretudo os sentimentos inquietantes, as tantas dúvidas e os desafios. Tudo isso é fundamental que seja vivido com intensidade pelo (a) vocacionado (a).

Podemos considerar como uma armadilha a atitude do (a) animador (a) vocacional que resolve os sentimentos inquietantes, responde às tantas dúvidas e vive pelos (as) vocacionados(as) tantos desafios que aparecem no pro- cesso. Somos tendenciosos (as) quanto a isso. Quando aparece um problema na vida de uma pessoa que acompanhamos, imediatamente apontamos a solução. Quando aparece um desafio, imediatamente apontamos o caminho para se resolver logo. Quando há dúvidas quanto a escolhas vocacionais, por exemplo, já direcionamos os (as) jovens para tal vocação específica.

O (a) verdadeiro (a) e significativo (a) animador (a) vocacional é aquele (a) que compreende o contexto em que vive o (a) jovem e o (a) ajuda a viver essa fase, para que ele (a) mesmo (a) encontre respostas para seus sentimentos, seus desafios e suas dúvidas. Por isso, é importante vivenciar cada passo do processo vocacional.

A sensibilidade do (a) animador (a) vocacional deve também ser "elástica", ou seja, podemos dizer que nosso acompanhamento deve ser flexível. A flexibilidade, por sua vez, nos interpela a entender o caminho que o (a) jovem está fazendo. Nessa dinâmica, devemos saber o melhor momento para ajudar o (a) vocacionado(a) a dar passos concretos no processo.

É fundamental que estejamos atentos (as) aos momentos tocantes vivenciados por eles (as), e perceber onde podemos contribuir, de forma construtiva, questionadora e transformadora. Eis o desafio para um (a) animador (a) vocacional: conhecer a realidade, conhecer o (a) jovem e, diante disso, ajudá-lo (a) na elaboração de seu projeto pessoal de vida.

Quem trabalha com jovens vocacionados e sabe que a vocação é, antes de tudo, chamamento divino, não se deixa levar pela aparência. Procura discernir com muito cuidado os sinais de vocação para ver se são realmente autênticos, pois nem sempre eles são expressão da vontade de Deus. Às vezes, quando bem verificados podem manifestar desequilíbrios. Por si só não são suficientes. Por isso mesmo, o animador ou a animadora vocacional terá de verificar se se trata de um verdadeiro chamado ou de uma fuga, da busca de compensações ou coisa semelhante, uma vez que nem sempre certos sinais, como o espirito de oração e a disponibilidade, podem ser tomados como sinais claros de que Deus chama de imediato uma vocação.

2. Ser convicto (a) da própria vocação, para acompanhar

Acompanhar jovens vocacionados (as) nos interpela a que sejamos convictos (as) do que somos, do que fazemos e do que vivemos. A convicção nos coloca na situação de referência. É natural,se somos convictos (as), muitos nos procurarem para entender de onde vem tamanha convicção.

As pessoas convictas estão por inteiro no exercício da vida. Certamente porque confiam em si mesmas e, quando fazem algo, estão por inteiro. Para o (a) vocacionado (a) em processo é fundamental a presença de uma pessoa convicta em sua vida. Porque tal pessoa tem a grande missão de contribuir em sua caminhada vocacional, mas também de ajudá-lo (a) a fazer esse caminho de descoberta relacional, consigo mesmo (a), com o outro, com a sociedade e com Deus.

Vocação é graça. Todo o processo vocacional também o é, tanto para quem acompanha, quanto para quem é acompanhado. É exatamente por isso que esse processo merece cuidado especial. É nele que se pode observar a forma como Deus vai agindo naquele que recebe o chamado e como

pessoa vai elaborando sua resposta vocacional.[3]

Diante disso, compreendemos que a convicção da vocação é justamente a certeza de que Deus está presente em nossa vida. Se há convicção é porque há liberdade, felicidade, amor, responsabilidade, carinho e muita inteireza no que se vive vocacionalmente. Certamente, é nesse mistério da presença de Deus que encontramos nossa convicção nas escolhas vocacionais de nossa vida. Tendo isso como pressuposto, certamente teremos grande possibilidade de ajudar outros (as) a também serem convictos (as). A convicção, portanto, é o maior testemunho do (a) animador (a) vocacional.

A animação vocacional exige dos cristãos e cristãs um testemunho autêntico de vida (Mt 10,32-33). Este testemunho deve ser traduzido concretamente na prática do amor e do serviço. Somente o amor (Jo 13,35) e na diakonia (Jo 13,12-18; Mc 10,32-33) os homens e as mulheres conhecerão que somos discípulos de Cristo. O amor, porém, não pode ser reduzido a palavras, mas deve ser traduzido em ações e em verdade (1 Jo3,18). Era uma característica forte dos primeiros cristãos: união, oração, partilha dos bens, simplicidade, coragem, vida de ação de graças. (At 2,42-47; 4,32-37).

Por essa razão, nossa missão é grande porque, para além de animadores (as) vocacionais, somos sinais da presença de Deus na vida das pessoas. Isso nos faz crer que todo e qualquer processo vocacional deve ter muito amor, cuidado, atenção, carinho e cumplicidade entre quem acompanha e quem está sendo acompanhado (a). Para tanto, estejamos atentos aos aspectos e dimensões elencados abaixo.

São dimensões importantes a serem vivenciadas pelo (a) vocacionado (a) durante o processo vocacional. Como a caminhada de discernimento vocacional é longa, tem grandes experiências e profundos momentos de auto compreensão do processo, é importante ser considerado que o (a) jovem esteja:

- participando ativamente dos encontros do grupo vocacional;
- vivenciando momentos intensos de atividades (missão, retiro, dinâmicas, oração, engajamento eclesial etc.;
- acolhendo a experiência e entendendo o processo a partir das etapas vocacionais;
- aprofundando o conhecimento e o amor ao Senhor, que se revela para cada pessoa e para a comunidade;
- cultivando atitudes e capacidades adequadas à sua vocação;
- buscando discernir os apelos de Deus em sua vida;
- elaborando seu Projeto Pessoal de Vida e colocando em prática suas convicções pessoais;
- vivendo o momento de acompanhamento vocacional livremente.

O acompanhamento vocacional deve ajudar o(a) vocacionado(a) a tomar consciência de suas reais motivações vocacionais e a conquistar autonomia nas decisões, discernindo o plano de Deus em sua vida, de forma a amadurecer sua resposta. Para isso, é fundamental que o(a) animador(a) vocacional tenha:

- entendimento de que a escuta ao chamado de Deus acontece no contexto em que o(a) vocacionado(a) está inserido(a);
- aproximação da realidade daquele(a) a quem quer e deseja falar, para favorecer um dizer contextualizado, capaz de ser perfeitamente entendido, porque brota do coração da realidade;
- respeito, acolhida e abertura à pessoa no que ela é;
- escuta atenta e dialógica, com respeito às diferenças individuais, à cultura e à maturidade

3

dos(as) vocacionados(as);

- paciência para reconhecer o tempo necessário para o(a) vocacionado(a) dar cada passo;
- cuidado em relação à qualidade do processo vocacional;
- testemunho, nas atividades que desempenha, do seu amor à vocação, da paixão por Jesus e do compromisso com o Reino. Viver com alegria a própria vocação;
- conhecimento dos elementos da realidade em que vive o(a) vocacionado(a).
- escuta do(a) vocacionado(a) com os sentimentos do coração;
- compreensão e respeito do momento que o(a) jovem está vivendo;
- não somente acolhimento do que o jovem diz, mas também ajuda na reflexão sobre sua visão das coisas.

3. Implicações eclesiais no acompanhamento vocacional

"Toda a comunidade cristã deveria ser animadora vocacional"; pelo batismo somos chamados a isso. É importante que isso vingue no acompanhamento dos(as) vocacionados(as) hoje. Ou seja, não tem sentido fazer uma opção de vida e viver isolado. Isso não é ser Igreja. Isso não é Reino de Deus. O caminho do isolamento é o caminho do egoísmo, da tristeza, da falta de compartilhar com o outro o grande tesouro que encontramos, nossa própria vocação.

O isolamento ao qual me refiro neste momento é justamente a ganância, o egoísmo, o individualismo, a incompreensão, isolamentos fatais que nos distanciam da alegria de ser animador(a) vocacional. A comunidade eclesial tem a grande missão de ser inclusiva, de ser revitalizadora e de conquistar a juventude para estar dentro dela e sendo corpo vivo nela. "A animação vocacional está relacionada com a comunidade de fé, a qual deve assumir a responsabilidade direta do dever de chamar".

Sabemos que o fato de ser o(a) animador(a) ou encarregado(a) oficial para fazer a Animação Vocacional nos coloca muitas vezes na condição de personagem que RECRUTA vocações para a comunidade, mas, na verdade, o(a) animador(a) vocacional deve ser o(a) primeiro(a) que motiva e incentiva a comunidade a ser geradora e gestora de vocações. Para José Lisboa, "não existe a figura do animador vocacional herói, solitário, separado, autônomo, desligado da comunidade, uma espécie de reprodutor vocacional, do qual todos cobram a multiplicação de vocações".

Levando em consideração que todos somos animadores(as) vocacionais, estejamos atentos(as) aos seguintes elementos a serem considerados no perfil de um(a) animador(a)vocacional.

4. Capacidade de acompanhar

Caminhar com quem faz discernimento supõe que estejamos inteiramente disponíveis para acompanhá-lo. Com isso precisamos nos convencer de que somos capazes de acompanhá-lo. Esse convencimento não deve ser orgulhoso, mas sincero e consciente da responsabilidade que temos em nossas mãos. Acompanhar exige habilidade de ser humano e espiritual. Todos nós temos essas duas dimensões muito fortes dentro de nós. Precisamos, no entanto, despertá-las nas habilidades de acompanhar.

5. Convicção e disponibilidade para acompanhar processos

A convicção, como já refletimos anteriormente, é a certeza de que não estamos vivendo esse ofício do acompanhamento por obrigação, mas por amor e carinho à pessoa que está em discernimento. A disponibilidade é fundamental para compreender que precisamos dedicar tempo ao

acompanhamento. Não há acompanhamento quando não há disponibilidade para acompanhar. É importante garantir que o acompanhamento aconteça com frequência e tenha conexão direta com o processo vocacional.

6. Sabedoria espiritual

Sabedoria se adquire com experiência, com vivências profundas em relação ao que somos e em relação ao que transmitimos para os outros. Espiritualidade é a arte de caminhar por dentro de nós mesmos e também externamente, sabendo lidar com o outro e percebendo a ação de Deus que nos torna especiais nessa caminhada. O(a) animador(a) vocacional busca ter essas duas grandes virtudes em sua vida.

Somos, portanto, desafiados(as) a despertar nas pessoas:

• a certeza de que Deus caminha com elas;

• que Deus está presente na vida e em tudo o que vivemos;

• a percepção de que viemos de Deus, vivemos com Ele e para Ele voltaremos;

• que somos, na vida, seres de Deus; portanto, ser de Deus requer de nós sabedoria, cuidado com a vida.

Ser um(a) animador(a) vocacional, portanto, nos convoca a fazer uma grande caminhada de sabedoria espiritual. Podemos ser pessoas geradoras de esperança, de amor, de bondade. E isso tudo podemos exercer em nossa missão como animador(a) vocacional.

Concluindo

A grande responsabilidade e a grande missão de acompanhar jovens vocacionados(as) está em nossas mãos, e mais do que delinear perfis de quem acompanha as vocações, podemos nós mesmos pensar: que tipo de anima- dor(a) vocacional sou? Como lido com isso no meu dia a dia? Quem são os meus referenciais quando estou vivenciando a missão de acompanhar?

Temos o grande desafio de ser ponte, de ser sinal vocacional, de ser orientador(a) de pessoas que estão em pleno ápice da vida, desejosas de viver muitas experiências, sonhadoras e cheias de expectativas. Como podemos ajudar essas pessoas no discernimento, na elaboração de um significativo projeto de vida, onde possam ser cada dia mais pé no chão, mais conscientes e mais convictas de suas escolhas?

O Projeto de Vida e a cultura vocacional são dois elementos necessários dentro dessa caminhada. Todo (a) animador(a) vocacional deve saber que um projeto de vida é fundamental numa caminhada de discernimento vocacional. Este projeto deve considerar aspectos relacionados à história de vida, às raízes, aos fatos marcantes, à estrutura pessoal atual, como a pessoa se sente, suas características, suas qualidades e desafios pessoais e, por fim, aos seus sonhos, seus ideais, seus compromissos e escolhas pessoais, e dentro disso tudo, destacamos todas as dimensões necessárias para vivera escolha vocacional com intensidade.

A cultura vocacional, por sua vez, é outro aspecto fundamental e necessário; precisamos tomar consciência de que, sós, não damos conta de recriar, de dinamizar, de chamar a atenção! Criar cultura é ajudar o outro a fazer parte e abraçar em comunhão toda a proposta da missão de acompanhar. Podemos dizer que nesta caminhada, ou seja, nesta missão, não estamos sozinhos, temos

uma multidão de fiéis, de homens e mulheres que estão dispostos (as) e só precisamos nos entreajudar, caminhar em conjunto, encontrarmos juntos as soluções mais viáveis para as tantas crises, para os tantos desafios. Não podemos aceitar que exista crise vocacional. O que precisa ser fortificado é nossa capacidade de fazermos o diferencial e assim despertar jovens que desejem também seguir Jesus Cristo e torná-lo conhecido e amado.